

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELISÂNGELA MARIA FERREIRA

**A VARIAÇÃO DE “ESTE” E “ESSE” NA FALA DOS PRIMEIROS HABITANTES
DA CIDADE DE MARINGÁ-PR: UMA ABORDAGEM À LUZ DA TERCEIRA
ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

MARINGÁ/PR

2022

ELISÂNGELA MARIA FERREIRA

**A VARIAÇÃO DE “ESTE” E “ESSE” NA FALA DOS PRIMEIROS HABITANTES
DA CIDADE DE MARINGÁ-PR: UMA ABORDAGEM À LUZ DA TERCEIRA
ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Maringá,
como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Letras. Área de concentração:
Estudos Linguísticos, linha de
pesquisa: Descrição Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Hércius
Batista Pereira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP)(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR,
Brasil)

F383v

Ferreira, Elisângela Maria

A variação de "este" e "esse" na fala dos primeiros habitantes da cidade de Maringá - PR : uma abordagem à luz da terceira onda da sociolinguística / Elisângela Maria Ferreira.

-- Maringá, PR, 2022.

148 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Hércius Batista Pereira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

CDD 23.ed. 306.44

ELISÂNGELA MARIA FERREIRA

**A VARIAÇÃO DE “ESTE” E “ESSE” NA FALA DOS
PRIMEIROS HABITANTES DA CIDADE DE MARINGÁ-PR:
UMA ABORDAGEM À LUZ DA TERCEIRA ONDA DA
SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos.**

Aprovada em Maringá, **22 de agosto de 2022.**

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Neiva Maria Jung
Membro Titular - UEM/PLE



Prof^a Dr^a Marília Silva Vieira
**Membro Externo (UEG/Cora Coralina –
Goiás/GO)**



Prof. Dr. Hélcio Batista Pereira
Presidente – Orientador

*Aos meus pais, Geralda Ferreira e Valdomiro
Ferreira (in memorian), pelo apoio e pelo sonho
de ver a filha chegando até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Não há dúvidas de que a pesquisa acadêmica exige muita leitura. Livros, teses, dissertações, artigos passam a ocupar a maior parte do tempo de qualquer pós-graduando.

Nessas tantas leituras que o Mestrado cobrou, passei a observar com cuidado as seções de agradecimentos que boa parte delas traziam. Prendiam a minha atenção a informalidade e a beleza com que os textos eram escritos, e chegava mesmo a me emocionar com os relatos pessoais que eles carregavam.

Fui percebendo, além disso, que, em geral, havia uma ordem a seguir em relação aos agradecidos: agradecia-se a Deus em primeiro lugar; família e orientadores deviam, também, constar dentre as primeiras linhas.

Hoje, quando escrevo os meus agradecimentos, vejo que o clichê é necessário. Não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus, pois, sem Sua ajuda constante, o sonho do Mestrado estaria ainda no papel.

Minha família, em razão dos esforços que realizou para me trazer até aqui, deve também, de fato, aparecer entre os primeiros agradecidos. Dessa forma, agradeço à Geralda Ferreira, minha mãe, por realizar o papel duplo de mãe, cuidando de mim e da Flávia, minha filha. A esta, a propósito, agradeço seu alerta frequente nos momentos de desmotivação. Agradeço, ainda, ao Maycon, meu namorado, por torcer por mim mais do que torce pelo seu time São Paulo e, sobretudo, por tantas vezes, abdicar de seu tempo em meu favor.

Em seguida, tamanha a sua importância para esta pesquisa, devo, também, dedicar estes primeiros agradecimentos ao meu orientador Hércius a quem, repetidas vezes, chamei de professor, talvez porque ele faça essa palavra ter sentido e parecer mais bonita. A ele, agradeço a confiança, a orientação e, principalmente, o cuidado. Tão sábio como generoso, mostrou-me que atenção, respeito e empatia devem estar na base da relação entre orientador e orientando.

Às amigas Jéssica Campos e Adriane Anicias, agradeço as conversas informais e leves sobre o Mestrado e a leitura de alguns textos que necessitavam de suas confirmações de qualidade. À também amiga Patrícia Nunes de Paula, agradeço a palavra amiga, a escuta atenta e o encorajamento tão importantes na pós-graduação.

Agradeço também às demais pessoas que contribuíram diretamente para a realização desta pesquisa: à Gerência de Patrimônio Histórico da Cidade de Maringá, por permitir acesso ao material em que analisamos o objeto de pesquisa; à professora Jacqueline Ortelan Maia Botassini, por apontar os primeiros encaminhamentos quando esta pesquisa era, ainda, um projeto; às professoras Marília Silva Vieira e Neiva Maria Jung, por aceitarem o convite para composição da banca e, nela, contribuírem de forma tão eficaz com vasto conhecimento sociolinguístico, apontando direcionamentos tão objetivos e caros ao desenvolvimento desta pesquisa.

Devo agradecimento, ainda, a todos os docentes das disciplinas que cursei durante o Mestrado: André Luis Antonelli, Flávio Brandão Silva, Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso, Pedro Luis Navarro Barbosa, Juliano Desiderato Antonio, Érica Danielle Silva e William Ramos. A eles, agradeço a contribuição em minha formação acadêmica e pessoal.

Agradeço, por fim, aos meus alunos, em especial, aos que, neste ano, formam o 5º ano da Escola Vicentina São Vicente de Paulo/Paranavaí, crianças que eu aprendi a amar e que me mostram, em todas as aulas, que há sim razões para continuar professora.

RESUMO

Ao considerar o uso variável entre as formas demonstrativas “este” e “esse”, já atestada em vasta literatura (MATTOSO CAMARA JR., 1970), (PAVANI, 1987), (CASTILHO, 1993), (RONCARATI, 2003), (JUNGBLUTH, 2004), (MARINE, 2004) e (PEREIRA, 2005), associado à concomitante formação da cidade de Maringá, Paraná, dois questionamentos podem ser levantados, a saber: a) qual a norma de uso do sistema demonstrativo era vigente dentre a primeira geração de habitantes da cidade de Maringá?; b) como esses usos linguísticos podem ser inter-relacionados aos aspectos socioculturais desses falantes, com base nas comunidades de práticas às quais se filiavam? Neste trabalho, de caráter quanti-qualitativo, intenciona-se responder a essas duas perguntas. Para tanto, são escolhidas dez entrevistas orais de falantes considerados primeiros habitantes da cidade, todas adquiridas em meios públicos. A partir delas, desenvolvem-se duas análises. A primeira, de cunho exclusivamente linguístico, é feita com base em Castilho (2010) e, nesse caso, consideram-se os contornos semântico, gramatical e discursivo das formas em questão, conforme a abordagem multissistêmica da língua. A segunda análise, por sua vez, busca associar os usos linguísticos desses falantes a seus elementos identitários, os quais são obtidos a partir dos discursos criados por eles durante as entrevistas. Para amparar esta segunda análise, são utilizadas as considerações sobre conceituação de identidade de Hall (2006), bem como os preceitos da chamada Terceira Onda da Sociolinguística, principalmente condizentes às noções de Eckert (2000). Os dados analisados revelam um processo de variação em que a forma “este” engloba “esse” de forma massiva, além de apontar como os falantes realizavam o uso dessas formas de acordo com as comunidades de práticas às quais se filiavam e com a *persona* que constituíam em contextos determinados. Com essas informações, pretende-se contribuir para o estudo da variação do sistema pronominal demonstrativo brasileiro, bem como colaborar para a reconstituição da história do Português Brasileiro em Maringá, com ênfase na geração dos primeiros habitantes da cidade.

Palavras-chave: Demonstrativos. Variação. “Este”/”Esse”. Comunidades de Práticas.

ABSTRACT

When considering the variable usage between the demonstrative forms “este” and “esse”, already attested in vast literature (MATTOSO CAMARA JR., 1970), (PAVANI, 1987), (CASTILHO, 1993), (RONCARATI, 2003), (JUNGBLUTH, 2004), (MARINE, 2004) and (PEREIRA, 2005), associated with the concomitant formation of the city of Maringá, Paraná, two questions can be raised: a) which norm for the use of the demonstration system was in force among the first generation of inhabitants of the city of Maringá?; b) how can these linguistic uses be interrelated to the sociocultural aspects of these speakers, based on the communities of practice to which they were affiliated? This quantitative-qualitative work intends to answer these two questions. For that, ten oral interviews of speakers considered the first inhabitants of the city are chosen, all acquired in public media. From them, two analyzes are developed. The first, exclusively linguistic, is based on Castilho (2010) and, in this case, the semantic, grammatical and discursive contours of the forms in question are considered, according to the multisystem approach of the language. The second analysis, in turn, seeks to associate the linguistic uses of these speakers to their identity elements, which are obtained from the discourses created by them during the interviews. To support this second analysis, considerations about the conceptualization of identity by Hall (2006) are used, as well as the precepts of the so-called Third Wave of Sociolinguistics, mainly consistent with the notions of Eckert (2000). The analyzed data reveal a process of variation in which the form “este” encompasses “esse” in a massive way, in addition to pointing out how the speakers used these forms according to the communities of practices to which they affiliated and with the persona they belonged to constituted in specific contexts. With this information, it is intended to contribute to the study of the variation of the Brazilian demonstrative pronominal system, as well as to collaborate for the reconstitution of the history of Brazilian Portuguese in Maringá, with emphasis on the generation of the first inhabitants of the city.

Keywords: Demonstratives. Variation. “Este”/ “Esse”. Communities of Practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Procedimento para análise dos dados, no Excel	38
Figura 2 – Tabulação dos dados, no Excel	39
Figura 3 – Abordagem Multissistêmica da Língua	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Novo Norte de Maringá – naturalidade dos cônjuges, por sexo, segundo as principais unidades da Federação – 1944 – 1980.....	24
Tabela 2 – Distribuição das formas demonstrativas na endófora e exófora	62
Tabela 3 – Distribuição das formas demonstrativas por falante	62
Tabela 4 – Comparação entre o demonstrativo utilizado pelo entrevistador e pelo falante.....	64
Tabela 5 – Distribuição das formas demonstrativas como especificador	65
Tabela 6 – Distribuição das formas demonstrativas como núcleo.....	66
Tabela 7 – Distribuição das referências endofóricas por falante	68
Tabela 8 – Distribuição das referências exofóricas por falante	69
Tabela 9 – Distribuição das formas demonstrativas no campo do locutor	70
Tabela 10 – Distribuição das formas demonstrativas no campo do interlocutor	71
Tabela 11 – Distribuição das formas demonstrativas com referência dêitica	73
Tabela 12 – Distribuição das formas demonstrativas indicadoras de tempo passado....	74
Tabela 13 - Distribuição das formas demonstrativas indicadoras de tempo presente....	74
Tabela 14 - Distribuição das formas demonstrativas com referência dêitica espacial.....	75
Tabela 15 – Distribuição das formas anafóricas por falante.....	77
Tabela 16 – Distribuição das formas catafóricas por falante	77
Tabela 17 – Distribuição das formas demonstrativas em sentença adjacente a do antecedente	78
Tabela 18 – Distribuição das formas demonstrativas em sentença não adjacente a do antecedente	79
Tabela 19 – Distribuição das funções textuais exercidas pelos demonstrativos na organização tópica dos discursos	80
Tabela 20 - Distribuição das formas demonstrativas nas inserções de novo tópico discursivo	81
Tabela 21 - Distribuição das formas demonstrativas na continuidade do tópico discursivo	82
Tabela 22 - Distribuição das formas demonstrativas no encerramento do tópico discursivo	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Como deve ser descrito o sistema do português brasileiro?	21
Quadro 2 – Pseudônimos e breve descrição das biografias dos informantes	32
Quadro 3 – Fonte, ano, duração das entrevistas e principais tópicos abordados no roteiro de perguntas	34
Quadro 4 – Informantes, origem, ano de chegada à Maringá e suas principais comunidades de práticas	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 - VARIAÇÃO DO SISTEMA DEMONSTRATIVO BRASILEIRO E A CIDADE DE MARINGÁ.....	18
1.1 O sistema pronominal demonstrativo brasileiro.....	18
1.2 A formação da cidade de Maringá.....	23
1.3 O pioneiro de acordo com os discursos oficiais sobre a formação de Maringá	26
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	29
2. 1 Tratamento sociolinguístico	29
2.1.1 Informantes.....	29
2.1.2 Entrevistas	33
2.1.3 Transcrições.....	37
2.2 Abordagem dos dados	37
2.2.1 Tratamento estatístico.....	38
2.2.2 Propriedades gramaticais dos demonstrativos.....	39
2.2.2.1 As variantes	40
2.2.2.2 Função das formas demonstrativas no sintagma	40
2.2.3 Propriedades semânticas do demonstrativo.....	41
2.2.3.1 Tipo de referência.....	41
2.2.3.2 Campo de interlocução	42
2.2.4 Propriedades discursivas do demonstrativo.....	43
2.2.4.1 Adjacência com a sentença do antecedente	43
2.2.4.2 Demonstrativos e organização tópica do texto	44
2.2.5 Análise discursivo-sociocultural	46
CAPÍTULO 3 - APORTE TEÓRICO	47
3.1 Língua e sociedade: a Terceira Onda da Sociolinguística e o conceito de comunidade de prática	47
3.2 Língua e identidade	53
3.3 A abordagem multissistêmica da língua.....	56
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE LINGUÍSTICA MULTISSISTÊMICA: AS PROPRIEDADES GRAMATICAIS, SEMÂNTICAS E DISCURSIVAS DOS DEMONSTRATIVOS	59
4.1 Análise das propriedades gramaticais dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá.....	61
4.1.1 Variantes.....	61
4.1.2 Função no sintagma.....	64

4.2 Análise das propriedades semânticas dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá.....	67
4.2.1 Tipo de referência.....	67
4.2.2 Campo de interlocução	70
4.2.3 Tempo e espaço	73
4.3 Análise das propriedades discursivas dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá.....	76
4.3.1 Anáfora ou catáfora	76
4.3.2 Adjacência com o antecedente	78
4.3.3 Demonstrativos e organização tópica do texto	80
4.4 Considerações Finais acerca da análise linguística multissistêmica	84
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DISCURSIVO-SOCIOCULTURAL.....	86
5.1 Aurélio.....	86
5.2 Agnaldo	92
5.3 Ana	101
5.4 Bianca	107
5.5 Beto.....	114
5.6 Heloísa.....	120
5.7 João.....	125
5.8 Luana	130
5.9 Márcia.....	133
5.10 Tadeu	138
5. 11 Considerações Finais acerca da análise discursivo-sociocultural.....	142
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realiza um estudo da língua em sua característica mais prototípica: como atividade humana, com base na análise de seu uso real. Assim, propõe-se, como premissa que motiva a realização deste trabalho, o fato de que “é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro” (CASTILHO, 2010, p. 31), o que leva à conclusão de que a língua é, pois, um ato de identidade (LE PAGE, 1980).

Na busca por corroborar essa ideia, aqui é abordado o quadro do sistema demonstrativo do português brasileiro, considerando a variação das formas “este” e “esse”, um fenômeno que já se constitui como um processo de mudança (PEREIRA, 2005).

A razão pela qual escolhemos esse objeto de pesquisa decorre do fato de que, embora muitos trabalhos já tenham explorado o tema, suas análises levavam em consideração o condicionamento da variação a partir de variáveis estritamente linguísticas. Além disso, o fenômeno variável era investigado, na maior parte das vezes, em grandes centros urbanos.

Neste estudo, para além de selecionar variáveis linguísticas que podem condicionar a variação de “este” e “esse”, buscamos compreender os possíveis fatores envolvidos nessa variação, com base na análise da forma como ela é determinada pelos elementos identitários dos falantes.

Ademais, investigamos essa variação em dados de falas de informantes considerados primeiros habitantes da cidade de Maringá/PR, de maneira que a história do Português Brasileiro possa, também, ser contada a partir de cidades menores, como Maringá, localidade que consiste em um local interessante para a análise, visto que, o fato de ter sido construída de maneira forçada, como se verá no capítulo posterior, implicou um encontro multicultural e de grande diversidade linguística, além de permitir entender a variação concomitante à formação da cidade.

Nesse sentido, a relação entre o fenômeno variável das formas pronominais demonstrativas “este” e “esse” e a história da cidade de Maringá suscita dois questionamentos a partir dos quais partem os objetivos desta pesquisa, a saber: i) quais normas de usos dos demonstrativos estavam presentes na fala desses primeiros

habitantes?; (ii) como inter-relacionar esses usos linguísticos com os aspectos socioculturais referentes a esses falantes?

Na busca por responder a tais perguntas, a partir de dados retirados de dez entrevistas orais, duas análises serão apresentadas. A primeira tem caráter exclusivamente linguístico e é realizada com base em Castilho (2010), conforme a análise multissistêmica da língua. Assim, consideraremos as propriedades semânticas, gramaticais e discursivas que as formas “este” e “esse” apresentam em cada um dos usos dos informantes, intencionando identificar as normas de uso vigentes.

A segunda análise corresponde à identificação dos aspectos socioculturais dos informantes, na busca pela reconstituição de suas identidades, o que poderá apontar como os usos das formas “este” e “esse” associavam-se a tais elementos.

Em função desses propósitos, buscamos amparo na Sociolinguística, em especial, naquela que se designa de Terceira Onda, haja vista que a teoria fornece condições para que se possa associar fatos linguísticos a elementos socioculturais dos falantes, levando em consideração, sobretudo, como uma variante é enquadrada ao estilo de um falante na busca pela sua constituição de identidades.

Com base nos preceitos da área, e, principalmente à luz de Eckert (2000), centraremos nossa investigação na construção de identidades e na filiação a comunidades de práticas, considerando que é no grupo de pessoas que se engajam em empreendimentos comuns, a partir de práticas comuns, que as variantes linguísticas assumem um significado social.

No que concerne estritamente ao *corpus* de onde nossos dados foram gerados, ele é composto, como já mencionado, por dez entrevistas orais de dez dos primeiros habitantes da cidade de Maringá. Todas elas foram produzidas em anos anteriores por diferentes atrações midiáticas, que se propunham a contar a “história de Maringá”. Por questões éticas, não revelaremos os verdadeiros nomes de nossos informantes, sendo a eles atribuídos pseudônimos.

A motivação para a escolha desses falantes, cinco homens e cinco mulheres, decorre do fato de que todos eles participaram de forma direta ou indireta da formação da cidade.

Assim, assumindo caráter quanti-qualitativo, uma vez que busca quantificar os dados relativos à variação das formas demonstrativas e associá-los a um valor social, esta pesquisa poderá contribuir para o estudo da variação do sistema pronominal demonstrativo brasileiro, bem como colaborar para a reconstituição da história do

Português Brasileiro em Maringá, com ênfase na geração dos primeiros habitantes da cidade.

Já no que diz respeito à estrutura desta pesquisa, buscamos dividi-la em seis capítulos para além desta introdução. No primeiro capítulo, pretende-se contextualizar a variação do sistema demonstrativo brasileiro, à medida que se contextualiza também a história da formação da cidade de Maringá, haja vista que se pode afirmar que ambas aconteceram de forma concomitante.

No segundo capítulo, aborda-se a metodologia, circunstância em que são descritos os processos metodológicos que resultaram na execução da presente pesquisa, divididos em duas classes: tratamento sociolinguístico e tratamento estatístico, considerando o caráter quanti-qualitativo deste estudo.

No terceiro capítulo, faz-se uma descrição do aporte teórico aqui utilizado, apontando as principais teorias e definindo os conceitos nos quais nos amparamos.

No quarto capítulo, apresenta-se a análise linguística, que demonstrará como nossos informantes empregavam as formas demonstrativas em seus usos, observando a abordagem multissistêmica da língua (CASTILHO, 2010). Os dados apontados nessa circunstância poderão já indicar como os informantes utilizavam a língua de acordo com a construção de diferentes identidades.

No capítulo 5, essa questão será explorada com maior afinco. Nesse caso, a proposta é apresentar a análise discursivo-sociocultural dos informantes, ocasião em que os elementos identitários de cada falante serão levantados, com base nos discursos criados por eles durante as entrevistas. Tal empreendimento objetiva identificar as comunidades de práticas das quais os informantes participavam, bem como fornecer suporte para que se possa, assim, atribuir um significado social às variantes “esse” e “este”. Essa análise será seguida pelas considerações finais da pesquisa e pelas referências que deram suporte ao trabalho.

Isso posto, passa-se, agora, ao primeiro capítulo que compõe o presente estudo. Nessa ocasião, são abordados a variação no quadro do sistema demonstrativo brasileiro e o contexto de formação da cidade de Maringá.

CAPÍTULO 1 - VARIAÇÃO DO SISTEMA DEMONSTRATIVO BRASILEIRO E A CIDADE DE MARINGÁ

Em princípio, este capítulo discorre sobre o sistema pronominal demonstrativo brasileiro, demonstrando como as gramáticas de orientação normativa prescrevem sua utilização. Em seguida, amparando-se em estudos que analisaram esse objeto, busca apresentar o processo de mudança pelo qual esse sistema vem passando, o que tem alterado o seu caráter tripartite.

Adiante, após tais explanações, contextualiza sobre o processo de formação da cidade de Maringá, de maneira que se possa demonstrar como o exame do uso do sistema demonstrativo nessa localidade é significativo.

Por fim, considerando o fato deste trabalho analisar dados de fala de informantes apontados como primeiros habitantes da cidade, este capítulo apresentará, também, uma subseção em que explorará a construção da imagem do pioneiro, de acordo com os discursos oficiais sobre a formação de Maringá.

1.1 O sistema pronominal demonstrativo brasileiro

Constituído em parte como “um sistema complexo, sujeito a múltiplas variações e interações quer no plano sincrônico quer no plano diacrônico” (ANDRADE, 1999, p. 156), o sistema demonstrativo é tema de vasta literatura que o aborda quer na sincronia, diacronia, quer na pancronia.

No português brasileiro, em especial, o sistema demonstrativo constitui-se, *a priori*, a partir de um modelo tripartite, com formas variáveis (este, esse e aquele), e invariáveis (isto, isso e aquilo). Todas essas formas são capazes de realizar tanto referências endofóricas, aquelas que dizem respeito ao interior do texto, quanto referências exofóricas, relativas ao exterior do texto, as denominadas referências dêiticas, temporais ou espaciais.

De forma prescritiva, gramáticas de orientação normativa atribuem funções específicas para as formas demonstrativas, que são geralmente condicionadas pela sua relação com o locutor e os interlocutores de um enunciado. Isso porque, de acordo com Jungbluth (2004), em estudo em que descreve o uso dos demonstrativos do português

brasileiro em comparação a outras línguas românicas, as gramáticas tradicionais associam os pronomes demonstrativos às pessoas gramaticais, com base nas gramáticas latinas e gregas. Assim o fazem Cunha e Cintra (1985), ao definirem os pronomes demonstrativos como os responsáveis por situar a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais, localizando-a no espaço ou no tempo. Outros gramáticos, no entanto, localizam-na também em relação ao texto/discurso.

De acordo com esse modelo apregoadado, as formas pronominais demonstrativas adquirem diferentes funções na referenciação a itens no espaço, no tempo e no texto, como se verá a seguir. É em relação ao espaço que a associação entre os pronomes demonstrativos e as pessoas gramaticais são mais evidentes:

a) “Este” e flexões - no que tange ao espaço, indicam aquilo que está perto do falante; no contexto, referem-se ao que vai ser dito posteriormente; e no tocante ao tempo, indicam o tempo corrente, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos¹:

- (1) Este livro que está comigo foi publicado há tempos.
- (2) Ela só nos pediu isto: compreensão e apoio.
- (3) O mundo está passando por profundas transformações. Este é um tempo que muitos pensavam não chegar tão cedo.

b) “Esse” e flexões – em relação ao espaço, indicam algo que está perto do ouvinte; no texto, referem-se a algo que já foi mencionado; e quanto ao tempo, indicam um tempo passado ou futuro não muito distante, conforme exemplificam os excertos:

- (4) Esse livro que está com você foi publicado há tempos.
- (5) Compreensão e apoio: ela só nos pediu isso.
- (6) A seleção brasileira jogará no Chile nesse final de semana.

c) “Aquele” e flexões – no que concerne ao espaço, indicam aquilo que está distante tanto do locutor quanto do interlocutor; em relação ao texto, em conjunto com a forma “este”, substituem um primeiro nome citado, ao passo que “este” substituiria um

¹ Todos os exemplos que ilustram o uso dos demonstrativos com base nas gramáticas de orientação normativa foram retirados de: AMARAL, Emília; ANTÔNIO, Severino; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo. **Português. Novas Palavras: Literatura, Gramática, Redação**. São Paulo: FTD, 2000, p. 385-386.

primeiro; já no que diz respeito ao tempo, referem-se a um passado ou futuro remoto. Os exemplos a seguir ilustram tais usos:

- (7) O que é aquilo no fim da rua?
- (8) Brasil e Uruguai são dois países sul-americanos. Aquele foi colonizado pelos portugueses; este, pelos espanhóis.
- (9) Mudei pra cá há vinte anos. Naquela época aqui não havia escola, nem hospital, nem estrada asfaltada.

Jungbluth (2004), todavia, faz uma importante observação sobre a associação entre pronomes demonstrativos e pessoas gramaticais, ao asseverar que:

Esse conceito não é transmitido ao longo do desenvolvimento das diferentes línguas românicas. Por isso não se deve considerar que as pessoas gramaticais e os pronomes demonstrativos apresentam uma ligação obrigatória [...] A reinterpretação do sistema com referência à distância conduz aos parâmetros *perto* versus *longe*. Há indicações que levam a pensar que o sistema brasileiro é um sistema binário[...] (JUNGBLUTH, 2004. p. 86)

Assim, a autora apresenta um quadro que, segundo (CÂMARA, 1971, p. 327), ilustra a maneira pela qual o quadro do sistema demonstrativo brasileiro deve ser descrito, qual seja:

Quadro 1: Como deve ser descrito o sistema do português brasileiro?

Português brasileiro	este	esse	aquele
Português brasileiro	este/esse		aquele
Português brasileiro	esse		aquele

Fonte: JUNGBLUTH, 2004, p. 87

Vê-se, a partir do quadro, que, do modelo tripartite, passa-se para uma nova forma em que “este” e “esse” disputam o uso de maneira variável. Por fim, não se apresenta a forma “este”, evidenciando o binarismo que o sistema demonstrativo brasileiro apresentaria, em que a forma “esse” desempenharia os papéis atribuídos a ela e à forma “este”, outrora.

Segundo a autora, essa mudança no quadro demonstrativo acontece porque as gramáticas tradicionais focalizam a relação entre os pronomes demonstrativos e as pessoas gramaticais, ao passo que

Novas propostas reinterpretam as pessoas gramaticais focalizando os papéis que tomam no momento do diálogo. A primeira pessoa é o falante, a segunda pessoa o interlocutor. Como uma função básica dos pronomes demonstrativos consiste em estabelecer uma relação com o objeto presente no contexto extralingüístico, chamada referência exofórica, combinam-se além disso os parâmetros da distância e da visibilidade (JUNGBLUTH, 2004, p. 87-88).

Dessa maneira, as formas demonstrativas a serem utilizadas estariam condicionadas à situação comunicativa e não às pessoas gramaticais.

Corroborando a ideia de variação no sistema pronominal demonstrativo brasileiro, muitos estudos descritivos, empregando diferentes *corpora*, têm apontado um abandono a esse modelo tripartite e demonstrado uma situação em que a forma “esse” engloba a forma “este”, ao passo em que é utilizada de forma massiva em relação a esta última. Estaríamos, então, diante da seguinte circunstância:

A rigor, no emprego anafórico desaparece a oposição *este*: *esse*, ou antes, *este* não passa de uma forma mais enfática do que *esse*. A oposição estrutural se transpõe para uma mera oposição estilística. A verdadeira oposição fica entre *este* (*esse*): *aquele*, assinalando o primeiro membro proximidade no contexto e o segundo uma referência à distância. (MATTOSO CAMARA JR., 1970, p. 124, grifos do autor).

De acordo com Mattoso Camara Jr. (1970), o abandono do modelo tripartite se justificaria por uma razão simplesmente fonológica, uma vez que, segundo ele, essa distinção é pequena, razão que valeria também, provavelmente, para o contexto exofórico.

Estudos posteriores seguiram confirmando a tendência do crescimento de uso da forma “esse” em relação a “este”. A exemplo, Pavani (1987), além de atestar tal tendência, considerou a falta de relação entre formas demonstrativas e locativos que, em tese, condicionariam determinados usos. A autora concluiu que há um processo em que “esse” engloba “este”, sem um intercâmbio de formas. Contudo, Castilho (1993) sugeriu cautela em relação a esse processo, visto que haveria ainda, sobretudo na escrita, situações em que o modelo tripartite seria exigido.

A conclusão de Pavani (1987) foi respaldada nas análises de Roncarati (2003), estudo posterior que, analisando material de mídia jornalística escrita, sustenta a

separação de demonstrativos e locativos e conclui que a combinação do demonstrativo “esse” com o locativo “aqui” demonstraria “enfraquecimento do sistema ternário”.

Dando continuidade aos estudos que se voltam para a análise da mudança no quadro demonstrativo brasileiro, Marine (2004) analisa de forma comparativa *corpora* constituídos por jornais do século XIX e início do XX e revistas femininas igualmente deste último século, e afirma a hipótese em um processo de “especialização de formas”, fenômeno em que uma forma deixa de ser utilizada em um contexto para ser empregada unicamente em outro.

Nesse caso, para a autora, “este” teria se especializado na exófora, enquanto “esse”, na endófora. Tal hipótese é, no entanto, rebatida por Pereira (2005), que demonstra que, embora os dados colhidos pela autora confirmem que “esse” seja mais utilizado em contexto endofórico, há, ainda, recorrência de uso dessa forma em contexto exofórico, motivo pelo qual a tese não se sustentaria quando concernente ao PB. Para o autor, o quadro demonstrativo passaria por um processo de mudança em que, em alguns contextos, a forma “este” ainda apresentaria resistência.

Assim, os referidos trabalhos apresentam um bom quadro da mudança por que passa o sistema demonstrativo brasileiro. O que se vê, no entanto, é que, de forma geral, essas descrições, que analisam o funcionamento do PB, restringem-se – quase sempre – ao estudo da língua em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo².

Acredita-se, então, que tais questões devam ser investigadas também com base nas diferentes Histórias de ocupação do país por falantes de Português, uma vez que, “não se pode compreender o Brasil atual e o português brasileiro, sem antes analisar o modo pelo qual cresceu e se diversificou o país, em sua vasta extensão territorial” (CALLOU, 2015, p. 73, *apud* LUCHESI; CALLOU, 2020 p. 258-279), posto que, como se sabe, o processo de expansão do Português no Brasil foi lento e não ocorreu da mesma forma, com os mesmos fatos sócio-históricos.

É em função dessa hipótese que, neste trabalho, a variação do sistema demonstrativo brasileiro é analisada em dados de fala dos primeiros habitantes da cidade de Maringá, Paraná, na busca de, também, contribuir para a recomposição de parte da história linguística dessa cidade. Assim, na seção subsequente, discorre-se

² Pereira (2005) sintetiza estudos a partir dos quais tem-se um bom quadro da variação em tais centros urbanos.

sobre a formação dessa localidade, na busca por demonstrar como esse processo pôde impactar os dados linguísticos aqui expostos.

1.2 A formação da cidade de Maringá

Maringá constitui-se como um bom campo para análise da língua haja vista seu contexto de formação, que proporcionou o contato de pessoas de diferentes regiões, promovendo grande diversificação cultural e linguística.

Definida por Silva (2006) como uma cidade peculiar, surgida de um espaço físico devastado para ser reconstruído com o objetivo de atender a interesses políticos e econômicos expansionistas, a cidade de Maringá foi fundada em 10 de maio de 1947, quando ainda era um distrito do município de Mandaguari.

Os interesses políticos e expansionistas que impulsionaram e forçaram a formação da cidade concretizaram-se com um projeto de agroexportação e de colonização motivado pelo plantio de café. De acordo com Dias (2000),

esse projeto colonizador indicava a constituição de núcleos urbanos a partir de uma dada distância e a edificação de cidades que deveriam assumir a condição de pólos regionais. Prevista para ser um desses pólos, Maringá nasceu sob o signo do planejamento, característica que também influenciaria o seu traçado urbano. (DIAS, 2000, p. 106)

Dessa forma, a formação dessa localidade foge da visão de cidade originada por um processo de aglomeração de pessoas, tal como se dá em uma vila ou um vilarejo que acaba tornando-se, posteriormente, um município (SILVA, 2006).

O projeto de colonização de Maringá ficou sob responsabilidade, principalmente, da Companhia de Terras Norte do Paraná, doravante CTNP, que visava, além da venda de terras para a construção das cidades, a exportação de café e de algodão para a indústria inglesa, uma vez que subsidiava, em São Paulo, a empresa Paraná Plantations Company, com sede em Londres.

De acordo com Silva (2006), o processo de colonização dessa área efetivou-se, de fato, apenas com a Segunda Guerra Mundial, quando a CTNP foi vendida ao capital nacional, passando a chamar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, doravante CMNP. Desde então,

A CMNP desmatou, loteou e ocupou a maior parte da área do norte do Paraná; procurou atrair imigrantes estrangeiros como italianos, alemães, poloneses, ucranianos e japoneses, pois estes povos eram considerados mais produtivos e aptos à implantação de culturas agrícolas com as quais já lidavam em seus países de origem (SILVA, 2006, p. 85).

Assim, no que tange ao panorama sociocultural, nota-se que o processo de formação e colonização de Maringá promoveu o contato de diferentes pessoas de localidades diversas, visto que, além das várias nacionalidades que migraram para aquele local, à futura cidade de Maringá deslocaram-se, também, pessoas de diferentes localidades brasileiras.

A tabela abaixo, retirada de Luz (1999), analisa a naturalidade de cônjuges que se casavam na microrregião de Maringá entre os anos de 1944 a 1980, e aponta a diversidade cultural e a variedade linguística que a formação da cidade oportunizou.

Tabela 1. Novo Norte de Maringá – naturalidade dos cônjuges, por sexo, segundo as principais unidades da Federação – 1944 - 1980

Naturalidade	Pessoas que se casaram					
	Total		Sexo			
			Homens		Mulheres	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
São Paulo	54 131	36,2	28 060	37,5	26 071	35,0
Paraná	49 140	33,0	20 618	27,6	28 522	38,2
Minas Gerais	20 374	13,6	10 979	14,7	9 395	12,6
Bahia	6 903	4,6	4 130	5,5	2 773	3,7
Pernambuco	3 723	2,5	2 142	2,9	1 581	2,1
Alagoas	2 491	1,7	1 339	1,9	1 092	1,5
Santa Catarina	2 279	1,5	1 238	1,7	1 041	1,4
Rio de Janeiro	2 165	1,4	1 159	1,6	1 006	1,3
Ceará	1 926	1,3	1 150	1,5	776	1,0
Espírito Santo	1 350	0,9	705	0,9	645	0,9
Sergipe	771	0,5	482	0,6	289	0,4
Paraíba	747	0,5	441	0,6	306	0,4
Rio Grande do Sul	603	0,4	342	0,5	261	0,3
Outras unidades	741	0,5	426	0,6	315	0,4
Estrangeiros	2 070	1,4	1 443	1,9	627	0,8
Sem declaração	44	0,0	15	0,0	29	0,0
TOTAL	149 458	100,00	74 729	100,00	74 729	100,00

Fonte: Luz, 1999, p. 149

De modo geral, a análise da tabela permite a compreensão do encontro cultural que a formação da região onde se localizaria a cidade de Maringá proporcionou, além

de revelar grande participação paulista e mineira na formação da localidade. Os próprios paranaenses, de outras regiões, compuseram parte desse contingente.

Considerando os dados relativos a essa primeira fase de colonização, o que se vê, a partir da tabela supracitada, é a participação de pessoas de diferentes localidades geográficas que se reúnem para formar a cidade, promovendo o encontro de diferentes variedades linguísticas. Tal feito não aconteceria se não fosse a construção da localidade. Assim, entende-se que é esse encontro que dá à História do PB em Maringá um interesse relevante, o qual justifica o exame da língua na cidade.

O contato dos povos que se juntavam para formar a região onde se fundaria Maringá tem grande relevância no que diz respeito ao panorama linguístico, uma vez que, da mesma forma como a colonização do Brasil pode ter influenciado a língua que aqui se fala, a colonização dessa cidade pode, também, ter exercido influência na história do português brasileiro da região.

Isso posto, nota-se que muitos estudos apontaram uma mudança no quadro do sistema demonstrativo brasileiro, segundo a qual, esse sistema estaria abandonando o modelo tripartite, uma vez que as formas “este” e “esse” estariam em processo de variação. Concomitante a esse processo de mudança, a formação da cidade de Maringá avançava, proporcionando um encontro de grande variedade linguística.

Tem-se, então, o contexto que gera o interesse do estudo da variação do sistema demonstrativo nessa cidade e com essas pessoas – os seus primeiros habitantes – uma vez que as seguintes questões podem ser levantadas: a) Qual era a norma de uso dos demonstrativos vigente entre os diferentes grupos de falantes que constituíram a cidade em seus momentos iniciais?; b) Como esses falantes se integraram socialmente e se engajaram pela linguagem das diferentes comunidades de práticas que o convívio na nova cidade proporcionou?

As análises propostas por esta pesquisa, trazidas em momento posterior, poderão dar conta de responder a tais questionamentos e, ainda, a um terceiro: c) qual o significado social que “este” ou “esse” pode adquirir mediante a fala de um dos informantes?

Antes, no entanto, é forçoso discorrer sobre a construção do pioneiro de acordo com os discursos oficiais sobre a formação da cidade de Maringá, levando em consideração o fato de que, neste trabalho, lidamos com dados de falas de informantes que, na maioria dos casos, são assim considerados pelas leis implementadas no município. Assim, é importante ter consciência sobre o que dizem tais discursos sobre

os pioneiros para que se possa, também, avaliar de que modo essas ideologias pesarão na construção das narrativas dos informantes.

1.3 O pioneiro de acordo com os discursos oficiais sobre a formação de Maringá

Como mencionado anteriormente, a CMNP procurou atrair investidores de diferentes localidades a fim de vender as terras onde se formaria a cidade de Maringá. Uma das estratégias utilizadas pela empresa foi a vasta divulgação de propagandas, que atingiam um público bastante diverso.

Nessas propagandas, a CMNP iniciava um discurso que se tornou bastante recorrente quando se conta uma das versões da história da cidade. Nelas, a região norte do Paraná era apresentada como um local inexplorado, de muita riqueza, oferecendo a infundada ideia de um espaço vazio que desconhecia a presença humana.

Tomazzi (1999), questionando a criação da identidade do cidadão norte-paranaense dentro desses discursos, afirma:

Esses autores, ao criarem o “norte-paranaense”, ou o “o cidadão norte-paranaense”, como um personagem diferente e especial e que é um dos elementos essenciais do discurso “Norte do Paraná”, o fizeram afirmando que a terra está vazia (vazio demográfico) e a mata está virgem (intocada), silenciando e excluindo a presença de indígenas e caboclos como povos e pessoas presentes nesse espaço. (TOMAZZI, 1999, p. 65)

O imaginário do “vazio demográfico” e do local inexplorado, difundido pelos discursos oficiais, confere às pessoas, que compraram lotes na região, o caráter de desbravadoras, pessoas que se arriscaram, e, com seu trabalho, contribuíram para o desenvolvimento da cidade, vencendo ao final. Assim, a elas é atribuído o título de pioneiras. Esquece-se, contudo, das pessoas que já estavam ali, tornando aquelas terras habitáveis antes de terem sido colocadas à venda, bem como dos meios pelos quais essas pessoas deixaram a terra.

Leal (2011), ao tratar sobre a versão dos discursos oficiais sobre a cidade de Maringá, assim aborda a figura do pioneiro:

A figura epopeica do pioneiro é mais uma construção ideológica, difícil de ser desmontada. Talvez, dentre os três componentes mitificadores da história maringaense, seja o detentor do maior potencial simbólico, superando os dois anteriores, a Companhia e o café. Isso porque hoje em dia é o único sobrevivente, pelo menos no plano material. A complexidade do pioneirismo

advém do fato de ser uma ideia, um conceito. As pessoas vestiram o personagem e não fizeram, nem fazem, questão de largar. (LEAL, 2011, p. 42)

Nesse caso, o autor cita o que chama de “modelo trinômico” presente nesses discursos: “Café/Companhia/Pioneiro”. Segundo ele, a maior parte dos trabalhos escritos sobre a história de Maringá, até então, entendiam essa tríade como a única dimensão a ser focada. Além disso, o autor pensa o pioneiro como um personagem constituído a partir de uma ideologia local, pertencente a um grupo homogêneo. Ainda segundo ele:

Na verdade, ao criar em 1972 a lei e o diploma de pioneiro, o poder público municipal ocupava-se de formalizar um sentimento já existente, e que só aguardava a chancela oficial para completar o ciclo de consagração. A instituição governamental do status de pioneiro acarretará um efeito decisivo na história da construção desse título distintivo. Primeiramente, quem chegou depois de 1950 não tem direito ao mérito primaz, e a consequência mais importante é a homogeneização do agente pioneiro. A entidade pioneira não tem cor, sexo, etnia, religião, classe social e posição política. É uma tentativa de igualar a massa de indivíduos, sem atentar às peculiaridades inerentes dos migrantes em movimento. (LEAL, 2011, p. 43)

Analisando discursos em que se enfatiza a identidade dos “primeiros norte-paranaenses”, Tomazzi (1999) indaga quem eles são, afinal. Seriam os índios, os caboclos ou os posseiros que já estavam nas terras antes da formação da cidade? Para ele, os “norte-paranaenses”, nesses discursos, referem-se “àqueles que lucraram e ‘venceram’ na ótica do capital e que elaboraram todo um conjunto de representações (caráter épico e grandioso do processo de (re)ocupação)” (TOMAZZI, 1999, p. 66). Tal descrição é corroborada por Leal (2011), para quem os pioneiros seriam migrantes economicamente bem sucedidos, geralmente detentores de cargos políticos ou administrativos e que - eles próprios - reconheciam-se como tal.

Neste trabalho, atribuímos a denominação de “primeiros moradores” aos dez informantes que concedem as entrevistas que compõem o *corpus* do estudo, considerando o fato de que, tendo comprado terras na região, tais pessoas passaram a habitá-las, assistindo, conseqüentemente, à formação da cidade. Muitas dessas pessoas, provavelmente, já pertenciam a uma classe social ascendente e já gozavam de certo prestígio social, motivo pelo qual podem ter sido escolhidas para a concessão das entrevistas, pelas diferentes fontes.

Consideramos, ainda, o fato de que os discursos oficiais, que silenciam a presença de caboclos, posseiros e indígenas, bem como a violência que a formação da cidade implicou, podem influenciar a construção de *personae* dos informantes ouvidos, de forma que, em suas narrativas, eles busquem evidenciar, também, valores importantes para a imagem da cidade e para a manutenção da identidade do pioneiro, como a família, a religiosidade e a boa educação, por exemplo.

Tais questões poderão ser aventadas no capítulo 5, quando trataremos de forma especial sobre a constituição da identidade dessas pessoas. Por ora, passamos para a descrição da metodologia utilizada neste trabalho, descrevendo os processos metodológicos realizados a fim de cumprir os objetivos determinados.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Este capítulo dedica-se à descrição da metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa. Assim, distribui-se em três seções principais. A primeira, dividindo-se, também, em subseções, aborda o tratamento sociolinguístico. Aqui, são esclarecidas questões relativas à composição do *corpus*, aos critérios de escolha dos informantes, bem como ao critério utilizado para realização das transcrições das entrevistas nela empregadas.

A segunda seção, por sua vez, intitulada “tratamento estatístico”, ocupa-se da abordagem dos dados, e, nessa ocasião, trata do programa computacional utilizado para análise e tabulação do material, além de discorrer sobre o processo para a realização da análise multissistêmica dos dados, circunstância em que se dará uma subdivisão na seção, qual seja: propriedades gramaticais; propriedades semânticas; e propriedades discursivas dos demonstrativos.

Por fim, este capítulo apresenta a seção última, chamada “análise discursivo-sociocultural”, em que se busca elucidar como os dados identitários dos informantes serão explorados neste estudo.

2. 1 Tratamento sociolinguístico

Como informado, esta seção ocupa-se da descrição dos processos metodológicos envolvidos na escolha do *corpus* e dos informantes da presente pesquisa, bem como dos critérios utilizados para a transcrição das dez entrevistas utilizadas.

Assim, a seguir, passa-se a discorrer sobre a seleção dos informantes cujas entrevistas foram analisadas.

2.1.1 Informantes

A escolha dos informantes observou aspectos que, analisados de forma comparativa, pudessem contribuir para os resultados da pesquisa. Assim, buscando equilíbrio no decorrer da análise, optou-se por cinco falantes do sexo masculino e cinco do sexo feminino, de forma a investigar, de maneira geral, como o fenômeno da

variação se comportava entre eles. Tal divisão, no entanto, não visa a uma simples separação entre homens e mulheres, haja vista que, aqui, considera-se o gênero como uma construção social obtida a partir de práticas cotidianas (FREITAG, 2015). Assim, acredita-se que o critério de distribuição dos informantes poderá fornecer possibilidades de investigação do uso da língua atrelado à construção social do gênero.

Além disso, já tendo acesso aos discursos criados pelos informantes, observou-se se o falante estabelecia maior vínculo com o ambiente rural ou urbano, bem como se mantinha ligação com a cultura letrada. Da mesma forma, tais aspectos foram investigados sob a hipótese de que, de alguma forma, interfeririam nos resultados obtidos ao final.

Ademais, consultou-se ainda o ano de chegada do informante à cidade de Maringá, de modo que fossem escolhidos aqueles que pudessem, de fato, ser considerados primeiros habitantes. Nesse caso, não se deu preferência unicamente àqueles(as) considerados(as) pioneiros(as) oficiais da cidade, isso porque nem todos, em virtude da data de chegada à cidade, se enquadravam no que diz a lei 3380/93, que institui o título de pioneiro(a) ao(à) maringaense, seja pelo ano de chegada ou pela data em que estabeleceram funções comerciais no município:

§ 1º O título de Pioneiro será outorgado aos desbravadores que transferiram residência para o Município até o ano de 1950.

§ 2º O Título de Pioneiro na Profissão será conferido aos que estabeleceram ou iniciaram atribuições profissionais, devidamente comprovadas, até o ano de 1960, no Município. (MARINGÁ, 1993)

De todos os informantes escolhidos, o único que não se encaixa nos parâmetros de pioneiro oficial é “Beto”³, uma vez que sua chegada data de 1964 e, além disso, a ele também não pode ser atribuído o título de “Pioneiro na Profissão”. Na verdade, a escolha de Beto como informante justifica-se uma vez que ele assistiu de forma indireta à formação da cidade, tendo se mudado posteriormente para ela.

Quanto à reconstituição da identidade dos informantes, que se verá em capítulo posterior, é fundamental elucidar que toda a sua produção foi realizada com base nos discursos criados pelos falantes mediante a entrevista, e, quando se podia contar com elas - em casos de pioneiros oficiais - nas fichas biográficas concedidas pela Gerência de Patrimônio Histórico da cidade, as quais exibiam dados como o nome completo do(a) pioneiro(a) oficial, sua data de nascimento, seu local de origem, as profissões que

³ Por questões éticas, optamos por não apresentar o nome real de nossos informantes.

exerceu na cidade, a relação de familiares e as respectivas atuações destes, bem como curiosidades acerca da vida daqueles primeiros moradores. Algumas fichas traziam, ainda, registros da prática literária de alguns informantes, bem como recortes de entrevistas publicadas na cidade. Nesse caso, é importante esclarecer que tais entrevistas não foram utilizadas na composição de nosso corpus, uma vez que optamos pelas entrevistas orais, sujeitas, ainda, à transcrição conversacional.

Além das ações já citadas, nenhuma outra foi realizada a fim de conseguir maiores informações que pudessem contribuir para a construção dos aspectos identitários dos falantes.

Embora, no capítulo 5, apresente-se a análise discursivo-sociocultural, circunstância em que se tratará estritamente sobre as biografias e as construções de identidades dos informantes, a seguir, apresenta-se, mediante o quadro 2, os pseudônimos atribuídos a eles, bem como uma descrição breve de suas biografias. Tal ação poderá contribuir para a apresentação dos informantes e tornar a leitura da análise linguística e dos excertos que compõem, também, esta metodologia, mais fluente.

Quadro 2. Pseudônimos e breve descrição das biografias dos informantes

Pseudônimos dos informantes	Breve descrição das biografias
Aurélio	Chegou à Maringá em 1946. Nascido em Itajubi, estado de São Paulo. Estabeleceu residência na área rural e valoriza esse ambiente. Na cidade, exerceu funções como lavrador, agricultor e vereador.
Agnaldo	Nascido no Distrito do Rio Uruguai, no município de Campos Novos, em Santa Catarina. Cresceu, contudo, no município de Caçador, a oeste do mesmo estado. Sua primeira vinda à cidade de Maringá data de 1947, mas foi apenas em 1949 que fixou residência na cidade. Já ali fixado, exerceu profissões como servidor municipal, vereador, jornalista, locutor de rádio e escritor, além de ocupar uma cadeira como membro da Academia de Letras de Maringá.
	Mudou-se de Londrina para Maringá em 1960, em razão da mudança de emprego do esposo. Na localidade, atuou como

Ana	professora de culinária, proprietária de buffet, educadora familiar e doceira, chegando a ser reconhecida como a primeira doceira da cidade. Participante ativa da Igreja Católica, dedicou-se, ainda, a trabalhos beneficentes.
Bianca	Chegou à Maringá em 1947, aos 11 anos. Vinha da Ilha de Santa Helena, uma possessão britânica que tem como principal idioma o inglês, localizada a cerca de 2000 quilômetros a oeste do continente africano. Na cidade, atuou de diferentes formas nos negócios da família, e, em razão de seu casamento com um político influente, passou a envolver-se em ações sociais.
Beto	Professor de História Natural, estabeleceu-se em Maringá em 1964, em razão do desejo de lecionar na cidade. Ali, foi também diretor de um colégio público e professor na Universidade Estadual de Maringá.
Heloísa	Chegou à Maringá em 1948, vindo de Malê, também no estado do Paraná. Em Maringá, na companhia do esposo, atuou como comerciante, sendo considerada uma das primeiras pensionistas da cidade. Tendo passado a infância na área rural, valoriza muito esse ambiente.
João	Sua chegada à Maringá data de 1953. Veio de Quatá, São Paulo, aos 11 anos. Trabalhou, em princípio, no cultivo de café, ao passo que continuava seus estudos. Formou-se em Direito e Ciências Contábeis. Foi professor, bancário, jornalista e proprietário de uma revista.
Luana	Veio de Marília, São Paulo, em 1948. Na cidade, além de exercer a profissão de professora, fundou o primeiro jornal ao lado do esposo.
Márcia	Nasceu em Curitiba, no ano de 1925. Formou-se professora normalista pelo Instituto de Educação de Curitiba, em 1945 e dentista pela Universidade Federal do Paraná, em 1951. Chegou à cidade de Maringá em 1952. Foi considerada a primeira cirurgiã-dentista da cidade, onde exerceu paralelamente as funções de dentista e professora.

Tadeu

Veio de Itápolis, no estado de São Paulo, e chegou à Maringá quando tinha dezesseis anos, acompanhado pela família, em 1951. Em princípio, trabalhou no sítio da família. Em seguida, transferindo-se para a área urbana, exerceu diferentes funções: foi músico, atuou em programas radiofônicos, na promoção de bailes e festas, em lojas de tecidos e escritórios. Foi, também, vereador e bancário, função que o levou à atuação no Sindicato dos Bancários e que permitiu que ele morasse em diferentes cidades como Curitiba e Cambé.

Fonte: elaboração própria

2.1.2 Entrevistas

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez entrevistas orais de falantes considerados primeiros habitantes da cidade de Maringá. Todas elas, a despeito da fonte, tinham como tópicos principais a perspectiva dos informantes sobre a formação da cidade, a relação que esses falantes estabeleciam com ela, bem como sua atuação nas respectivas áreas profissionais. Além disso, notou-se, em todas, a exploração de novos tópicos à medida que se construía o diálogo entre entrevistador e entrevistado.

Tais entrevistas foram adquiridas através de três fontes distintas, as quais apresentam-se a seguir:

a) Programa Maringá Histórica: atualmente extinto, foi um programa radiofônico promovido pela Rádio RUC FM (Rádio Unicesumar), e exibido no ano de 2011. O material coletado por ele ficou disponível para livre acesso pelo site “Maringá Histórica”.

b) Programa Espaço Pioneiro: programa audiovisual estreado em 2011 e promovido pela Câmara Municipal de Maringá. As entrevistas produzidas por ele podem ser encontradas a partir do site da Câmara Municipal ou mesmo a partir de seu canal intitulado “TV Câmara Maringá”, na plataforma de vídeos *YouTube*;

c) Projeto Memória: iniciativa da Gerência de Patrimônio Histórico da cidade de Maringá, que, além de organizar uma ficha cadastral com informações sobre os pioneiros reconhecidos oficialmente pela cidade, também produzia entrevistas audiovisuais com alguns deles. O material coletado pelo projeto encontra-se no prédio

da Gerência de Patrimônio Histórico da cidade e para ter acesso a ele, é necessário visitar o local, tendo agendado um horário com antecedência.

O quadro abaixo organiza maiores informações sobre as entrevistas utilizadas, apresentando o pseudônimo do entrevistado, a distribuição por fonte, o ano de produção, a duração de cada uma, bem como os principais tópicos abordados no roteiro de perguntas em cada caso:

Quadro 3. Fonte, ano, duração das entrevistas e principais tópicos abordados no roteiro de perguntas

Entrevistado (a)	Fonte	Ano	Duração	Principais tópicos abordados no roteiro de perguntas
Aurélio	Maringá Histórica	2011	37'31''	- Vinda para a cidade de Maringá; - Residência na localidade; - Relação entre os moradores; - Infraestrutura da região; - Comércio à época da chegada; - Entretenimento da época; - Práticas comuns do ambiente rural; - Idas à cidade; - Sentimento em relação às conquistas.
Agnaldo	Espaço Pioneiro	2011	26'22''	- Vinda para Maringá; - Atuação na época da chegada; - Casamento/família; - Aparência da região dada a sua chegada; - Desenvolvimento da região; - Entretenimento em Maringá à época da chegada; - Vida política; - Carreira jornalística; - Atuação na Associação dos Pioneiros de Maringá; - Atuação na Academia de Letras em Maringá; - Autoria de livros.
				- Vinda para Maringá; - Atuação profissional do esposo;

Ana	Espaço Pioneiro	2011	24'49''	- Infraestrutura de Maringá e dificuldades encontradas à época da chegada; - Trabalho beneficente; - Atuações profissionais; - Atuação na Igreja Católica; - Família; - Concessão de homenagem como Cidadã Benemerita da cidade.
Bianca	Espaço Pioneiro	2011	31'29''	- Origem da família; - Família; - Vinda da família para o Brasil; - Chegada à Maringá; - Infraestrutura de Maringá à época da chegada; - Dificuldades encontradas nessa época; - Formação acadêmica; - Atuação nos negócios da família.
Beto	Maringá Histórica	2011	48'50''	- Vinda para Maringá; - Desenvolvimento da região; - Formação acadêmica; - Organização escolar à época da chegada; - Organização trabalhista; - Atuação na área da educação; - Indisciplina dos alunos; - Fundação da UEM; - Atuação como professor universitário.
Heloísa	Projeto Memória	1995	1h35'	- Vida na cidade natal e na fazenda do pai; - Profissão do pai; - Vinda para Maringá; - Atuação profissional do esposo; - Violência na cidade; - Comércio; - Política; - Desenvolvimento da cidade de Maringá; - Atuação profissional; - Condições climáticas da cidade;

				- Entretenimento na cidade; - Constituição como pioneira; - Família.
João	Maringá Histórica	2011	30'13''	- Vinda para Maringá; - Vizinhança à época da chegada; - Formação acadêmica; - Política em Maringá; - Imprensa de Maringá; - Atuação profissional.
Luana	Maringá Histórica	2011	31'14''	- Vinda para Maringá; - Desenvolvimento da região; - Atuação profissional; - Ajuda no jornal da família; - Política.
Márcia	Projeto Memória	1995	2h ⁴	- Vida na cidade natal; - Família; - Formação acadêmica; - Atuação profissional; - Política; - Ideologias: conservadorismo; - Comércio.
Tadeu	Maringá Histórica	2011	56'49''	- Contato com a música; - Atuação na imprensa; - Gravação de músicas; - Influências musicais; - Vinda para a cidade de Maringá; - Infraestrutura para shows musicais à época de sua chegada; - Atuação como músico; - Atuação como bancário; - Mudança de cidade.

Fonte: Elaboração própria

Como se vê, os tópicos abordados no roteiro de perguntas orientavam os informantes sobre o conteúdo da entrevista. Todavia, como em toda conversação, sobretudo nesse caso em que se abordavam temas pessoais, muitas digressões foram percebidas, fato que, aparentemente, fazia com que o entrevistador adaptasse-as ao seu roteiro.

⁴ A transcrição da entrevista da informante Márcia não foi realizada na íntegra em vista de seu tempo de duração. Assim, consideramos os trinta primeiros minutos de sua narração.

Na entrevista de Bianca, por exemplo, a maior parte das iniciações de tópicos foram de responsabilidade da própria entrevistada. O mesmo aconteceu, em sua maioria, com as entrevistas realizadas pela fonte Maringá Histórica.

2.1.3 Transcrições

Já no que diz respeito à norma para transcrição das entrevistas, utilizou-se a transcrição conversacional, seguindo o modelo adotado pelo Projeto NURC e apresentada por Castilho e Preti (1987, p. 9-10).

Há diferentes pessoas que respondem pela autoria das transcrições das entrevistas que compõem o *corpus* deste trabalho. Isso acontece porque seis delas já eram utilizadas como material de análise para a elaboração de pesquisas anteriores. Assim, a transcrição das entrevistas dos falantes João, Bianca, Ana e Agnaldo são de minha autoria. No entanto, as demais distribuem-se da seguinte forma: Thamires Aparecida Fogo Vilalba é responsável pela transcrição da entrevista de Márcia; Suelem Robim de Araújo realizou as transcrições dos discursos de Heloísa, Luana e Aurélio; Iara Beatriz é responsável pela transcrição da narrativa de Tadeu; por fim, a transcrição da entrevista de Beto é de responsabilidade de Fabiana Burdini Margonato Pacola.

Para maior precisão na realização das transcrições, sobretudo na busca pelas formas “este” e “esse”, em virtude de sua semelhança fonológica, optou-se pelo uso de fones de ouvido e localização em ambientes acústicos favoráveis.

2.2 Abordagem dos dados

Esta seção ocupa-se dos processos metodológicos utilizados na computação dos dados relativos às formas demonstrativas em questão. Em princípio, discorre-se sobre o programa computacional utilizado para tanto, na busca por elucidar como foi feita a distribuição das ocorrências e a tabulação dos dados.

Em seguida, expõe-se como a abordagem multissistêmica da língua, proposta por Castilho (2010), foi aplicada às nossas variantes, observando suas propriedades gramaticais, semânticas e discursivas.

2.2.1 Tratamento estatístico

Nas dez entrevistas analisadas, foram encontradas 311 ocorrências das formas demonstrativas em estudo. Para a contagem dos dados identificados, utilizou-se o programa Excel, onde as formas investigadas foram quantificadas e distribuídas entre as variáveis linguísticas que pudessem condicionar seu uso.

A figura abaixo ilustra tal procedimento.

Figura 1. Procedimento para análise dos dados, no Excel

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
	N	OCORRÊ	DEMONSTR	FALANTE	TIPO RI	TEMPO/ESPAÇO	CAMPO	ANAF X C	DEMONST	MESMO C	FUNÇÃO T	ADJACÊNCIA COM A SENTENÇA DO ANTECEDEN	FUNÇÃO NO SINTAGMA	
1		1	bom dia M	ESSE	AURÉLIO	ENDO								
2		2	é: que conti	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A	ESTE	NÃO	INSERÇÃO DE NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
3		3	E - e tinha c	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO INTERLOCUTOR	A		NÃO	INSERÇÃO DE ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
4		4	e mandá... t	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	ENCERRAME	ADJACENTE	NÚCLEO	
5		5	AI EU CHEGI	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	INSERÇÃO DE NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
6		6	e eu falei "é	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	CONTINUIDA NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
7		7	e eu falei "é	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	CONTINUIDA NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
8		8	AI QUANDO	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	CONTINUIDA ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
9		9	cada um co	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	INSERÇÃO DE NÃO ADJACENTE		COMPLEMENTADOR	
10		10	a cobra já t	ESSE	AURÉLIO	EXO	ESPAÇO	CAMPO DO LOCUTOR			NÃO	INSERÇÃO DE NOVO TÓPICO DISCURSIVO	ESPECIFICADOR	
11		11	E - seo zico	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO INTERLOCUTOR	A	ESSE	SIM	ENCERRAME	NÃO ADJACENTE	ESPECIFICADOR	
12		12	E - seo zico	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO INTERLOCUTOR	A	ESSE	SIM	INSERÇÃO DE NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
13		13	E - seo zico	ESSE	AURÉLIO	EXO	TEMPO	PRESENTE		ESSE	SIM	INSERÇÃO DE NOVO TÓPICO DISCURSIVO	ESPECIFICADOR	
14		14	o santo Anti	ESSE	AURÉLIO	EXO	ESPAÇO	CAMPO DO LOCUTOR			NÃO	CONTINUIDADE DO TÓPICO DISCURSIVO	NÚCLEO	
15		15	o santo Anti	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	C		NÃO	CONTINUIDA NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
16		16	o santo Anti	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	C		NÃO	INSERÇÃO DE ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
17		17	então quan	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A		NÃO	INSERÇÃO DE NÃO ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
18		18	é: então aí	ESSE	AURÉLIO	EXO	ESPAÇO	CAMPO DO LOCUTOR		ESSE	SIM	INSERÇÃO DE NOVO TÓPICO DISCURSIVO	ESPECIFICADOR	
19		19	é: o cê viu	ESSE	AURÉLIO	EXO	TEMPO	PRESENTE			NÃO	INSERÇÃO DE NOVO TÓPICO DISCURSIVO	ESPECIFICADOR	
20		20	pois é Migu	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	C	ESSE	SIM	INSERÇÃO DE ADJACENTE		ESPECIFICADOR	
21		21	pois é Migu	ESSE	AURÉLIO	ENDO	CAMPO DO LOCUTOR	A	ESSE	SIM	CONTINUIDA ADJACENTE		NÚCLEO	
22		22	mais isso aí	ESSE	BETO	EXO	ESPAÇO	CAMPO DO LOCUTOR		ESSE	SIM	CONTINUIDADE DO TÓPICO DISCURSIVO	NÚCLEO	
23		23	mais isso aí	FSF	REFL...	EXO	ESPAÇO	CAMPO DO LOCUTOR		FSF	SIM	INSERÇÃO DE NOVO TÓPICO DISCURSIVO	ESPECIFICADOR	

Fonte: recorte da autora

Como se vê, na aba “DADOS”, do software Excel, foram criados treze rótulos diferentes, dentre os quais se distribuíam as variáveis escolhidas, de acordo com as propriedades gramaticais, semânticas e discursivas das formas.

Em um primeiro momento, enumeraram-se os trechos das entrevistas que continham as ocorrências das formas demonstrativas em análise. A partir de então, identificou-se: o demonstrativo utilizado pelo falante naquela circunstância; o falante responsável por ele; o tipo de referência que aquela forma realizava (endofórica ou exofórica); em casos de referências exofóricas, o tipo de tempo e espaço que indicavam; o campo ao qual aquela forma fazia referência, se ao do locutor ou do interlocutor; se a forma realizava uma anáfora ou uma catáfora; o demonstrativo utilizado, na pergunta, pelo entrevistador, quando houvesse; se o demonstrativo utilizado por ambos

(entrevistador e entrevistado) era o mesmo; a função textual que a forma demonstrativa exercia em relação à inserção de tópicos, continuidade ou encerramento deles; a adjacência com a sentença do termo antecedente; por fim, a função que a forma exercia no sintagma.

Mediante esse procedimento, realizou-se a tabulação dos dados na “TABELA DINÂMICA”, do Programa Excel, como ilustra a figura 2.

Figura 2. Tabulação dos dados, no Excel

FORMA	ESSE QTD	ESSE %	ESTE QTD	ESTE %	Total Q	Total %
ENDO	204	85%	36	15%	240	100%
EXO	63	89%	8	11%	71	100%
Total Geral	267	86%	44	14%	311	100%

Fonte: recorte da autora

A seguir, todas as variáveis abordadas nesta subseção sobre tratamento estatístico serão melhor elucidadas. Nesse caso, discorrer-se-á sobre o que se deve entender por cada uma das propriedades que as formas demonstrativas apresentam: gramaticais, semânticas e discursivas.

2.2.2 Propriedades gramaticais dos demonstrativos

Castilho (2010) entende a gramática como um sistema linguístico que apresenta os subsistemas da fonologia, morfologia e sintaxe. Assim, quando se investigam as propriedades gramaticais dos pronomes demonstrativos, analisam-se as funções que essas formas executam dentro de uma sentença e, inclusive, as próprias formas em estudo, que aqui são chamadas de variantes. Nesse caso, as propriedades gramaticais das formas demonstrativas foram assim distribuídas nesta pesquisa.

2.2.2.1 As variantes

Considerando o contorno gramatical dos demonstrativos, em um primeiro momento, observamos a forma demonstrativa utilizada, considerando “este” e “esse”. Nesse caso, somaram-se a essas formas as chamadas formas neutras “isso” e “isto”, de maneira que dada a sua utilização, considerava-se a forma “esse” ou “este”, respectivamente. Juntamos a essas variantes, ainda, as formas preposicionadas e flexionadas em gênero e número.

Dentre as formas neutras, não foram contabilizados casos em que a forma demonstrativa era utilizada para constatar concordância, como se vê no excerto abaixo:

(10) E: a senhora foi integrante da primeira equipe de...de ministras né?

A: isso isso (Trecho retirado da entrevista de Ana)

Nesse caso, consideramos a possível perda das propriedades fóricas ou dêiticas da forma demonstrativa, que, nessas ocasiões, perdendo sua prototipicidade, funcionaria como advérbio.

2.2.2.2 Função das formas demonstrativas no sintagma

Observando o contorno gramatical das formas demonstrativas, analisamos a posição que ela assumia no sintagma, na busca de entender se a função que ali exercia - fosse como pronome substantivo, retomando sozinha um termo; fosse como pronome adjetivo, sendo acompanhada por um substantivo na retomada - impactaria de alguma maneira a escolha pela forma utilizada. Os excertos abaixo revelam as funções que as variantes em estudo realizaram no presente trabalho.

(11) nós chegamo aqui em setembro **nessa** época de quarenta e seis...
(Trecho retirado da entrevista de Aurélio).

(12) existia...até bem interessante **isso** aqui (Trecho retirado da entrevista de Beto).

(13) porque eu nunca tinha visto um negócio **desse** (Trecho retirado da entrevista de Luana).

Como se vê, as formas “este” e “esse”, dentro do *corpus* em estudo, realizou três diferentes funções. Em (11), tem-se um núcleo do sintagma; em (12), um especificador, entendido como o constituinte que se posiciona à esquerda do núcleo; em (13), um complementador, o que deve ser entendido, por sua vez, de acordo com Castilho (2010), como o constituinte do sintagma que se posiciona à margem direita, em localização pós-nuclear.

No capítulo reservado para a análise linguística, tais questões serão discutidas com maior detalhamento.

2.2.3 Propriedades semânticas do demonstrativo

Entendendo a semântica como “o sistema a partir do qual criamos os significados” (CASTILHO, 2010, p. 122), ao analisar as propriedades semânticas das formas “este” e “esse” em uso pelos informantes desta pesquisa, analisou-se, em princípio, o tipo de referência que elas realizavam, se uma referência endofórica, relativa ao interior do texto, se uma referência exofórica, relativa ao exterior do texto.

Além disso, analisou-se também o campo de interlocução, ou seja, se a forma utilizada referia-se a um item designado no campo do locutor ou do interlocutor.

2.2.3.1 Tipo de referência

Como dito, ao analisar o tipo de referência realizada pelas formas “este” e “esse” nos discursos, considerou-se “endofórica”, a referência a um termo no interior do texto, e “exofórica”, a indicação a um elemento fora do texto, quer fosse no tempo, marcando um tempo passado, corrente ou futuro, quer fosse no espaço, marcando proximidade ou distanciamento do locutor, conforme o exemplo (14).

Quanto às referências endofóricas, fizemos ainda uma subdivisão, separando aquelas que, no contexto, retomavam um item já mencionado, as chamadas referências anafóricas - conforme o exemplo (15) - daquelas em que o demonstrativo anunciava um item que, no contexto, seria mencionado posteriormente, as chamadas referências catafóricas, conforme o exemplo (16).

- (14) aumentei um pouco a fotografia pá pá e levei pro secretário levei a () falei "ó secretário **essa** é a situação do Colégio Gastão Vidigal" (Trecho retirado da entrevista de Beto)
- (15) E – e tinha condições de economizá né/Z – é e então eu tenho saudade É **DISSO** DAÍ (Trecho retirado da entrevista de Aurélio)
- (16) é: que conta mais ou menos **essa** história né... que a gente TUDO dinheiro que você ganhava você num gastava (Trecho retirado da entrevista de Aurélio)

Nesse caso, consideramos “essa”, em (14), uma forma exofórica pelo fato de não fazer retomada ou antecipação a algo pertencente ao interior do texto. Na verdade, a forma aponta um item no espaço. Em (15) e (16), porém, as formas referenciam um termo dentro do texto.

Julgamos essas análises necessárias haja vista que, por prescrição, a forma “este” estaria reservada maiormente ao uso exofórico, ao passo que, na endófora, estaria relacionada às referências catafóricas. “Esse”, por outro lado, se responsabilizaria pelas referências anafóricas.

2.2.3.2 Campo de interlocução

Correspondendo, ainda, a um contorno semântico das formas demonstrativas, analisamos se, nas referências endofóricas, o demonstrativo retomava um termo pertencente ao campo do locutor (17) ou ao campo do interlocutor (18).

- (17) já estava se chegando a conclusão que era melhor trazer os alunos pra cidade do que mandar os professores pra zona rural [E - entendi [B - então houve **essa** mudança...(Trecho retirado da entrevista de Beto)
- (18) existia algum tipo de sindicato ou algo do gênero que permeava as diretrizes e os interesses da classe dos professores? [Beto - existia...até bem interessante **isso** aqui... (Trecho retirado da entrevista de Beto)

Como se vê, em (17), a forma demonstrativa utilizada retoma uma ideia expressa pelo próprio locutor. Por outro lado, em (18), “isso” recupera uma ideia emitida pelo interlocutor, nesse caso, o entrevistador.

A escolha dessa variável justifica-se pelo fato de que, em tese, a aproximação ao campo do locutor favoreceria a utilização da forma “este”, ao passo que a aproximação ao campo do interlocutor impulsionaria o uso de “esse”.

2.2.4 Propriedades discursivas do demonstrativo

Sobre as propriedades discursivas dos demonstrativos, Castilho (2010, p. 500) afirma que:

em muitos casos o papel dos demonstrativos ultrapassa os limites da sentença. Como operadores de identidade, os demonstrativos desempenham na organização do texto o papel de associar-se a outros dispositivos para assegurar a coesão textual. (CASTILHO, 2010, p. 500)

Além disso, através dos demonstrativos, é possível realizar as seguintes estratégias discursivas: inserir um tópico novo, dar continuidade a um tópico e encerrar um tópico.

Esta subseção tratará dessas questões, iniciando pela adjacência do demonstrativo com a sentença do termo antecedente, o que se explica a seguir.

2.2.4.1 Adjacência com a sentença do antecedente

Observando um contorno discursivo das formas demonstrativas, e, nesse caso, buscando amparo em Pereira (2005), que avaliou o uso dos demonstrativos em relação ao acesso a seu antecedente no texto, aqui, também verificou-se se a adjacência ou não adjacência ao antecedente causaria impacto na escolha das formas.

Deve-se entender por “adjacência” a situação em que o demonstrativo está imediatamente ao lado da sentença de seu antecedente. “Não adjacência”, por sua vez, seria a situação em que o demonstrativo fosse separado de seu antecedente por meio de outras sentenças.

Em (19), temos um caso em que a forma demonstrativa encontra-se adjacente à sentença de seu antecedente, ao passo que o exemplo (20) revela a não adjacência entre eles:

- (19) ... havia sido cortado **subsídios essas** coisas... (Trecho da entrevista de Agnaldo)
- (20) o papai sempre soube que ele ia dar...conta de **pagar as contas...**então...ele se aventurou a fazer **isso...** (Trecho da entrevista de Bianca)

Assim, nota-se que, em (19), a forma “essa” retoma o termo “subsídios”, citado na mesma sentença, imediatamente anterior ao demonstrativo que o retoma. O exemplo (20), por sua vez, demonstra, a partir do termo “isso”, que a forma demonstrativa não vem imediatamente seguinte ao seu antecedente “pagar as contas”; há entre eles, demais sentenças que os separam.

A hipótese que justifica a escolha dessa variável é a de que, quando a forma demonstrativa estivesse adjacente ao seu antecedente, haveria maior probabilidade da utilização de “este”. Por outro lado, a não adjacência entre eles poderia motivar o uso de “esse”.

2.2.4.2 Demonstrativos e organização tópica do texto

Como citado em momento anterior, sabe-se que os demonstrativos, extrapolando os limites da sentença, realizam estratégias discursivas relacionadas aos tópicos do discurso.

Assim, reservam-se a eles as funções de: inserção de tópico novo, continuidade do tópico discursivo e encerramento do tópico discursivo.

De acordo com Castilho (2015), as inserções e retomadas de tópico são geralmente realizadas pelas formas variáveis “este”, “esse” e “aquele”, ao passo que os encerramentos de tópicos ficam, comumente, sob responsabilidade das formas neutras. Por “inserção de tópico novo” deve-se entender a situação em que o demonstrativo inicia, dentro do texto, um novo assunto, conforme se vê no exemplo abaixo, retirado do *corpus* da pesquisa:

- (21) nós aprendíamos agricultura nós éramos professoras mas nós podíamos ir para uma zona rural e nós tínhamos obrigação de saber alguma coisa da agricultura infelizmente foi feita umas modificação que hoje qualquer escola não ensina nada disso...**isso** já é

especialização... mesmo dentro da biologia tem determinados ramos que já se tornaram especializações... (Trecho retirado da entrevista de Márcia)

Vê-se que, em (21), a falante inicia um novo tópico a partir da forma pronominal demonstrativa “isso”. Até então, ela vinha falando sobre as atividades que realizava em ambiente escolar quando jovem e, com a forma demonstrativa, insere um novo tópico, tratando sobre o que, nos dias então atuais, seria considerado como especializações.

A continuidade do tópico discursivo, por sua vez, é entendida quando o demonstrativo retoma um termo, na intenção de continuar o assunto, conforme se vê no exemplo que segue:

- (22) Entrevistador: ...que houve uma quebra cultural ahn:: começaram a se trocar os violões... pelas guitarras elétricas éh: entrada da jovem guarda e parece que:: o jovem daquela época começou a se desvirtuar da música de/da música raiz daquele sertanejo
- Tadeu: Eu me recordo **isso** muito bem porque eu fiquei quase dois anos sem tocar baile na época dos Beatles... (Trecho retirado da entrevista de Tadeu)

Nesse caso, o falante Tadeu dá continuidade a um tópico iniciado pelo entrevistador a partir da forma demonstrativa “isso”.

Por fim, os demonstrativos também podem indicar o término de um tópico discursivo, como se vê:

- (23) vou deixar a noite e vou trabalhar só durante o dia e a noite eu vou cuidar um pouquinho dos meus filhos... e fiz **isso** (Trecho retirado da entrevista de Beto)

Em (23), vê-se que Beto conclui seu tópico discursivo e, para fazer isso de forma enfática, finaliza-o com a forma demonstrativa “isso”.

2.2.5 Análise discursivo-sociocultural

Essa análise corresponde ao perfil identitário dos informantes e será construída com base nos discursos produzidos por eles mediante as entrevistas. Sua realização busca reconhecer as comunidades de prática das quais esses falantes participam, bem como o engajamento social que faziam por meio da linguagem.

O capítulo seguinte, que apresenta o aparato teórico que ampara esta pesquisa, abordará explicações pertinentes acerca dos conceitos que serão explorados nessa análise.

CAPÍTULO 3 - APORTE TEÓRICO

Neste capítulo, apresentam-se alguns aportes teóricos sobre os quais nos debruçamos para a realização da presente pesquisa.

Como se sabe, este estudo lida com um fenômeno variável, por conseguinte, apoia-se na Sociolinguística. Todavia, como essa ciência apresenta subdivisões, na primeira seção deste capítulo serão abordados conceitos da área específica na qual nos amparamos, a saber, a chamada Terceira Onda da Sociolinguística, área em que questões identitárias e ideológicas são interligadas às linguísticas.

Assim, para que essa incursão fosse possível, procuramos compreender, na seção subsequente, a conceituação de identidade e a relação que ela estabelece com a língua, retomando trabalhos que exploram os temas, como Hall (2006), Batisti (2014) e Pagotto (2004).

Por fim, reserva-se a última seção deste capítulo para a exposição da descrição da análise multissistêmica da língua, proposta por Castilho (2010), sobre a qual debruça-se nossa análise estritamente linguística.

3.1 Língua e sociedade: a Terceira Onda da Sociolinguística e o conceito de comunidade de prática

A variação da língua é um tema já bastante frequente dentre os estudos linguísticos, isso porque, além de permitir um conjunto bastante amplo de investigações, uma vez que pode atingir todos os subsistemas, seja ele gramatical, lexical, semântico, seja discursivo, esse fenômeno também pode ser utilizado na apuração de questões sociais e históricas, posto que a língua é, também, social.

Dentre as teorias que se voltam para o estudo da língua, a Sociolinguística traz muitas contribuições para os estudos sobre variação, haja vista que se constitui como uma ciência que busca estudar a língua em sua interação com a sociedade, sistematizando a relação de dependência mútua entre elas, dado que a organização social depende da língua e os fatos desta dependem da organização da sociedade (FREITAG e LIMA, 2010).

De acordo, ainda, com as autoras supracitadas, a Sociolinguística é uma continuação dos estudos produzidos no começo do século XX, pela corrente chamada

Antropologia Linguística, para os quais a linguagem, a cultura e a sociedade seriam fenômenos inseparáveis.

Pode-se pensar que a Sociolinguística nasceu como uma oposição às correntes linguísticas do Estruturalismo e Gerativismo, que permeavam os estudos linguísticos até então. Isso porque, ao contrário do que pensa a Sociolinguística, estruturalistas e gerativistas não ponderam as influências exteriores que uma língua pode receber, ou seja, costumam ignorar os fatores sociais envolvidos nos fenômenos linguísticos.

(LABOV, 1963 *apud* SILVA, 2011), investigando o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, nos Estados Unidos, criou um novo modelo teórico-metodológico dentro da Sociolinguística, aquele que seria designado de "Sociolinguística Quantitativa" - em razão do fato de "operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados" (TARALLO, 1986). O modelo também ficou conhecido como "Sociolinguística Laboviana", "Teoria da Variação e Mudança" e "Sociolinguística Variacionista". Em seu estudo, o linguista observou que determinados falantes escolhiam uma variante para demonstrar pertencimento ao local onde residiam, constituindo uma reivindicação de autenticidade (GUTIERRES, OLIVEIRA e ROCKENBACH, 2022).

De modo geral, o modelo de Sociolinguística introduzido por Labov entende a língua como um sistema heterogêneo e

visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala ⁵se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (ARAÚJO E LUCCHESI, 2022).

Embora o trabalho que introduza o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista já aponte para o entrelaçamento entre a variação linguística e as questões estilísticas e identitárias, os estudos que seguiram nessa vertente esquivaram-se, de certo modo, dessa perspectiva e passaram a atribuir a

⁵ Comunidade de fala, nesse caso, assume o conceito do contexto social onde a variação da língua seria estudada, sendo assim definida por Labov: "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua" (LABOV, 2008, p. 188 *apud* COELHO *et al*, 2012, p. 37).

responsabilidade dos fenômenos variáveis a categorias macrosociais às quais os falantes pertenciam, tais como sexo, faixa etária, classe social, dentre outras.

Considerando, então, as diferentes abordagens da variação linguística e visando à reflexão sobre o seu significado social, Eckert (2012) separa os estudos sociolinguísticos em três divisões distintas, as quais se denominam, *Três Ondas da Sociolinguística*. Segundo a autora, essas ondas se sobrepõem, assim, não há relação de sucessão cronológica entre elas, tampouco de substituição.

A distribuição dos estudos com base nesse método se dá por meio do caráter metodológico que o estudo assume. Assim, são considerados estudos de Primeira Onda aqueles que, em sua investigação, analisam uma comunidade geograficamente ampla, como fez Labov (1966), estudando a estratificação do inglês em Nova Iorque.

Nessa perspectiva, as variáveis são marcadores de categorias sociais primárias, como classe econômica, sexo, escolaridade, dentre outras. Dessa forma, as questões socioeconômicas servem como elemento basilar no condicionamento da variação e entende-se que “as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes” (FREITAG *et al.*, 2012, p. 920), fato que pode veicular prestígio ou estigma social (ECKERT, 2005), a depender da situação socioeconômica em que o falante se enquadra.

A segunda onda, por sua vez, caracteriza-se em razão de seu caráter etnográfico. Assim, os estudos que integram essa divisão investigam comunidades menos amplas e geograficamente definidas, as denominadas comunidades de fala, já definidas anteriormente. Nesse caso, destaca-se o conceito de redes sociais, entendido como os contatos estabelecidos entre os indivíduos durante a sua vivência, os quais, dentro dessa divisão, influenciam nas questões estilísticas dos falantes, uma vez que elas seriam um reflexo da participação do indivíduo em diferentes redes.

Até então, discorreu-se sobre os estudos referentes as duas primeiras ondas da Sociolinguística, expondo-se que tais estudos “segundo Eckert (2012), têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático” (FREITAG *et al.*, 2012, p. 922). Cabe, agora, tratar sobre os estudos de Terceira Onda, que, por sua vez,

incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela. Eckert (2012) salienta que não está negando a estrutura, mas sim enfatizando o papel da estrutura no condicionamento da prática paralelamente ao papel da prática na produção e

reprodução da estrutura, a fim de captar com mais detalhes a dinâmica do valor social das variáveis (FREITAG *et al.*, 2012, p. 922).

Isso em virtude de que, nessa divisão, além de também lançar-se mão da etnografia, o estudo da variação se dá com base em comunidades de práticas, que diferem das comunidades de fala utilizadas nas ondas anteriores, posto que podem ser definidas como

um grupo de pessoas que compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor à medida que interagem regularmente. Esta definição reflete a natureza fundamentalmente social da aprendizagem humana. É muito amplo. Aplica-se a uma gangue de rua, cujos membros aprendem a sobreviver em um mundo hostil, bem como a um grupo de engenheiros que aprendem a projetar dispositivos melhores ou a um grupo de funcionários públicos que buscam melhorar o atendimento aos cidadãos. Em todos os casos, os elementos-chave são: O domínio: os membros são reunidos por uma necessidade de aprendizagem que compartilham (se essa necessidade de aprendizagem compartilhada é explícita ou não e se a aprendizagem é a motivação para sua união ou um subproduto dela). A comunidade: seu aprendizado coletivo torna-se um vínculo entre eles ao longo do tempo (experimentado de várias maneiras e, portanto, não uma fonte de homogeneidade). A prática: suas interações produzem recursos que afetam sua prática (se eles se envolvem na prática real juntos ou separadamente)⁶ (WENGER, 2009, tradução nossa).

Como se vê, Wenger utiliza o conceito de comunidade de prática para dar suporte às suas teorias sobre a aprendizagem humana. A ideia, no entanto, pode ser aplicada a outras áreas. Eckert e McConnell-Ginet (2010), por exemplo, ao utilizarem a noção para explicar fenômenos de variação linguística, contribuem para sua definição, afirmando que o conceito trata-se de

Um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer as coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobretudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas da comunidade e

⁶ No original: “A community of practice is a group of people who share a concern or a passion for something they do, and learn how to do it better as they interact regularly. This definition reflects the fundamentally social nature of human learning. It is very broad. It applies to a street gang, whose members learn how to survive in a hostile world, as well as a group of engineers who learn how to design better devices or a group of civil servants who seek to improve service to citizens. In all cases, the key elements are: The domain: members are brought together by a learning need they share (whether this shared learning need is explicit or not and whether learning is the motivation for their coming together or a by-product of it) The community: their collective learning becomes a bond among them over time (experienced in various ways and thus not a source of homogeneity) The practice: their interactions produce resources that affect their practice (whether they engage in actual practice together or separately)”.

a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturam socialmente a comunidade. (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 2010, p. 102)

É, pois, dessa forma que a concepção de comunidade de prática contribuiria para os estudos sobre variação, posto que ao filiar-se a uma comunidade, o indivíduo favoreceria uma ou outra forma variante como meio de participar nas práticas de linguagem daquele grupo.

Além da utilização do conceito de comunidade de prática, nota-se que, na Terceira Onda da Sociolinguística, as variáveis são entendidas como indicadores de posição, de atividades e de características sociais e o estilo, por sua vez, corrobora a construção das identidades do indivíduo (ECKERT, 2005).

Dessa forma, de maneira geral, as questões estilísticas são abordadas de diferentes formas entre as três ondas. Na primeira, é meramente um reflexo das categorias das quais um falante participa, o que o torna passivo diante da criação de seu próprio estilo. Na segunda, estão associadas às redes sociais, fazendo com que o falante novamente não tenha agentividade no que diz respeito ao seu estilo, posto que este estaria ligado às redes das quais participa. Já no que concerne à Terceira Onda, o falante cria seu estilo de acordo com a *persona* que deseja constituir em determinada comunidade de prática.

Vê-se, então, que Labov e Eckert entendem o estilo de maneiras divergentes. Para aquele, em resumo, estilo seria o reflexo da posição dos falantes em relação às categorias macrosociais das quais fariam parte, como sexo, escolaridade, classe econômica (LOPES e SOUZA, 2020) e estaria mais ligado ao monitoramento que o falante faz de seus usos linguísticos.

Eckert, por outro lado, engloba essa perspectiva e entende que o estilo está associado às relações microssociais dentro de comunidades de práticas, sendo que “os falantes agem sobre o seu comportamento estilístico, sendo esse não apenas o resultado da pertença a categorias macrosociais ou locais” (LOPES E SOUZA, 2021, p.13). Assim, o falante exibe agentividade em relação aos seus usos linguísticos, à medida que, através do estilo, modula diferentes *personae* na constituição de sua identidade.

Considerando os objetivos deste trabalho, bem como seus processos metodológicos, é pertinente afirmar que ele se enquadra nesta última onda da Sociolinguística, uma vez que, aqui, investiga-se uma comunidade geograficamente limitada, buscando (inter)relacionar os usos linguísticos caracterizados pelas formas

demonstrativas variantes “esse” e “este” a elementos socioculturais de falantes considerados seus primeiros habitantes.

Tal ação pode evocar a concepção de comunidade de prática, uma vez que buscar-se-á, também, entender quais os significados sociais que as formas “este” e “esse” podem adquirir, mediante sua utilização na construção de determinadas *personae*, a partir das quais os falantes constituirão diferentes identidades dentro de comunidades diversas. Estaremos, assim, propondo o campo indicial das formas demonstrativas, o que, de modo breve, diz respeito aos vários significados que uma forma variante pode assumir a partir dos vínculos às diferentes comunidades de práticas às quais um falante se filia.

De forma que se possa contribuir para a compreensão dos significados sociais das formas demonstrativas em questão, bem como para reconstituir as identidades dos informantes analisados, lançaremos mão, também, da noção de contínuos de Bortoni-Ricardo (2002), a partir dos quais a autora busca compreender as peculiaridades da comunidade de fala brasileira.

Tais contínuos são designados como o de urbanização, o de oralidade-letramento e o de monitoração linguística. De acordo com a autora,

O primeiro, que chamamos de contínuo de urbanização, estende-se desde as variedades rurais geograficamente isoladas até a variedade urbana suprarregional, que passou pelos processos históricos de padronização. Pode-se situar nesse contínuo qualquer falante em função de seus antecedentes, de sua história social e de sua rede de relacionamentos. Já no segundo contínuo, de oralidade e letramento, o foco não é o falante, mas as práticas sociais – orais ou letradas. Consideram-se aí a diversidade cultural de produção e a implementação dessas práticas. No terceiro contínuo, de monitoração estilística, podemos aferir a dimensão sociocognitiva do processo interacional, em particular o grau de atenção e de planejamento que o falante confere à situação de fala (BORTONI-RICARDO e CAXANGA, 2014, p. 38).

De acordo com essa perspectiva, os seguintes valores podem ser atribuídos ao que é analisado: [+ rural], [+ urbano] ou [rurbano]; [+ oral] ou [+ letrado] e [+ monitorado] ou [- monitorado].

Tais aspectos poderão contribuir para esta pesquisa, que entende a variação linguística como um recurso capaz de marcar uma identidade social (BORTONI-RICARDO, 2005), pois, como afirma (CASTILHO, 2010, p. 31), “é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”.

A inter-relação língua-identidade sugerida acima é, também, empregada muitas vezes na reflexão sobre os fatores que condicionam a variação linguística. Este estudo, como se vê, apropria-se dessa ideia. Desse modo, a seção seguinte busca trazer apontamentos pertinentes acerca da conceituação de identidade, bem como sobre a sua relação com a língua.

3.2 Língua e identidade

Antes de refletir acerca da inter-relação composta por língua e identidade, convém explorar a concepção desta última, ainda que as peculiaridades que a circundam causem complexidade em sua definição. Para tanto, buscamos apoio em Hall (2006) que considerou fatores que poderiam contribuir para a formação da identidade.

Em trabalho que investigava a identidade cultural influenciada pela globalização, o sociólogo Stuart Hall estabeleceu três concepções para defini-la. Assim, de forma distinta, dividiu-as de forma a caracterizar diferentes sujeitos: do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno.

Para o autor, o sujeito do Iluminismo corresponderia a um indivíduo

centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2006, p. 11).

Assim, para o sujeito do Iluminismo, a identidade adquirida ao nascer permaneceria inalterada durante o decorrer de sua vida, por mais relações que esse sujeito criasse.

O sujeito sociológico, por sua vez, de acordo com o autor, teria a identidade constituída a partir de sua relação com a sociedade. Nesse caso, ainda que o sujeito tivesse um núcleo interior, o chamado “eu real”, ele seria atravessado e modificado por essa interação com a sociedade que lhe permitiria o diálogo com outras identidades.

Já no tocante ao sujeito pós-moderno, Hall (2006) assevera que a ele não caberia uma identidade fixa, uma vez que ele seria composto por várias identidades. De acordo com ele, a identidade, nesse caso, tornou-se “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou

interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 *apud* HALL, 2006, p. 13).

Esse fenômeno de fragmentação do sujeito, que caracteriza o sujeito pós-moderno, modelo ao qual estaríamos assistindo na atualidade, seria impulsionado pelo processo de globalização que lhe daria acesso a uma multiplicidade de culturas e identidades pelas quais seria atravessado e, conseqüentemente, constituído.

Nesta pesquisa, acata-se a ideia da constituição do sujeito a partir de várias identidades, e acredita-se, ainda, que elas, além de não serem fixas, são constituídas com base na filiação e posição que os sujeitos ocupam dentro de grupos dos quais fazem parte, como afirma Batisti (2014).

A autora supracitada faz um resumo bastante objetivo do que se entende por identidade, que seria, nesse caso,

(i) vivida: não é uma categoria, traço de personalidade, papel ou rótulo, é uma experiência que envolve participação e reificação; (ii) negociada: é um permanente vir a ser, não é definida apenas em um período específico da vida; (iii) social: é fruto da pertença a grupos; (iv) processo de aprendizagem: é uma trajetória no tempo que incorpora o presente, o passado e o futuro; (v) nexos: combina múltiplas formas de participação; (vi) local-global: não se constrói apenas pelas práticas imediatas ou se regula somente pelas estruturas sociais mais amplas, é uma interface de ambas. (BATISTI, 2014, p. 81)

Toda essa vivência, negociação, aprendizagem e participação, que compõem um processo de construção de identidades e sobre as quais fala a autora, remete à relação entre sujeito e sociedade. Assim, reitera-se que a constituição de identidades se dá por meio da interação entre sujeito e o social.

Acrescentamos a essa ideia a noção de que os processos de identificação podem estar intimamente ligados à noção de comunidade de prática, posto que, compartilhando práticas em comum, o sujeito pode construir e moldar suas identidades, bem como suas próprias comunidades de práticas.

Em vista disso, acredita-se que o estudo da língua beneficia-se da relação entre construção de identidades e filiação a tais comunidades, uma vez que tal relação pode permitir meios de se compreender fenômenos de variação linguística. Assim, chega-se à questão que antecipamos no início da seção: a inter-relação da língua e a identidade.

A busca pela associação entre variação linguística e identidade já foi tarefa de muitos autores. Pagotto (2004), por exemplo, em trabalho intitulado de forma já

bastante sugestiva – “Variação e (‘) identidade” - defende o papel dos processos de identidade na variação linguística, ao afirmar que

O significado social das formas variantes é uma consequência direta do processo de identidade do sujeito, na sua relação com a língua. É ao se colocar como igual a um outro ou diferente dele, que o sujeito imprime significado social às formas linguísticas. (PAGOTTO, 2004, p. 43)

Assim, é a partir desse processo de construção de identidade, caracterizado por um igualar-se ou distinguir-se, que o falante analisa as possibilidades que o sistema linguístico oferece-lhe e opta por aquela que melhor corresponde à identidade que busca construir, atribuindo, conseqüentemente, um significado social à variação, pois “uma vez que uma determinada variante se apresenta em um determinado grupo social, ela já é portadora de um significado social, independentemente de alcançar a dimensão do estilo ou não” (PAGOTTO, 2004, p. 64).

A língua é, então, de acordo com o mesmo autor, “mecanismo de identidade” e tanto marca a identidade dos indivíduos, que varia de acordo com a pluralidade e diversidade de seus usuários. Dessa forma, o caráter heterogêneo da língua pode ser compreendido à medida que se consideram as categorias que nela são imprimidas em suas mais diversas manifestações e níveis. (PAGOTTO, 2004).

Em suma, até então, tem-se abordado a língua em relação à sociedade, argumentando que, de fato, a língua é um fator de identidade e, conseqüentemente, os processos de variação linguística seriam influenciados pela constituição de identidade dos indivíduos, fato que motiva a realização deste trabalho, uma vez que, nele, busca-se entender como a escolha por uma ou outra forma demonstrativa revela traços de identidade dos falantes, mostrando seus vínculos a diferentes comunidades de prática. Tal resposta poderá ser alcançada mediante as análises linguística e discursivo-sociocultural posteriores, para as quais o aparato teórico explorado neste capítulo poderá fornecer suporte.

Cabe agora, então, refletirmos acerca da análise multissistêmica da língua, abordagem utilizada em nossa análise linguística.

3.3 A abordagem multissistêmica da língua

Encabeçamos este aporte teórico com a afirmação de que a variação atinge todos os subsistemas da língua, seja lexical, gramatical, semântico ou discursivo. A análise linguística que compõe o corpo desta pesquisa considera essa premissa. É em virtude disso que, ao investigar a variação correspondente ao sistema demonstrativo brasileiro, caracterizada, aqui, pela variação das formas “esse” e “este”, procuramos olhar para todos os subsistemas que constituem a língua, na busca por investigar como o fenômeno se comportava. Assim, adotamos a teoria da abordagem multissistêmica da língua, proposta por Castilho (2010).

Essa teoria surge como uma reação à crença de que, dentre todos os subsistemas da língua, haveria um central a partir do qual os demais seriam comandados. Tal crença, como o autor indica, parte de diferentes correntes linguísticas. Assim, para a corrente linguística do Gerativismo, o sistema central da língua seria a sintaxe, ao passo que para o Funcionalismo, o centro para o estudo da língua seria o sistema discursivo ou semântico. O Estruturalismo, por sua vez, elegeria, como centro, o sistema da fonologia, e, por fim, para os neogramáticos, o centro seria a fonética.

Contrariando essas concepções, dentro da abordagem multissistêmica, a língua é entendida como um “multissistema dinâmico”, concebido por quatro sistemas e seus respectivos processos, a saber: léxico e lexicalização; semântica e semanticização; discurso e discursivização; gramática e gramaticalização: todos definidos a seguir, com base em Castilho (2010).

Nessa teoria, o léxico é entendido como “um inventário de categorias (i) de categorias e subcategorias cognitivas; e (ii) de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação de novas palavras” (CASTILHO, 2010, p. 110). Assim, a lexicalização, por sua vez, define-se como o processo de criação de palavras.

A semântica é designada como o sistema através do qual os significados são criados a partir de diferentes estratégias como organização do campo visual; emolduramento de participantes e eventos; inclusão, exclusão ou foco nos participantes do evento, etc. Semanticização é, nesse caso, o processo de criação dos sentidos.

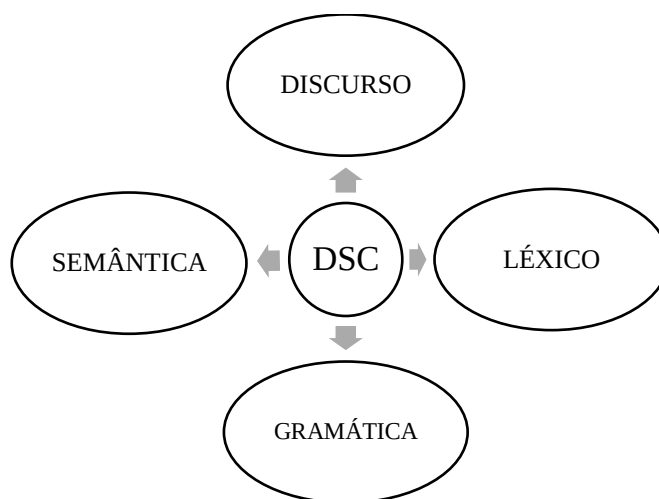
O discurso, por sua vez, é definido como “o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor” (CASTILHO, 2010, p. 133), ao passo que a

discursivização é entendida como o processo de criação de textos resultantes dessas negociações.

Por fim, a gramática é tida como um sistema formado por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, organizadas nos subsistemas fonológico, morfológico e sintático. Já a gramaticalização define-se como os processos por que uma palavra passa, nos quais ela pode receber novas propriedades, transformar-se numa “forma presa” ou mesmo, desaparecer.

A figura abaixo, adaptada de Castilho (2010), esquematiza a visão da teoria multissistêmica da língua.

Figura 3 – Abordagem Multissistêmica da Língua



Fonte: adaptação de (CASTILHO, 2010, p. 69)

Como se vê, o esquema ilustra os quatro sistemas da língua agindo de forma autônoma. De forma sugestiva, o que se encontra no centro não é nenhum dos sistemas que compõem a língua, tem-se no centro, na verdade, o que se chama de um dispositivo sociocognitivo interligado a todos os sistemas. A leitura que se faz a partir da representação gráfica é a de que os sistemas apresentam-se de forma independente uns em relação aos outros. Castilho (2010) considera a possibilidade de interfaces entre eles, o que, contudo, não geraria regras de dependência.

Em resumo, entende-se que um sistema não governa o outro, eles são, na verdade, governados pelo dispositivo sociocognitivo num processo de ativação, desativação e reativação de suas propriedades.

Assim, de modo geral, Castilho (2010) atesta que a língua pode ser observada com base em seus produtos, constituídos pelos sistemas supracitados, e pelos processos correspondentes a esses produtos, também já citados em momento anterior. Neste trabalho, busca-se descrever os produtos, isto é, aborda-se o uso dos demonstrativos em suas propriedades gramaticais, semânticas e discursivas envolvidas. Tal análise já é apresentada no capítulo subsequente.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE LINGUÍSTICA MULTISSISTÊMICA: AS PROPRIEDADES GRAMATICAIS, SEMÂNTICAS E DISCURSIVAS DOS DEMONSTRATIVOS

Neste capítulo, serão expostos os resultados quantitativos encontrados após a análise estritamente linguística. Propõe-se, então, uma divisão em que as conclusões acerca de cada variável linguística sejam apresentadas de forma separada, sendo, nesta ordem, abordadas: propriedades gramaticais dos demonstrativos, propriedades semânticas dos demonstrativos, e, por fim, propriedades discursivas dos demonstrativos.

É fundamental esclarecer que se intui, neste primeiro momento, apenas apresentar os dados quantitativos revelados pelo estudo, apontando como os informantes utilizavam o sistema demonstrativo e, por consequência, como poderia ser a norma de uso desse sistema para os primeiros habitantes da cidade de Maringá.

Em momento posterior, procuraremos associar esses dados aos elementos identitários dos informantes, na busca por atribuir um significado social a eles. Tal intuito não impede, porém, que, à medida que se apresentem os resultados distribuídos por falantes, façam-se constatações importantes que poderão impactar a análise futura.

Para que se possa fazer uma leitura mais fluente dos dados quantitativos, bem como fornecer suporte para as constatações citadas acima, apresenta-se, a partir do quadro 4, um breve resumo das informações sobre os informantes ouvidos, todas elas retiradas da análise de seus discursos.

Quadro 4. Informantes: origem, ano de chegada e suas principais comunidades de práticas

Pseudônimos	Local de origem	Ano de chegada	Comunidades de práticas
Agnaldo	Caçador - SC	1949	Academia de Letras de Maringá; Programa no rádio; Programa na televisão; Câmara Municipal; Prefeitura Municipal; Associação dos Pioneiros de Maringá.

Ana	Londrina - PR	1960	Igreja católica; Buffet; Equipe de ministras da Igreja; Reuniões do trabalho beneficente; Pioneiros da cidade.
Aurélio	Itajubi - SP	1946	Câmara Municipal; Prática literária (contação de causos e escrita de poesias); Pioneiros da cidade.
Beto	Cascavel - PR	1964	Professor de Biologia; Professor universitário; Diretoria de colégio; Professor licenciado; Associação dos Professores Licenciados de Maringá.
Bianca	Ilha de Santa Helena (possessão britânica)	1947	Trabalho nos negócios da família; Prática de voos; Casamento; Engajamento político.
Heloísa	Malê - PR	1948	Fazenda do pai; Casamento; Pensão; Pioneiros da cidade.
João	Quatá - SP	1953	Professores no Ensino Fundamental; Banco Nacional; Jornais; Revista; Pioneiros da cidade.
			Professores no Ensino Fundamental;

Luana	Marília - SP	1948	Jornal; Pioneiros da cidade.
Márcia	Curitiba - PR	1952	Professores Normalistas; Dentista; Fundação Maringaense de Odontologia; Pioneiros da cidade.
Tadeu	Itápolis - SP	1951	Músicos; Promoção de festas; Bancários; Câmara Municipal; Pioneiros da cidade.

Fonte: elaboração própria

Feitas as apresentações dos informantes e as respectivas comunidades de práticas às quais se filiavam, inicia-se a análise linguística multissistêmica, com a investigação correspondente às propriedades gramaticais dos demonstrativos empregados por eles.

4.1 Análise das propriedades gramaticais dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá

4.1.1 Variantes

Compreender a ocorrência de “este” ou “esse” é ação fundamental nesta pesquisa, posto que se assume, como um dos objetivos, analisar a variação no quadro demonstrativo brasileiro caracterizada por essas variantes. Ademais, a partir dessa análise, pode-se revelar o diálogo entre este estudo e os demais trabalhos descritivos aqui já citados, os quais apregoam a substituição de “este” por “esse”. Assim, antes de olhar para o tipo de referência utilizada, é pertinente analisar a recorrência das formas demonstrativas em análise.

Dessa forma, apresenta-se, abaixo, a tabela 2, que enfatiza a ocorrência das formas em investigação em nosso *corpus*.

Tabela 2. Distribuição das formas demonstrativas na endófora e exófora

FORMA	ESSE		ESTE		Total QTD	Total %
	QTD	%	QTD	%		
ENDO	204	85%	36	15%	240	100%
EXO	63	89%	8	11%	71	100%
Total Geral	267	86%	44	14%	311	100%

Fonte: elaboração própria

Como se vê, nossos dados sustentam o que os estudos descritivos já apontavam, haja vista que 86% das formas demonstrativas utilizadas correspondiam a “esse”, ao passo que 14%, a “este”. Quando analisamos as ocorrências das variantes distribuídas entre os falantes, temos os seguintes resultados:

Tabela 3. Distribuição das formas demonstrativas por falante

FALANTE	ESSE		ESTE		Total QTD	Total %
	QTD	%	QTD	%		
Aginaldo	27	51%	26	49%	53	100%
Ana	9	100%	0	0%	9	100%
Beto	31	76%	10	24%	41	100%
Bianca	33	97%	1	3%	34	100%
João	11	79%	3	21%	14	100%
Heloísa	49	100%	0	0%	49	100%
Luana	22	100%	0	0%	22	100%
Márcia	10	83%	2	17%	12	100%
Tadeu	54	96%	2	4%	56	100%
Aurélio	21	100%	0	0%	21	100%
Total Geral	267	86%	44	14%	311	100%

Fonte: elaboração própria

Nossos dados revelam a proeminência de “esse” em relação a “este” dentre os usos de nossos informantes. Há falantes, dentre os dez analisados que, em nenhum momento, lançam mão da forma “este”, são eles: Ana, Heloísa, Luana e Aurélio. Esses usos podem associar-se às comunidades de práticas aos quais esses falantes se filiam, bem como às suas construções de identidade, hipóteses que poderão ser aventadas a partir da análise discursivo-sociocultural.

Os exemplos abaixo ilustram os usos de Ana, uma das falantes que emprega apenas a forma “esse”:

- (24) só falamos de coisas boas e que Deus está pra ajuda-lo e que...a comunhão é uma fortaleza para o espírito né...pra ele se animar pra ele saber que Deus está presente junto com ele né...e não desanimar né...**isso** é muito importante né...
(Trecho da entrevista de Ana)

Agnaldo, por outro lado, em seus usos linguísticos, utiliza ambas as formas de maneira equiparada, ao passo que Beto e João o acompanham - não com o mesmo equilíbrio, contudo - ainda assim, revelando usos mais expressivos da forma “este” quando comparados aos demais.

- (25) bom...o a razão **disto** é exatamente a cidade de Maringá em si...e:...como...uma terra...an: de...plantação de café...que naquele tempo atraía as atenções não apenas do pessoal de São Paulo da região de São/do estado de São Paulo...que era a maioria que veio pra Maringá para fazer o desbravamento...mas sim também porque Maringá...foi...desde a sua...pedra fundamental...uma cidade planejada para ser grande (Trecho da entrevista de Agnaldo)

O trecho acima, que ilustra o uso de Agnaldo, revela uma das situações em que o falante opta pela forma “este”. Vê-se que, assim como Ana, em (24), o demonstrativo é utilizado para realizar uma retomada. Tais constatações serão relevantes ao associar dados quantitativos aos qualitativos, ocasião em que se pretende compreender o significado social das variantes em estudo.

Até então, foram consideradas as formas demonstrativas em uso pelos informantes. Todavia, é indispensável, também, analisar se, na pergunta do entrevistador, ele faz uso de alguma das formas em estudo. Isso porque seu uso linguístico poderia influenciar o uso do falante, como acontece no chamado *efeito Rutledge* (MONTGOMERY, 1998 *apud* ARAÚJO e FREITAG, 2014).

Assim, abaixo, segue a tabela 4, em que se compara a semelhança entre a forma demonstrativa utilizada pelo falante e pelo entrevistador. Consideramos “coincidente”, nesse caso, a situação em que os informantes utilizavam a mesma forma demonstrativa que o entrevistador, em seu turno de fala imediatamente anterior. “Não coincidente”, por sua vez, diz respeito à situação em que, em seu turno de fala, o entrevistador utilizava uma forma diferente do informante, em seu uso subsequente.

Tabela 4. Comparação entre o demonstrativo utilizado pelo falante e pelo entrevistador

	NÃO COINCIDENTE		COINCIDENTE	
FORMA	QTD	%	QTD	%
Aginaldo	35	66%	18	34%
ESSE	9	33%	18	67%
ESTE	26	100%	0	0%
Ana	9	100%	0	0%
ESSE	9	100%	0	0%
Beto	32	78%	9	22%
ESSE	22	71%	9	29%
ESTE	10	100%	0	0%
Bianca	31	91%	3	9%
ESSE	30	91%	3	9%
ESTE	1	100%	0	0%
João	6	43%	8	57%
ESSE	3	27%	8	73%
ESTE	3	100%	0	0%
Heloísa	43	88%	6	12%
ESSE	43	88%	6	12%
Luana	21	95%	1	5%
ESSE	21	95%	1	5%
Márcia	12	100%	0	0%
ESSE	10	100%	0	0%
ESTE	2	100%	0	0%
Tadeu	48	86%	8	14%
ESSE	46	85%	8	15%
ESTE	2	100%	0	0%
Aurélio	15	71%	6	29%
ESSE	15	71%	6	29%
Total Geral	252	81%	59	19%

Fonte: elaboração própria

Os dados expostos pela tabela indicam que, no *corpus* desta pesquisa, os usos linguísticos do entrevistador durante as entrevistas não influenciaram os usos dos falantes. Destaca-se, nesse caso, o falante João que, embora tenha o percentual de 57% de semelhança entre as formas demonstrativas utilizadas por ele e pelo entrevistador, nota-se que, em nenhum momento, o entrevistador fez uso da forma “este”, da qual ele se apropriou.

4.1.2 Função no sintagma

Foram três as funções que as formas demonstrativas em análise assumiram no sintagma, em nossos dados, a saber, a função de especificador, núcleo e de

complementador, este último representado de acordo com Castilho (2010) pelos sintagmas adjetivais. Todas essas possibilidades são ilustradas abaixo com os seguintes excertos:

(26) AÍ QUANDO deu assim mais ou menos umas:: oito nove hora da noite eu falei inventei po meu pai “VÔ NA MISSA do galo” ele falo “mai uma hora **dessa**? (Trecho da entrevista de Aurélio)

(27) é:: que conta mais ou menos **essa história** né... que a gente TUDO dinheiro que você ganhava você num gastava porque você... num pagava luz... num pagava água cê pegava dos rio os rio tinha água limpa... Né? (Trecho da entrevista de Aurélio)

(28) **isso** é uma vergonha... (Trecho da entrevista de Beto)

Os exemplos (26) e (27) correspondem à entrevista de Aurélio, enquanto o exemplo (28) diz respeito ao discurso de Beto. Em (26), considera-se a forma demonstrativa um complementador, uma vez que ela caracteriza o substantivo “hora”. Já em (27), há um especificador, uma vez que acompanha o núcleo “história”. Por fim, em (28), a forma demonstrativa corresponde ao núcleo do sintagma.

A tabela abaixo revela como as formas demonstrativas organizaram-se de acordo com a função de especificador.

Tabela 5. Distribuição das formas demonstrativas como especificador

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Aginaldo	26	53%	23	47%
Ana	4	100%	0	0%
Beto	16	89%	2	11%
Bianca	27	96%	1	4%
João	4	57%	3	43%
Heloísa	29	100%	0	0%
Luana	11	100%	0	0%
Márcia	4	100%	0	0%
Tadeu	35	95%	2	5%
Aurélio	17	100%	0	0%
Total Geral	173	85%	31	15%

Fonte: elaboração própria

Vê-se, a partir da exposição dos dados que 85% das formas “esse” são utilizadas como especificador, todavia, Agnaldo e João fazem, ainda, uso significativo de “este” nessa função.

Em apenas quatro circunstâncias, a função de complementador surgiu em nosso *corpus*, em todas elas, unicamente atribuídas à forma “esse”. A primeira deu-se na realização do discurso do falante Aurélio, ilustrada pelo exemplo (29) e as demais, nos discursos de Luana, nos excertos que seguem:

(29) AÍ QUANDO deu assim mais ou menos umas:: oito nove hora da noite eu falei inventei po meu pai “VÔ NA MISSA do galo” ele falo “mai uma hora **dessa**? (Trecho da entrevista de Aurélio)

(30) Aí sentei aquele tempo a gente usava saiotê levantei o vestido que era todo de renda de birno renda baiana né... e sentei lá... de repente comecei senti um calor tão forte... falava “mai num tem fogo aqui onde que tá... calor **desse**”

(31) e aí eu fui - eu não me lembro nome do senhor lá da da da Casa Peralta... - eu fui lá e pedi uns pa uns:: saco **desses**::... de embrulho né

(32) eles emprestavam pro povo LEVA CARNE pendurada no gancho... - eu achava um absurdo aquilo né... porque eu nunca tinha visto um negócio **desse**

Como núcleo, porém, mais ocorrências foram notadas. Todas elas são expostas na tabela seguinte.

Tabela 6. Distribuição das formas demonstrativas como núcleo

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	1	25%	3	75%
Ana	5	100%	0	0%
Beto	15	65%	8	35%
Bianca	6	100%	0	0%
João	7	100%	0	0%
Heloísa	20	100%	0	0%
Luana	8	100%	0	0%

Márcia	6	75%	2	25%
Tadeu	19	100%	0	0%
Aurélio	3	100%	0	0%
Total Geral	90	87%	13	13%

Fonte: elaboração própria

Como núcleo, também, é a forma “esse” que ganha proeminência, 87% das realizações, nessa função, correspondem a ela, enquanto apenas 13% à “este”.

Isoladamente, porém, Agnaldo elege esta última como forma favorecida para a função em ocorrências que correspondem a 75% de seus usos. Beto, se comparado à maioria, faz uso significativo, com 35% das ocorrências. Márcia também se destaca dos demais, em uso que corresponde a 25% das ocorrências.

Na análise discursivo-sociocultural, presente em capítulo posterior, todos esses casos isolados serão retomados à medida que se expõem as construções de identidades dos falantes, na busca por correlacionar seus usos linguísticos às construções de *personae*.

4.2 Análise das propriedades semânticas dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá

4.2.1 Tipo de referência

O uso massivo da forma “esse” em relação a “este” torna-se ainda mais expressivo quando se avalia, de forma comparativa, as ocorrências em contexto endo e exofórico. Isso porque nossos dados apontam, a partir da tabela 2, para a evidência de “esse” em relação a “este” também em contexto exofórico, que, em tese, reservar-se-ia a esta última.

Tal situação pode colocar em contestação a hipótese de Marine (2004), para quem o sistema demonstrativo passaria por um processo de especialização de formas, no qual a forma “esse” teria se especializado na endófora, ao passo que “este” na exófora. Nossos dados sugerem, assim como Pereira (2005) já afirmava, que esse fenômeno poderia enquadrar-se ao sistema demonstrativo de outras línguas, todavia, não seria o caso do Português Brasileiro.

Se até então analisaram-se as ocorrências das formas utilizadas na endófora e exófora de forma geral, a partir de agora passa-se a analisá-las de acordo com o uso de nossos informantes. Desse modo, a tabela 7 aponta a distribuição das referências endofóricas entre os informantes, ao passo que a tabela 8 indica as referências exofóricas igualmente distribuídas entre eles:

Tabela 7. Distribuição das referências endofóricas por falante

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	26	53%	23	47%
Ana	9	100%	0	0%
Beto	19	68%	9	32%
Bianca	31	97%	1	3%
João	11	92%	1	8%
Heloísa	21	100%	0	0%
Luana	18	100%	0	0%
Márcia	10	83%	2	17%
Tadeu	43	100%	0	0%
Aurélíio	16	100%	0	0%
Total Geral	204	85%	36	15%

Fonte: elaboração própria

De modo geral, a tabela informa que, em contexto endofórico, a forma “esse” sobressai, haja vista que, aqui, foi utilizada em 85% das ocorrências, enquanto “este” em 15%. Tal fato leva à apuração de que, considerando a tese defendida por compêndios gramaticais, a qual afirma que, nesse contexto, o falante poderia optar por “esse” ou “este”, a escolha seria, em maior parte, pela primeira.

Agnaldo, que aqui novamente destaca-se em virtude de seu uso equilibrado dentre as formas, faz um uso intercalado das formas “este” e “esse” diante de referências endofóricas, como se vê a partir dos seguintes usos, em que a forma demonstrativa a ser analisada aparece em negrito:

- (33) nossa vinda para Maringá...ela:...é teve...um:...fator importante...porque...o nome de Maringá...era muito conhecida lá no oeste catarinense de onde...viemos para Maringá...e...as notícias que lá chegavam...davam contas de que esta região era uma região...é cafeeira...onde o café já predominava desde Londrina até aqui perto de Maringá...e:...a gente...é vendo **esta**...an:...divulgação...tinha muita vontade de vim conhecê...esta região

que era chamada como culti/cultivava o...o ouro verde do Brasil (Trecho da entrevista de Agnaldo)

(34) eu acredito que o/não há muita deferença entre...aquele tempo e os dias de agora...somente a::...assim na mudança muito grande...com relação é:...ao trabalho do vereador...que ele tinha praticamente como seu assessor...é...já o eleitor dele que trazia as reivindicações para...os vereadores poderem transformar **isso** aí em...projeto de lei...ou...uma indicação um requerimento buscando...atendimento das reivindicações da população (Trecho da entrevista de Agnaldo)

Na primeira ocasião, Agnaldo utiliza a forma “este” para retomar o termo “notícias”, já citado no texto, ao passo que na segunda, lança mão da forma “esse” para, também, fazer uma retomada, haja vista que substitui por “isso” o termo “reivindicações” já mencionado.

Vejamos agora a distribuição das formas em contexto exofórico:

Tabela 8. Distribuição das referências exofóricas por falante

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	1	25%	3	75%
Beto	12	92%	1	8%
Bianca	2	100%	0	0%
João	0	0%	2	100%
Heloísa	28	100%	0	0%
Luana	4	100%	0	0%
Tadeu	11	85%	2	15%
Aurélio	5	100%	0	0%
Total Geral	63	89%	8	11%

Fonte: elaboração própria

Novamente vê-se que, de modo geral, “este” não é a forma eleita em uso exofórico, já que ocupa 11% das ocorrências, à medida que “esse” surge em 89% delas. Destacam-se, em relação ao uso exofórico, Agnaldo e João que, de acordo com as prescrições normativas, reservam a esse contexto a forma “este”.

As situações abaixo podem ilustrar esses dados:

(35) meu filho é político... é::... ele não para viu... então ele vem aí as vezes precisa fazê alguma coisa **essa** semana ele foi embora... (Trecho da entrevista de Heloísa)

(36) vim inicialmente para querer conhecer **esta** cidade que nascia (Trecho da entrevista de Agnaldo)

(37) onde propriamente **esta... esta...** esta universidade Cesumar era um antigo chamado lixão...você deve se lembrar disso bem (Trecho da entrevista de João)

Vê-se que, em (35) o demonstrativo aponta um item fora do texto, correspondendo a uma referência dêitica temporal. Para realizar essa referência, a falante Heloísa emprega a forma “esse”.

Em (36) e (37), por sua vez, os falantes Agnaldo e João realizam referências dêiticas espaciais a partir da forma “este”.

Márcia e Bianca, em nenhuma circunstância, lançaram mão de referências exofóricas. Como nosso *corpus* favorecia referências endofóricas, uma vez que se constituía de narrativas de experiências já vivenciadas, já supúnhamos que tal fato poderia ocorrer⁷.

4.2.2 Campo de interlocução

Considerando uma propriedade discursiva das formas demonstrativas, olha-se, agora, para o campo de interlocução em que essa forma se apresentava. Assim, em referências endofóricas, consideramos do “campo do locutor” as formas demonstrativas que faziam menção a um termo utilizado pelo próprio falante, e do “campo do interlocutor” aquelas que referenciavam um termo utilizado pelo interlocutor. Tais dados distribuem-se da seguinte forma:

Tabela 9. Distribuição das formas demonstrativas no campo do locutor

	ESSE	ESTE
--	-------------	-------------

⁷ Acreditamos que a narração de fatos já vivenciados possa favorecer a forma “esse”, ao passo que textos descritivos, que permitem maior possibilidade de demonstração de itens no ambiente possam valorizar a forma “este”.

FORMA	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	23	52%	21	48%
Ana	8	100%	0	0%
Beto	28	74%	10	26%
Bianca	31	97%	1	3%
João	10	83%	2	17%
Heloísa	38	100%	0	0%
Luana	21	100%	0	0%
Márcia	8	80%	2	20%
Tadeu	39	95%	2	5%
Aurélio	15	100%	0	0%
Total Geral	221	85%	38	15%

Fonte: elaboração própria

Contrariando as hipóteses formuladas em relação à forma demonstrativa utilizada em circunstâncias de aproximação ao locutor, “esse” foi a mais utilizada, correspondendo a 85% das ocorrências. O exemplo (18), já exposto em nossa metodologia, ilustra uma das circunstâncias em que “esse” é utilizada no campo do locutor

(18) já estava se chegando a conclusão que era melhor trazer os alunos pra cidade do que mandar os professores pra zona rural [E - entendi [B - então houve **essa** mudança...(Trecho retirado da entrevista de Beto)

Como se nota, na situação exposta, o falante emprega a forma “esse” para a retomada de um termo já utilizado por ele mesmo, enquanto locutor.

Em relação ao campo do interlocutor, por sua vez, tem-se a seguinte situação:

Tabela 10. Distribuição das formas demonstrativas no campo do interlocutor

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	4	44%	5	56%
Ana	1	100%	0	0%
Beto	1	100%	0	0%
Bianca	2	100%	0	0%
João	1	50%	1	50%
Heloísa	6	100%	0	0%
Luana	1	100%	0	0%
Márcia	2	100%	0	0%
Tadeu	9	100%	0	0%

Aurélio	4	100%	0	0%
Total Geral	31	84%	6	16%

Fonte: elaboração própria

O que se percebe, de modo geral, é que, em sua maioria, nossos informantes elegem “esse” como forma demonstrativa relativa ao campo do interlocutor, a forma ocupa 84% das ocorrências. Os excertos abaixo procuram elucidar essa situação:

(38) E – e tem até um fato interessante sobre eles... que me parece que vocês compuseram a música Disco Voador (...)

E: então **essa** LEtra do Disco Voador... é exatamente do CAxeirinho... E JUNTO com ele EU ajudei a Música (Trecho da entrevista de Tadeu)

(39) E - o senhor comentou que os professores se reuniam no final da tarde ou durante a tarde num bar na Avenida Cerro Azul pra conversar de repente discutir os problemas da classe...além dessa possível reunião que acontecia...existia algum tipo de sindicato ou algo do gênero que permeava as diretrizes e os interesses da classe dos professores? [

B - Existia...até bem interessante **isso** aqui (Trecho da entrevista de Beto)

Em (38), o falante emprega a forma “esse” para retomar o termo “música”, presente no discurso do interlocutor. Da mesma forma, em (39), novamente a forma “esse” é empregada para fazer essa retomada de item pertencente ao campo do interlocutor.

De forma isolada, porém, Agnaldo elege “este” para tais retomadas. O excerto abaixo ilustra essa situação:

(40) E: vamos falar agora sobre a criação da associação de pioneiros...uma iniciativa do senhor (...)...por que essa associação seu (...)?

A: **esta** associação tem um papel muito importante... (Trecho da entrevista de Agnaldo)

O excerto mostra que o termo “associação”, presente no discurso do interlocutor, é retomado por Agnaldo a partir da forma “este”. Outro ponto interessante que se nota

em relação ao campo de interlocução diz respeito a dois usos da informante Heloísa, estes que seguem:

- (41) por que **essa** casa ali da da Texeira Mendes da da da Princesa Isabel **essa** dali depois da da avenida então eu dei pro meu marido e ele troco num sítio...

Roncarati (2003), ao defender a ideia de um “enfraquecimento do sistema ternário”, associou o uso de locativos, antes utilizados apenas com a forma “este”, sendo empregados em seus *corpora* com a forma “esse”. Heloísa, nesse caso, faz uma outra associação: a falante usa também a forma “esse” com um locativo que corresponderia a uma terceira forma demonstrativa, “aquele”. Nesse caso, utiliza como campo de interlocução exterior a ambos os interlocutores. Nota-se, ainda, que, embora não pareça uma construção comum, não houve interferência na comunicação, posto que seu enunciado é compreensível.

4.2.3 Tempo e espaço

Em momento anterior, já asseverou-se que, em função do corpus desta pesquisa ser composto por entrevistas em que os falantes discorriam sobre experiências já vivenciadas, referências endofóricas foram favorecidas. No entanto, em determinadas situações, referências dêiticas espaço-temporais eram projetadas a partir de uma das variantes em estudo.

Assim, as tabelas 11, 12 e 13 organizam a distribuição das formas demonstrativas em relação ao tempo.

Tabela 11. Distribuição dos demonstrativos com referência dêitica temporal

FORMA	ESSE	
	QTD	%
Beto	2	100%
Heloísa	2	100%
Tadeu	6	100%
Aurélio	2	100%
Total Geral	12	100%

Fonte: elaboração própria

Como se vê, apenas os falantes Beto, Heloísa, Tadeu e Aurélio utilizaram as variantes em estudo para realizar referências dêiticas temporais. Para todas elas, optaram pela variante “esse”, conforme ilustram os exemplos:

- (42) você não vai ensiná a matéria do ano passado e **desse** ano então cria este ambiente criou este ambiente então os professores aceitaram essa situação aceitaram essa situação não tem como mudar (Trecho da entrevista de Beto)
- (43) **esses** tempo atraiz eu falei pro meu genro falei ó “acho que eu vô mora no mato vontade de mora no mato compra uma fazenda vontade de mora no mato”... porque ói porque (?) (Trecho da entrevista de Heloísa)
- (44) ...**nessa** época nossa quem vinha tocando uma guitarra fazendo aquele barulhão lá... era aplaudido mesmo... (Trecho da entrevista de Tadeu)
- (45) HOJE é:: se tá vendo que essa festa é... ela atinge **esse** ano vinha:: veio até:: reportagem de Curitiba aí pá firma a festa sabe (Trecho da entrevista de Aurélio)

Quando se analisam, isoladamente, as circunstâncias em que as referências dêiticas temporais foram utilizadas, nota-se que os falantes lançaram mão delas para referenciar ora o tempo presente, ora o tempo passado, como se vê:

Tabela 12. Distribuição das formas demonstrativas indicadoras de tempo passado

FALANTE	QTD	%
Beto	1	100%
Heloísa	1	100%
Tadeu	5	100%
Total Geral	7	100%

Fonte: elaboração própria

Tabela 13. Distribuição das formas demonstrativas indicadoras de tempo presente

FALANTE	QTD	%
Beto	1	100%
Heloísa	1	100%
Tadeu	1	100%
Aurélio	2	100%
Total Geral	5	100%

Fonte: elaboração própria

Já no que concerne às referências dêiticas espaciais, as variantes em estudo ficaram assim distribuídas:

Tabela 14. Distribuição dos demonstrativos com referência dêitica espacial

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	1	25%	3	75%
Beto	10	100%	0	0%
Bianca	2	100%	0	0%
João	0	0%	2	100%
Heloísa	26	100%	0	0%
Luana	4	100%	0	0%
Tadeu	5	71%	2	29%
Aurélio	3	100%	0	0%
Total Geral	51	88%	7	12%

Fonte: elaboração própria

Novamente, nota-se o destaque de “esse” em relação a “este”, 88% das referências dêiticas espaciais foram realizadas a partir desta variante, ao passo que apenas 12% a partir da forma “este”. Agnaldo e Tadeu utilizam ambas as formas; Beto, Bianca, Heloísa, Luana e Aurélio usam apenas a forma “esse” para as referências espaciais, já o falante João utiliza apenas a forma “este” para realizar a dêixis espacial. Os exemplos abaixo ilustram alguns desses casos:

- (46) eu quero aqui ci/é:...não poderia deixar de parabenizar a Câmara de Vereadores de Maringá...pela conquista **desse** canal de televisão... (Trecho da entrevista de Agnaldo)
- (47) e...as notícias que lá chegavam...davam contas de que **esta** região era uma região...é cafeeira... (Trecho da entrevista de Agnaldo)
- (48) **esta** universidade Cesumar era um antigo chamado lixão...você deve se lembrar disso bem (Trecho da entrevista de João)
- (49) foi então que surgiu a propaganda da Companhia Melhoramento dizendo que **nesta** região de Maringá... o dinheiro dava no pé de café... (Trecho da entrevista de João)

Os exemplos revelam que o falante Agnaldo usa ambas as formas para indicar proximidade ao locutor; João, por sua vez, escolhe a forma “este” como indicadora de proximidade ao falante, corroborando o que dizem os manuais tradicionais.

4.3 Análise das propriedades discursivas dos demonstrativos em uso pelos primeiros habitantes de Maringá

4.3.1 Anáfora ou catáfora

Entende-se por anáfora a referência, em contexto endofórico, em que um pronome demonstrativo retoma parte já mencionada no texto, seja um único termo ou toda uma ideia. Seguem abaixo excertos retirados de nossos dados que bem exemplificam as duas situações:

(50) AÍ EU CHEGUEI na cruz JÁ PENSANDO né... o cavalo não queria passa rapaiz/ – parou ali?/Z – parou e estacou e num passava e eu vai bate **nesse** cavalo (Trecho da entrevista de Aurélio)

(51) E - o senhor comentou que os professores se reuniam no final da tarde ou durante a tarde num bar na Avenida Cerro Azul pra conversar de repente discutir os problemas da classe...além dessa possível reunião que acontecia...existia algum tipo de sindicato ou algo do gênero que permeava as diretrizes e os interesses da classe dos professores? [B - Existia...até bem interessante **isso** aqui (Trecho da entrevista de Beto)

Em (50), a forma “esse” retoma o termo “cavalo”, ao passo que em (51), a forma “isso” retoma toda uma ideia já apresentada em ato de fala anterior, naquele caso, o fato de existir, à época, uma espécie de sindicato que garantisse os direitos de professores.

A análise dessa propriedade dos demonstrativos é significativa, aqui, uma vez que, por prescrição, as formas “esse” ou “este” poderiam ser empregadas na anáfora, enquanto “este” estaria estritamente reservada à catáfora.

A tabela seguinte ilustra o que nossos dados apontaram sobre essa relação.

Tabela 15. Distribuição das formas anafóricas por falante

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	25	56%	20	44%
Ana	9	100%	0	0%
Beto	16	76%	5	24%
Bianca	31	97%	1	3%
João	10	91%	1	9%
Heloísa	21	100%	0	0%
Luana	18	100%	0	0%
Márcia	9	82%	2	18%
Tadeu	39	100%	0	0%
Aurélio	12	100%	0	0%
Total Geral	190	87%	29	13%

Fonte: elaboração própria

Nota-se que, em contexto anafórico, nossos informantes preferem “esse”, visto que 87% das ocorrências correspondem a essa forma. Os falantes que utilizam a forma “este” em contexto anafórico são Agnaldo, Beto, Bianca, João e Márcia. A análise atinente à associação dos dados linguísticos aos socioculturais desses informantes poderão auxiliar na compreensão dessa escolha.

Em contexto catafórico, as formas analisadas distribuem-se conforme a tabela 16 ilustra:

Tabela 16. Distribuição das formas catafóricas por falante

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	1	25%	3	75%
Beto	3	43%	4	57%
João	1	100%	0	0%
Márcia	1	100%	0	0%
Tadeu	4	100%	0	0%
Aurélio	4	100%	0	0%
Total Geral	14	67%	7	33%

Fonte: elaboração própria

Um apontamento importante que os dados revelam é a resistência que “este” exhibe ainda em contexto catafórico, quando corresponde a, aproximadamente, metade das ocorrências. Ademais, com base exclusivamente nesses dados, nota-se que Agnaldo e Beto elegem essa forma para esse contexto, visto que a utilizam em 75% e 57% das ocorrências, respectivamente.

Os excertos abaixo exemplificam a utilização de algumas das formas demonstrativas em contexto catafórico.

(52) **esta** é a nossa situação...tá absolutamente indiferente (Trecho da entrevista de Beto)

(53) eu num...num vou fazer mais **isto**...eu fui lá...sacrifiquei os alunos pelo senhor... (Trecho da entrevista de Beto)

(54) então **essa** é a maior a melhor coisa que o governo fez...O...o...o...eleitor TEM que vir votar com suas pernas com suas condução (Trecho da entrevista de Márcia)

Em (52) e (53), as formas “este” antecipam um item que será mencionado posteriormente. Em (54), porém, é a forma “esse” que realiza essa ação.

4.3.2 Adjacência com o antecedente

Retiramos essa variável de Pereira (2005) com o intuito de analisar se, em sentenças em que a forma demonstrativa estivesse imediatamente ao lado da sentença do termo ao qual fazia referência, haveria favorecimento da forma “este”, ao passo que, quando houvesse outras sentenças intervenientes a elas, seria a forma “esse” a favorecida.

Os exemplos (19) e (20), apresentados anteriormente na descrição da metodologia desta pesquisa, e que repetimos agora, caracterizam esses usos.

(19)... havia sido cortado subsídios **essas** coisas... (Trecho da entrevista de Agnaldo)

(20) o papai sempre soube que ele ia dar...conta de pagar as contas...então...ele se aventurou a fazer **isso**... (Trecho da entrevista de Bianca)

A tabela seguinte ilustra como as formas variantes aqui analisadas comportaram-se diante dessa variável:

Tabela 17. Distribuição das formas em sentença adjacente a do antecedente

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	7	54%	6	46%
Ana	2	100%	0	0%

Beto	14	88%	2	13%
Bianca	9	100%	0	0%
João	7	100%	0	0%
Heloísa	6	100%	0	0%
Luana	6	100%	0	0%
Márcia	4	67%	2	33%
Tadeu	15	100%	0	0%
Aurélio	6	100%	0	0%
Total Geral	76	88%	10	12%

Fonte: elaboração própria

Nossos dados não sustentam a tese de que, “este” deve ser favorecida em sentenças em que aparece adjacente ao seu termo antecedente. A forma “esse”, nesse caso, é utilizada, de forma massiva, em 88% das ocorrências.

Quando se analisam os dados individuais, por falante, nota-se, no entanto, uso significativo de “este” nessa posição por parte dos falantes Agnaldo e Márcia. A maioria deles, porém, não utiliza “este” nessa posição.

Analisemos agora o contexto de não adjacência a partir de nova tabela:

Tabela 18. Distribuição das formas em sentenças não adjacente a do antecedente

FORMA	ESSE		ESTE	
	QTD	%	QTD	%
Agnaldo	19	53%	17	47%
Ana	7	100%	0	0%
Beto	5	42%	7	58%
Bianca	22	96%	1	4%
João	4	80%	1	20%
Heloísa	15	100%	0	0%
Luana	12	100%	0	0%
Márcia	6	100%	0	0%
Tadeu	27	100%	0	0%
Aurélio	10	100%	0	0%
Total Geral	127	83%	26	17%

Fonte: elaboração própria

De acordo com a tabela, diante de situações em que a forma demonstrativa não está imediatamente na sentença ao lado de seu antecedente, os falantes optam pela forma “esse”, em sua maioria. Analisando de forma individual, contudo, vê-se que Beto elege a forma “este” para essas ocasiões, lançando mão dela em 58% das ocorrências. Agnaldo, novamente, faz uso bastante equilibrado de ambas as formas.

Uma das hipóteses que pode explicar essa situação – e que será melhor explorada no capítulo 5 – diz respeito às construções dos dois falantes como homens ligados à cultura letrada e que, portanto, tendem a usar a língua de maneira mais conservadora, observando questões normativas.

4.3.3 Demonstrativos e organização tópica do texto

Por fim, esta análise multissistêmica explora a distribuição das funções textuais dos demonstrativos em estudo, dentro dos discursos dos informantes. Como já apontado anteriormente, são três as funções que tais formas exercem em relação à organização tópica do discurso: inserção de tópico novo, continuidade do tópico e encerramento do tópico discursivo.

A tabela 19, abaixo, demonstra como se deu a distribuição dessas funções nos discursos analisados:

Tabela 19. Distribuição das funções textuais exercidas pelos demonstrativos na organização tópica dos discursos

FORMA	ESSE	%	ESTE	%
	QTD		QTD	
Inserção de novo tópico discursivo	236	85%	42	15%
Encerramento do tópico discursivo	24	96%	1	4%
Continuidade do tópico discursivo	7	88%	1	13%
Total Geral	267	86%	44	14%

Fonte: elaboração própria

Os dados apontam que as funções textuais supracitadas são, em sua maioria, realizadas pela forma “esse”. Na inserção de novo tópico discursivo, ela tem o percentual de 85%, ao passo que “este”, 15%; na continuidade do tópico discursivo, o percentual de “esse” corresponde a 88%, enquanto “este” corresponde a 13%. No encerramento do tópico discursivo, a forma “esse” tem um percentual de 96% das realizações, ao passo que “este” apresenta o percentual de 4%.

Nas tabelas seguintes, analisa-se a distribuição das funções textuais por falante. A tabela 20, em especial, trata da inserção de novo tópico discursivo.

Tabela 20. Distribuição das formas demonstrativas nas inserções de novo tópico discursivo, por falante

FORMA	ESSE	%	ESTE	%
	QTD		QTD	
Agnaldo	24	49%	25	51%
Ana	7	100%	0	0%
Beto	27	75%	9	25%
Bianca	31	97%	1	3%
João	11	79%	3	21%
Heloísa	44	100%	0	0%
Luana	17	100%	0	0%
Márcia	9	82%	2	18%
Tadeu	48	96%	2	4%
Aurélio	18	100%	0	0%
Total Geral	236	85%	42	15%

Fonte: elaboração própria

Um fato que se destaca em relação à inserção de novo tópico discursivo é atinente ao falante Agnaldo. Como se vê, de forma distinta dos demais falantes, o informante utiliza ambas as formas em estudo para realizar essa função textual, como ilustram os exemplos abaixo, retirados de sua entrevista:

- (55) nós tive/nós casamos em mil novecentos e quarenta e nove...na igreja Santa Cruz lá no Maringá Velho e... o padre Emílio que/Clemente (Scherer) é que fez...o nosso casamento...foi o primeiro padre de Maringá...e::...a gente então...an::...casou **nesta/neste** ano de quarenta e nove...e eu tive a felicidade de ter SEIS FILHOS todos maringaenses todos casados hoje dez neto e uma bisneta
- (56) Entrevistador: conta pra gente alguma história dessa época do rádio... que o senhor acha...interessante que foi marcante nessa...nessa sua trajetória tão longa
- Agnaldo: no radio **nesse** tempo nós não tínhamos ainda televisão...então era o meio o canal...que nos tínhamos de...atingir o povo...porque todo mundo...é...sintonizava rádio rádio surgiu praticamente...com a própria cidade... então como não tínhamos televison...quem fazia as vezes de...de se tornar um instrumento

de...de...de divulgação...maior ERA o rádio...tínhamos os jornais mais o rádio imperava

Em (55), com a forma “este” o falante insere um novo tópico no discurso que produzia, a partir dela, ele informa a data em que se casara e passa a falar sobre a família que constituiu com a esposa. Em (56), a forma “esse” insere um novo tópico, a partir do qual o falante discorre sobre os meios de comunicação da época em que chegara à Maringá.

Como já se tem afirmado, todos os usos linguísticos, em especial, aqueles que se destacam no discurso dos informantes serão debatidos com maior ênfase na análise do capítulo posterior, aquela em que poder-se-á associar a realização de tais usos a aspectos identitários e constitutivos desses falantes.

Da mesma forma como Agnaldo destaca-se em relação à forma como usa as duas formas variantes na inserção de novo tópico, o falante também tem o uso salientado no que diz respeito ao uso das formas variantes na continuidade do tópico discursivo, como apresenta a tabela 21.

Tabela 21. Distribuição das formas demonstrativas na continuidade do tópico discursivo, por falante

FORMA	ESSE	%	ESTE	%
	QTD		QTD	
Agnaldo	2	67%	1	33%
Beto	1	100%	0	0%
Heloísa	1	100%	0	0%
Luana	1	100%	0	0%
Márcia	1	100%	0	0%
Aurélio	1	100%	0	0%
Total Geral	7	88%	1	13%

Fonte: elaboração própria

Como se vê, é ele o único falante que utiliza ambas as formas na realização dessa função textual, como ilustram os excertos:

- (57) a::...o nosso programa era dirigido... é:... para um sentido de colaborar...de ser um programa de utilidade pública pros...teles/pros sintonizadores do do programa...então a gente procurava atender mais... os pedidos as reivindicações que vinham por carta...elas

vinham por carta **essas** reivindicações e nós...a transformávamos...em proposição dentro da câmara... municipal (Trecho retirado da entrevista de Agnaldo)

(58) bom tudo que tem em Maringá nós falamos em lugar de passeio...praticamente também nasceram com a cidade...nós tivemos por exemplo...é:::....a criação do horto florestal...**este** horto florestal tem história pra conter... (Trecho retirado da entrevista de Agnaldo)

Nas duas situações, o falante reitera o que já havia falado e, nessas circunstâncias, utiliza ora “esse”, ora “este” para retomar o assunto.

Na análise das formas demonstrativas no encerramento de tópico discursivo, os falantes apresentaram os seguintes usos:

Tabela 22. Distribuição das formas demonstrativas no encerramento do tópico discursivo, por falante

FORMA	ESSE	%	ESTE	%
	QTD		QTD	
Agnaldo	1	100%	0	0%
Ana	2	100%	0	0%
Beto	3	75%	1	25%
Bianca	2	100%	0	0%
Heloísa	4	100%	0	0%
Luana	4	100%	0	0%
Tadeu	6	100%	0	0%
Aurélino	2	100%	0	0%
Total Geral	24	96%	1	4%

Fonte: elaboração própria

Como se vê, a forma “esse” ganha destaque, também, no encerramento do tópico discursivo. A forma apresenta o percentual de 96% de uso, ao passo que “este” revela o percentual de apenas 4%. Assim, a forma “esse” apresenta primazia também no que diz respeito à organização tópica do texto.

4.4 Considerações Finais acerca da análise linguística multissistêmica

A análise linguística já apresentada buscou analisar as formas demonstrativas variantes “esse” e “este” em seus contornos gramatical, semântico, discursivo, amparando-se na abordagem multissistêmica da língua, de Castilho (2010).

Assim, considerando o contorno gramatical, averiguou-se a forma demonstrativa utilizada, e, nesse caso, foram observadas tanto as realizações dos falantes quanto dos entrevistadores, na busca por analisar se os usos destes poderiam influenciar os falantes na escolha por uma variante ou outra. Notou-se, nesse aspecto, que os usos linguísticos dos entrevistadores não exerceram influência sobre as realizações dos falantes.

Ainda em relação ao contorno gramatical, foram analisadas as funções que as formas demonstrativas exerciam dentro dos sintagmas e concluiu-se que, dentro do *corpus* em estudo, três funções foram encontradas: a função de especificador, complementador e núcleo. Em todas elas, “esse” apresentou proeminência.

No que concerne ao contorno semântico, observaram-se os tipos de referências que essas formas realizavam. Com isso, confirmou-se a hipótese de que o *corpus* favorecia a realização de referências endofóricas.

Ainda no contorno semântico, observou-se se as formas demonstrativas realizavam referências endo ou exofóricas e constatou-se que as referências endofóricas apresentaram maior recorrência.

Nesse caso, ainda, investigou-se se essas formas estavam associadas ao campo do locutor ou do interlocutor, na tentativa de examinar qual forma era favorecida em relação aos diferentes campos. Constatou-se, nessa ocasião, que a forma “esse” aparecia com destaque nos dois contextos. O mesmo concluiu-se quando se analisaram, ainda no contorno semântico, as referências dêiticas espaciais e temporais.

Já analisando o contorno discursivo, observou-se se as formas demonstrativas exerciam função na retomada ou antecipação de termos e constataram-se as duas circunstâncias, ambas realizadas, em sua maioria, pela forma “esse”.

Observaram-se, ainda, variáveis atinentes à adjacência com o termo antecedente e concluiu-se que a despeito do distanciamento ou aproximação da forma demonstrativa ao seu antecedente, “esse” exibe maior ocorrência.

Por fim, considerando, ainda um contorno discursivo, observou-se a função tópica que as formas em estudo realizavam no discurso e notou-se que, para todas as funções, “esse” tem preferência.

Assim, de acordo com a análise, os dados encontrados por nossa pesquisa mostram, também, o processo de mudança por que passa o quadro demonstrativo brasileiro, em que a forma “esse” exibe maior emprego do que “este”, a despeito do contexto em que é realizada, se em endófora ou exófora.

Corroborando, porém, o que já afirmava Pereira (2005), o levantamento permitiu a compreensão de que há contextos em que “este” apresenta, ainda, resistência, a exemplo das referências catafóricas. Dessa forma, aqui, também abandona-se a hipótese de um processo de especialização de formas, tal como Marine (2004) propôs.

Outro ponto importante levantado pela análise diz respeito à comparação que se pode fazer entre o que pregam as gramáticas de orientação normativa e o real uso que se faz acerca das variantes em análise, visto que, na maior parte das circunstâncias, não houve diálogo entre os resultados obtidos e o que se prescreve.

Chamaram a atenção, ainda, determinados usos isolados realizados pelos falantes, tais como a associação incomum entre o demonstrativo “esse” e o locativo “ali”; o ar conservador com que alguns falantes tratam, ainda, os demonstrativos e a maneira como, em alguns contextos, determinados falantes aderem completamente à substituição.

No capítulo seguinte, pretende-se discorrer sobre essas situações, a partir da associação entre os usos dos falantes a suas construções de identidades, reveladas pelos discursos criados mediante as entrevistas.

Será a partir da análise que segue que se buscará definir um significado social para a variação das formas “este” e “esse”, à medida que se associa seu uso à construção de *personae* em diferentes comunidades de práticas.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DISCURSIVO-SOCIOCULTURAL

Este capítulo tem dois objetivos específicos: em princípio, pretende-se apresentar os resultados obtidos em relação à reconstituição das identidades de nossos informantes, com base nas narrativas criadas por eles em suas entrevistas e, em alguns casos, nas fichas cadastrais disponibilizadas pela Gerência de Patrimônio Histórico da cidade de Maringá.

Nosso segundo objetivo, aqui, é associar a variação linguística aos elementos identitários dos falantes analisados, de maneira que suas práticas possam, de alguma forma, explicar seus usos linguísticos, na busca por atribuir um significado social à variação, tal como propõe Eckert (2005).

O capítulo divide-se em onze seções. Nas dez primeiras, apresenta-se a análise discursivo-cultural de cada informante, ao passo que na décima primeira, apresentam-se considerações finais acerca do que foi exposto no capítulo.

5.1 Aurélio

Como se viu no capítulo metodológico deste trabalho, esse informante chegou à cidade de Maringá quando esta ainda se formava, no ano de 1946. Ele vinha da cidade de Cornélio Procopio, tendo, no entanto, o município de Itajubi, no estado de São Paulo, como naturalidade.

Considerado um pioneiro oficial de Maringá, encontra-se, no acervo documental da Gerência de Patrimônio Histórico da cidade, uma ficha que descreve suas atuações e contribuições para o município. De acordo com essa documentação, o informante, em companhia da família, mudou-se para a cidade em razão da compra de dez alqueires de terra realizada pelos avós. À época, o pioneiro tinha 12 anos e dada a sua chegada, fixou residência na área rural, onde trabalhou na derrubada de matas, abertura de estradas e preparação de terras para o plantio de café.

Em sua entrevista, Aurélio fala sobre sua perspectiva acerca da formação da cidade de Maringá:

(59) nós chegamo aqui em setembro nessa época de quarenta e seis... maringá era só mato naquela época não tinha nada... mais nada só tinha Maringá

Velho lá umas casinha lá Maringá velho... Maringá Novo era mato... é:: avenida Brasil... era assim um::... tipo dum::... picadão...

De acordo com Luz (1999), a divisão Maringá Velho e Maringá Novo sobre a qual relata o falante, diz respeito às partes da cidade em via de formação. Maringá Velho, como passou a ser chamada em seguida, constituía-se de uma aglomeração de moradores que aguardavam a construção da linha férrea. Como a espera estendeu-se por longo tempo, o aglomerado de pessoas desenvolveu-se, ganhando características de um bairro comum. De acordo com o discurso criado por Aurélio, sua residência, no entanto, afastava-se dessa construção, estando localizada a aproximadamente doze quilômetros do local.

No decorrer de sua narrativa, Aurélio busca construir a identidade do pioneiro vinculado ao ambiente rural, que, diante das dificuldades que a cidade ainda em formação apresentava, alcançou triunfo. Em parte de seu relato, o informante procura retratar sua perspectiva sobre a época. Nesse caso, valoriza o sofrimento enfrentado por ele e pela família.

(60) então a gente entro:: nois na estrada pinguim... é:: da uns doze quilômetro aqui do centro de Maringá... e:: era um canudo de mato só... era só um canudo só tinha aquela assim aquela estradinha assim aquela picadinha... e nós entramo lá onde o pai veio na frente e derrubou um alqueire de mato... e fez uma casinha de palmito aí nós entramo lá e nós chegamo aí a noite já meio já:: tardezinha... e:: desgarregamo aquela mudancinha aquele tempo era aquelas mudancinha mixuru e aí a casa de palmito já tava feita alguns dia e ela murchou o palmito e ficou aquelas greta né...

O mesmo acontece quando o informante é questionado sobre a caça a animais, prática comum da época. Nesse caso, para ele, a caça estava para além do lazer: era, na verdade, um meio de obter alimento:

(61) nós caçava pa se alimenta no começo que nós chego aí... é:: era fácil tinha ó:: os bicho passava perto de você cê ia trabalha na roça a gente levava espingarda sabe (...) e:: e daí a vez / a caça passava você matava ela é era pa se alimenta mesmo (...) a gente comia que era muito... VIA::DO assim an::ta muito bicho tinha sabe?

Além disso, o informante procura destacar a relação que mantinha com a cidade naquela época. Segundo ele, o ambiente urbano só era procurado diante de alguma necessidade ou em dias festivos.

(62) nós vinha quando:: precisa::va ou que tivesse uma festa uma festa alguma assim alguma coisa assim procissão o:: é:: de:: é ano novo... é:: natal né tinha aquela missa do ga::lo...

É dessa forma que, em seu discurso, Aurélio busca constituir-se como um homem vinculado ao ambiente rural. Embora, em sua vida adulta, tenha participado de comunidades que o ligassem ao ambiente urbano, tal como seu cargo como bancário e sua experiência na política, como vereador, é como homem rural que demonstra querer ser reconhecido. Para tanto, em parte de seu discurso, busca minimizar o sofrimento enfrentado em tal ambiente diante do prazer que sentia por estar nele.

(63) a gente sofreu ein... mais era muito gostoso HOje... a gente fica lembrando a gente tem muita saudade das coisa boa né

Diante do discurso adotado, o informante faz comparações entre o presente e o passado, enaltecendo a época em que estava inteiramente ligado ao ambiente rural, e destacando o desejo de voltar a morar em tal local em virtude da economia que o ambiente lhe proporcionaria:

(64) num pagava telefone... cê num pagava PTU cê num pagava / pedágio... cê num gastava gasolina (...) é e então eu tenho saudade É DISSO DAÍ e eu até::... num tô mau / tenho meus fio sítio e tudo lá ma... eu vou pra lá as veis passia que eu moro numa cidade mais eu tô querendo vortá lá que definitivo (...) e mandá... tudo essas coisa pu meio dos inferno dum perdão da palavra... ((risos)) eu num guento mais pagá água luz e telefone e:: e:: coisera tudo né... ieu tenho muita saudade daquele tempo né

Para projetar a imagem do homem ligado ao ambiente rural, Aurélio, aparentemente, lança mão de alguns recursos. Em boa parte de seu discurso, por exemplo, o informante narra fatos sobrenaturais ou histórias que envolvam perseguições

de onças, prática também comum ao ambiente rural. Nesse caso, o falante define-se como um contador de histórias – causos – uma vez que, na falta de outras opções de lazer, era esse seu passatempo antigamente:

- (65) ieu sei as história muito bem né então eu tô falando assim... MAIS EU SÔ contado de história de onça né então a gente vai contando né porque um tempo era assim Miguel a gente... jantava meio cedo e sentava no terreiro não tinha televison não tinha nada rádio então a gente fazia aquela roda e contava história né (...) cada um contava uma ieu fui gardando aquelas história... né fui guardando e hoje eu conto aquelas história né...

Além das narrativas sobrenaturais, Aurélio também escreve e recita poemas. Em sua prática literária, aborda temas relativos ao campo e à religiosidade. E, para além da literatura e contação de causos, que o aproximam do ambiente rural, o falante explora recursos linguísticos que o associam a ele. Em seu discurso, são comuns palavras com pronúncia que refletem influência rural, como se vê nos excertos em que tais palavras são grafadas em negrito:

- (66) a cobra já tá me engolindo né... aí eu fui despedi do mundo assim falei “ade::us mundo” mais desse lado num tinha nada sabe... aí escorrego desceu **pros pé**... eu uiscutei um barulho lá embaxo sab / aquela briga foice no escuro djiá djiá djié djiá... aí rapaiz aí paro o **baruio** aí eu tava **cu zoio** fechado né... daí eu vi quando a sucuri chego veio de baxo pra cima assim esfregando esfregando esfregando... aí chego na minha **oreia** assim... esfrego a língua dela falo assim pra mim “pode desce que ieu engoli a onça viu”
- (67) ah eu me sinto assim::... orgulhoso satisfeito de te conseguido... isso aí cum:: cum o passá do tempo né devagarzinho a gente foi conseguindo... HOJE é:: se tá vendo que essa festa é... ela atinge esse ano vinha:: veio até:: reportagem de Curitiba aí pá **firma** a festa sabe
- (68) aí na **nóis viemo** do estado de são Paulo **nóis troxe** dois cavalo... mai como chego aí num tinha pasto nóis (pegamo) um pedaço do mato... e puzemo **os cavalo** lá dentro né... AÍ QUANDO deu assim mais ou menos umas:: oito nove hora da noite eu falei inventei po meu pai “VÔ NA MISSA do galo”

ele falo “mai uma hora dessa ? Cum esse escuro?” Falei “eu vô”... “mai que jeito?” “VÔ A CAVALO NÉ” aí rapaiz... eu peguei aquele freio... sabe aquele freio de po na boca do cavalo?

- (69) **Oiei** não tinha nada na cinta né falei o jeito é correr comecei a correr corre essa onça atrais rapaiz... e eu tava lá pro lado... do do rancho não dava tempo de chega... aí tinha uma **arve** torta assim sabe ieu subi na arve - eu era muito ligeiro sabe... subi na arve assim quando cheguei o no meio da arve oiei pra cima tinha uma sucuri... sabe aquela cobra que engole gente né

De modo geral, esses recursos linguísticos exemplificam casos de concordância nominal/verbal variável, como em “pros pé”, (66), “nóis viemo”, “nóis troxe” e “os cavalo”, (68); troca de consoante palatal por “i”, como em “baruio” (66), “zoio”, “oreia”, (66), e “oiei”, (69); rotacismo, como em “firma”, (67); e síncope de proparoxítonas, como “arve”, (69).

Todos esses usos indicam valor de ruralidade e poderiam ser considerados, de acordo com Bortoni-Ricardo (2002), como “traços descontínuos”, uma vez que estão mais sujeitos ao estigma, em oposição aos “traços graduais”, aqueles que podem estar presentes em todas as variedades.

Acrescentam-se a esses usos, nesse caso, as formas demonstrativas. A explanação dos dados permite a constatação do uso da forma “esse” em todas as situações, seja como referência exofórica, como em (66) e (68), ou endofórica, como nos demais excertos.

Ao lançar mão da perspectiva de contínuos de Bortoni-Ricardo (2002) - em que se analisam os usos de acordo com três contínuos, a saber o continuum de urbanização, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística, pode-se classificar os usos de Aurélio como [+rural], [+oral] e [-monitorado]. Nessas circunstâncias, portanto, a forma “esse” poderia, também, receber tais valores.

Ainda em relação aos recursos linguísticos utilizados por Aurélio e tomando como premissa a afirmação de Le Page (1980) de que todo ato de fala é um ato de identidade, entendemos que, ao utilizar uma fala característica dos falares do campo, Aurélio define-se como o homem rural, filiando-se a uma comunidade a partir também de sua prática de linguagem. Assim, ele utiliza a variação linguística como recurso para

cumprir uma das finalidades cruciais desse fenômeno: marcar uma identidade social (BORTONI-RICARDO, 2005).

Ademais, essa identidade social construída pelo falante contribui para seu reconhecimento. Na cidade, por exemplo, tornou-se tradição uma festa junina que leva o nome do informante, comemoração típica do ambiente rural, celebrada anualmente, tendo o falante como anfitrião.

Em função disso, para a construção dessa identidade, não basta ser apenas o homem do campo que valoriza os elementos de tal local, é preciso também valorizar certa religiosidade, uma vez que tais festas homenageiam santos da tradição católica. Assim, em determinado momento de seu discurso, quando fala sobre o desejo de se casar, Aurélio procura projetar-se como o homem católico que preza pelos preceitos da religião:

(70) mais ieu sô eu sô assim Miguel... eu sô viúvo E:: JÁ ARRUMEI muitas namoradas sabe (...) mais namorada separada... como eu sô católico... eu o namoro / muié separada num pode... nem namora... ELAS NUM PODE CASÁ... elas são casada na igreja aquilo num só a morte separa né (...) então mai já numa arrumei umas muié bo::a assim né... mais tudo separado né aí eu num queria muié separada eu quero casá na igreja né... eu quero casá como diz como ensina a igreja bom sô... sô o dono da festa lá vô casa errado? (...) é tem que dá o exemplo né...

Dessa forma, nota-se que, embora Aurélio tenha compartilhado diferentes práticas que o aproximassem do ambiente urbano, ele busca se legitimar como o homem do campo que valoriza tradições rurais e religiosas. Para tanto, cria um discurso em que se projeta como o homem rural e católico, bem como o pioneiro reconhecido, e para a manutenção dessa identidade e filiação à comunidade de prática correspondente, ele realiza práticas diversas.

Dentre essas práticas diversas que o falante utiliza para construir sua identidade e filiar-se às comunidades das quais participa, o informante utiliza também a da linguagem. O uso linguístico com valor de ruralidade é parte do estilo que o falante cria para construir a *persona* do homem rural que corroborará para a constituição de sua identidade.

Em relação aos usos concernentes às variantes “este” e “esse”, Aurélio indica uma situação peculiar: ele é um dos falantes que adere completamente à substituição de “este” por “esse”, visto que não utiliza a primeira forma em nenhum momento.

Não seria pertinente atribuir a responsabilidade dessa ação unicamente à escolaridade do falante, visto que, em sua vida, exerceu funções em áreas que exigiam a formalidade característica desse ambiente. O que se pode ponderar é que tal fato também pode associar-se às comunidades de práticas das quais o falante participa e às identidades que busca construir para si mesmo. Tendo interesse em mostrar-se um homem do ambiente rural e na certeza de que os ouvintes de seus relatos esperavam essa imagem dele, uma vez que é reconhecido na cidade por essa postura, pode parecer-lhe desnecessária a utilização das duas formas.

5.2 Agnaldo

A Gerência de Patrimônio Histórico da cidade de Maringá, em seu acervo documental, abriga vasto registro de informações acerca de Agnaldo. A partir de sua ficha de dados, descobrimos que ele nasceu no Distrito do Rio Uruguai, no município de Campos Novos, em Santa Catarina. Cresceu, contudo, no município de Caçador, a oeste do mesmo estado.

Ainda que visitasse a cidade de Maringá com frequência desde o ano de 1947, o falante só fixou residência na localidade em 1949, em função do seu casamento com uma professora atuante no chamado Maringá Velho, moradora da cidade, mas com família também oriunda do oeste catarinense.

Já estabelecido nessa localidade, o informante ocupou cargos como servidor municipal, vereador, jornalista, locutor de rádio e escritor, além de ocupar uma cadeira como membro da Academia de Letras de Maringá.

Na entrevista concedida por Agnaldo e utilizada, aqui, como *corpus* deste trabalho, o informante discorre sobre a formação da cidade de Maringá, expondo seu ponto de vista acerca do desenvolvimento da região. É o que se vê, por exemplo, neste primeiro excerto retirado de seu discurso:

(71) quando eu cheguei em Maringá...olha...é:... isso aí muita gente não acredita...mas só tinha o Maringá Velho...o Maringá Novo estava começando a ser aberto como todos sabe...o Maringá Novo surgiu...em mil

novecentos e quarenta e sete...dia dez de maio de quarenta e sete...então só existia o Maringá Velho nesta época... o:...onde existia já um...comércio FORTE em Maringá e... depois então teve o/esta...localidade este desenvolvimento...que eu considero que foi um desenvolvimento... muito rápido porquanto...é:...eu não acreditava... que essa cidade...que era uma verdadeira boca de sertão...pudesse ter esse desenvolvimento...em tão pouco tempo (...) a razão disto é exatamente a cidade de Maringá em si...e:...como...uma terra...an: de...plantação de café...que naquele tempo atraía as atenções não apenas do pessoal de São Paulo da região de São/do estado de São Paulo...que era a maioria que veio pra Maringá para fazer o desbravamento...mas sim também porque Maringá...foi...desde a sua...pedra fundamental...uma cidade planejada para ser grande

Ao contrastar as expressões “boca de sertão” e “cidade planejada para ser grande”, Agnaldo já dá indícios de sua posição em relação à formação urbana da cidade de Maringá. Em sua perspectiva, a construção da cidade acontece como um evento que supera uma etapa primitiva. Em razão disso, o desenvolvimento sobre o qual ele fala aparece valorizado.

Como forma de sustentar seu próprio discurso, o informante lança mão de outros discursos já criados acerca do desenvolvimento urbano de Maringá, e, nesse caso, faz uso da publicidade criada e divulgada pela empresa responsável pelas vendas de terras na cidade. É o que se nota neste excerto em que Agnaldo procura justificar sua vinda para a localidade:

(72) nossa vinda para Maringá...ela:...é teve...um:...fator importante...porque...o nome de Maringá...era muito conhecida lá no oeste catarinense de onde...viemos para Maringá...e...as notícias que lá chegavam...davam contas de que esta região era uma região...é cafeeira...onde o café já predominava desde Londrina até aqui perto de Maringá...e:...a gente...é vendo esta...an:...divulgação...tinha muita vontade de vim conhecê...esta região que era chamada como culti/cultivava o...o ouro verde do Brasil

As notícias sobre as quais Agnaldo fala provavelmente digam respeito à publicidade promovida pela CMNP a fim de vender terras a diferentes investidores. Gonçalves (1999), ao tratar da imagem publicitária da companhia, afirma que:

Em seus panfletos e cartazes de propaganda espalhados, nos anos 30-50, pelos vagões de trens e pelos edifícios onde havia grande circulação de pessoas nas capitais e nas cidades do interior do país, ela alardeava que suas terras, além de serem fertilíssimas, não tinham as temíveis saúvas (que eram um dos grandes males agrícolas da nação, de acordo com a percepção coletiva daqueles tempos) e serviam para numerosas culturas, dentre elas o café. (GONÇALVES, 1999, p. 103)

A fecundidade da terra era, a propósito, o principal argumento dessa propaganda que,

(...) distribuída em todo o país, tinha por objetivo projetar a Região Norte do Paraná como o novo “Eldorado”, espaço de riquezas e oportunidades aos que aceitassem o desafio de desbravar as terras férteis ainda a serem cultivadas no Norte paranaense. Esse tipo de propaganda surtiu um efeito razoável, levando um grande contingente de pessoas a adquirirem lotes na região com o sonho de se tornarem prósperos numa terra que, segundo a propaganda da Companhia, propiciava grandes oportunidades aos novos proprietários que estivessem dispostos a tirar proveito dos baixos custos da terra, investindo na produção do café. (TOMAZ, 2010, p. 9)

A expressão “Ouro verde do Brasil”, utilizada por Agnaldo em seu discurso, surge a partir dos textos dessa propaganda. Em ambos os casos, ela faz referência ao café, um produto valioso, segundo a comparação, e que garantiria a prosperidade dos novos compradores de terra que fossem persuadidos por essa publicidade.

Em seu discurso, no entanto, Agnaldo relata que, de início, não foi para prosperar com o plantio de café que, em 1947, quando contava com vinte anos, veio para a cidade de Maringá. Segundo ele,

(73) [...] eu vim pra Maringá sozinho com vinte anos de idade...e:...vim inicialmente para querer conhecer esta cidade que nascia e...minha família...somente veio pra Maringá um ano depois quer dizer...muitos casos é::...são os pais que puxam os filhos para uma cidade...aqui no meu caso...aconteceu o contrário

Os três excertos retirados do discurso de Agnaldo até então podem apontar aspectos relevantes acerca da identidade que o informante buscava construir para si mesmo e que poderão, de certa forma, impactar suas escolhas linguísticas. O primeiro deles trata da forma como o informante avaliava a formação urbana de Maringá, uma vez que, ao julgar que a cidade passa muito rápido de uma “boca de sertão” a uma

cidade grande, e à medida que enaltece esse desenvolvimento, ele pode já indiciar o quanto vinculava-se à cultura urbana.

Um segundo aspecto que o discurso fornece aponta para o tipo de homem no qual Agnaldo buscava constituir-se. Ao citar que, embora muito jovem, teria sido ele o responsável pela vinda da família para a cidade de Maringá, Agnaldo buscava projetar-se como homem independente e influente que, com seu comportamento, toma a liderança na família.

Os três excertos já citados podem, ainda, apontar para a forma como Agnaldo utiliza as formas demonstrativas em estudo, como se vê a partir dos fragmentos “só existia o Maringá Velho **nesta** época”, “**esta**...localidade”, (71); “**esta** região era uma região...é cafeeira”, “tinha muita vontade de vim conhecê...**esta** região”, (72); “vim inicialmente para querer conhecer **esta** cidade que nascia”, (73). Tais dados podem revelar que Agnaldo elege a forma “este” para as referências exofóricas, o que aponta para um conservadorismo quando consideramos o estudo de Pereira (2005), uma vez que, na ocasião, o autor demonstrava que o processo de variação que o sistema pronominal demonstrativo brasileiro apresenta alcançou primeiramente as referências endofóricas e, em seguida, as exofóricas.

Retomando os esforços de reconstituir a identidade de Agnaldo, um outro fragmento que pode dar indícios do tipo de homem que ele buscava projetar é este que segue, em que o informante falava sobre a esposa:

(74) ainda tenho a dizer que devo tudo a essa...maringaense...que foi é:...uma das professoras da primeira escola...de Maringá Velho ainda e...a gente se conheceu numa véspera de natal onde...ali começou o namoro e depois teve continuidade através de correspondência...aquele tempo o namoro como todos sabem...ele mais era através de cartas...mas...a gente vinha depois de ter conhecido esta moça de...dois em dois meses em Maringá para namorar (...) é::...eu sempre digo né o que que uma mulher pode fazer na vida de um homem né?...isto...porque...é::...se não fosse ela...talvez a gente não teria...vindo pra Maringá por/então ela é a razão da minha vinda pra Maringá

À medida que o informante procura destacar a importância que seu relacionamento amoroso operou sobre sua vida, é plausível afirmar que para a

construção da *personae* que vem constituindo em seu discurso, a valorização da família é importante, como também é para a construção da imagem da cidade de Maringá.

Ademais, levando em consideração a perspectiva de Batisti (2014), que vê as identidades como frutos de filiações sociais, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, e analisando as instituições das quais Agnaldo fez parte - o rádio, a televisão, a Academia de Letras de Maringá, a Câmara Municipal, a prefeitura – nota-se que o informante buscava construir a identidade do homem público que minimizava interesses privados, movido pelo projeto da cidade. É o que se nota nas seguintes circunstâncias de sua fala:

- a) Quando traça uma comparação entre a atuação como vereador nos anos iniciais da cidade e à época em que concedia a entrevista:

(75) naquele tempo existia salário sim mas não assim e::...valor...é::...alto...era um pequeno valor inclusive eu mo/o maior tempo...de minha atuação...também não teve nem salário que era a época da...da revolução no no Brasil⁸ e... havia sido cortado subsídios essas coisas...então a gente atuava mais...por amor à cidade...a::...que viu crescer que viu no meu caso...acompanhar DESDE a sua fundação o desenvolvimento...então a gente é... pega...não é...num digo assim que muita gente diz que tem an...AMOR ou assim coisa parecida por Maringá...eu já digo que eu tenho paixão por Maringá

Nesse caso, o informante procura construir a identidade do homem exclusivamente dedicado aos interesses da cidade e que, em razão disso, é indiferente a questões financeiras.

- b) Quando fala sobre sua atuação como jornalista, ora no rádio, apresentando o programa “A Voz do Povo”, na Rádio Difusora, ora na televisão, com o programa “Maringá Outrora”, pela TV Comunitária:

⁸ Agnaldo ocupou o cargo de vereador durante sete legislaturas, de 1959 a 1987. Em seu relato, ele retifica a informação de que os vereadores não recebiam salário à época em que exercia tal cargo. Segundo ele, a remuneração foi interrompida durante um durante tempo significativo em razão do que ele chama de “revolução no Brasil”. Levando em consideração as datas correspondentes à sua atuação como vereador, pode-se afirmar que o que Agnaldo chama de “revolução no Brasil” foi, na verdade, o regime militar ocorrido no país entre os anos de 1964 e 1985.

(76) esse programa chamava-se A Voz do Povo...inicialmente...era traço de união...um programa que nós tínhamos é... criado praticamente para divulgar...é::...as notas da municipalidade da prefeitura...eu entrei é...como funcionário inclusive além de vereador na prefeitura de Maringá com o segundo prefeito de Maringá Américo Dias Ferraz...então a gente...é::...dentro desse programa an:...depois...e teve esta...criação também...das reivindicações populares do (bolsão) de emprego...que era um programa dirigido...à população que tinha grande audiência...e eu acredito inclusive que este programa... é que me deu esses sete mandatos de vereador (...) a::...o nosso programa era dirigido... é::... para um sentido de colaborar...de ser um programa de utilidade pública pros...teles/pros sintonizadores do do programa...então a gente procurava atender mais... os pedidos as reivindicações que vinham por carta...elas vinham por carta essas reivindicações e nós...a transformávamos...em proposição dentro da câmara... municipal

(77) temos na tevê Comunitária há oito anos um programa...que leva por título Maringá Outrora e agora...este programa...ele visa...também...é praticamente divulgar a nossa cidade então eu mostro ali nesse programa...o que era Maringá de antigamente...e o que é Maringá de... hoje...de Maringá outrora e agora

Nota-se, aqui, que tanto sua participação no rádio quanto na televisão também esteve voltada para os interesses da cidade, ainda que assuma que essa participação tenha operado como uma contribuição para sua eleição a vereador.

c) Quando discorre sobre sua iniciativa de criar a Associação dos Pioneiros de Maringá:

(78) esta associação tem um papel muito importante...é...em Maringá...ela foi criada aliás...é já::...há muitos anos...e:: tinha uma finalidade...de valorizá a condição do pioneiro e da pioneira também...inclusive nós temos...é dentro da associação...dos pioneiros de Maringá...é::...MAIS... de três mil e quinhentos pioneiros que estão cadastrados...na prefeitura de Maringá...lá na divisão do patrimônio histórico...e também é...esta associação dos

pioneiros...ela...é::...visa...é homenagear os pioneiros...que...faleceram em Maringá...nós temos mais de quinhentos pioneiros falecidos já em Maringá...que foram...homenageados...é... receberam...homenagem póstuma...com seus nomes dado... a ruas avenidas e praças de Maringá...e também...nós procuramos através desta associação...auxiliar o resgate...da...história de Maringá...é::...como se diz no seu todo...porquanto nós entrevistamos os pioneiros... que...eles é que contam... esta verdadeira história de Maringá...e... através deles então...nós é...temos...é::... a condição inclusive...de relatar fatos...que são inédito na história desta cidade

Aqui, Agnaldo ampara-se no discurso do *pioneirismo*. Tomaz (2010) acredita que discursos como esse legitimam e unificam identidades ao passo que são construções narrativas que têm como intuito engrandecer o passado da região ou mesmo são resultado “da busca pela legitimação de determinado espaço através de uma memória comum ao grupo” (TOMAZ, 2010, p. 5). Agnaldo, nesse caso, utiliza-o para divulgar sua versão sobre a construção da cidade, o que para ele seria a “verdadeira história de Maringá”.

d) Quando relata a criação do codinome “Cidade Canção”, epíteto atribuído à cidade de Maringá:

(79) este codinome foi por nós criado em Maringá...e por que que se criou esse...vou dizer...se criou-se o codinome de Cidade Canção é...através deste meu programa de rádio que eu falei no início aqui...através dele eu fiz a campanha e foi aceita pela população...então é::...nós...é::...recebemos...no tempo em que... na prefeitura fomos secretários de administração...do terceiro prefeito de Maringá que foi o doutor João Paulino...eu fui secretário então da prefeitura...e as cartas que chegavam ao gabinete do prefeito passavam pela minha mão...uma estudante de Minas Gerais ela mandou uma carta é::...dizendo que...queria conhecê MAIS sobre ...é::...a cidade que nasceu de uma de uma canção de Joubert de Carvalho...naquele tempo Maringá tinha dezessete anos e era conhecida como “Cidade Menina”...ma não era mais menina...ENTÃO eu pensando naquilo aquela aquela colocação daquela estudante...de cidade que nasceu de uma canção eu pensei...nada melhor do que cidade canção e pegou ...até hoje nós estamos

aí é:...levando esse nome para todo Brasil e as conhecida mundialmente até a Maringá como Cidade Canção

Nesse caso, o informante busca incluir-se no que, para ele, é a verdadeira história da cidade, buscando criar um discurso em que sua atuação tem grande importância no desenrolar dos fatos.

e) Quando trata sobre sua participação na Academia de Letras de Maringá e sobre sua atuação como escritor;

(80) Academia de Letras de Maringá é uma outra conquista muito grande pra... nossa cidade...são quarenta cadeiras...cada...uma cadeira tem...um dos ilustres é::...an...personalidades ...da cultura brasileira ...como patrono...e...nós dentro da nossa... Academia de Letras...nós realizamos inclusive...é acontecimentos...culturais que atraindo gente de... todas cidades praticamente do Brasil para participar...então a gente de/tem a ...e/a dizer que o papel...da nossa::...Academia de Letras é importante...é...inclusive ...porquanto nós temos a...escritores de renome...que fazem parte da nossa academia...poetas...destacados e inclusive que estão sendo homenageados lá fora como no caso do nosso poeta A A de Assis e outros que nós tivemos aí como Ari de Lima ...e tantas outras figura...que nós temos dentro da nossa Academia de Letras.

(81) tem quatro livro SOBRE Maringá publicados (...) é::...eu comecei com Maringá é::... sua história e sua gente...depois...eu trouxe...outro livro...segundo...trazendo por título é::...A Cidade Canção...

Em tal caso, nota-se que suas práticas dentro da comunidade da Academia de Letras em Maringá reforçam a identidade que buscava construir: a do homem a serviço da cidade e da sua história.

A fragmentação do discurso de Agnaldo, aqui apresentada, contribui para o esforço da reconstituição de sua identidade. Como se vê, o informante buscava projetar-se como homem indiferente a interesses particulares em vista à dedicação ao empreendimento da cidade. Isso fica evidente em suas práticas como vereador e jornalista, ao passo que, segundo ele, aproveitava-se da condição para colocar-se próximo ao povo e atender às suas reivindicações.

Na Academia de Letras de Maringá, além de associar-se à cultura letrada, atuou de maneira que o discurso de homem público e comprometido com os interesses da população aparecesse reiterado e fosse difundido. Ademais, ali teve a oportunidade de apresentar sua versão para a formação da cidade de Maringá com base no discurso do pioneirismo, à medida que responsabilizava os pioneiros pelo seu desenvolvimento.

Suas práticas como pioneiro oficialmente reconhecido apontaram um sujeito engajado no que, para ele, seria a verdadeira história da cidade, bem como para um participante ativo no desenrolar dessa história.

Se as práticas discursivas são criadas em consonância com a comunidade de prática da qual um indivíduo participa (ECKERT, 2005), todas as práticas realizadas por Agnaldo revelam que, além de homem público, pioneiro oficialmente reconhecido, político e intelectual, ele se constituía também como um memorialista.

Em relação aos usos linguísticos caracterizados pelas variantes “esse” e “este”, a análise multissistêmica, anteriormente realizada, mostrou que é ele quem, comparado aos demais informantes, faz uso mais conservador da variante “este”, posto que indica um uso equilibrado entre ambas; intercala as variantes em contexto endofórico; emprega com maior recorrência a forma “este” em contexto exofórico; elege a forma “este” para as referências catafóricas; e faz uso significativo de “este” em contexto de adjacência com o termo antecedente.

O uso descrito acima pode associar-se à identidade do homem culto, letrado, urbano, influente e público que deseja, a todo momento, construir, bem como à sua participação nas diferentes comunidades de práticas às quais se vinculava, como a Academia de Letras, a rádio e o jornal, por exemplo. Em todas, o uso conservador da língua podia ser uma prática em comum.

Além disso, pode-se pensar que Agnaldo faz maior monitoramento de sua fala em razão da *persona* que constrói na criação de seu discurso. Aparentemente, seus usos devem corresponder à identidade do jornalista influente, urbano e culto que busca projetar.

Nessas circunstâncias, se utilizarmos a noção de contínuos de Bortoni-Ricardo (2002), como fizemos no caso de Aurélio, veremos que “este” ganha traços [+ urbano] e [+ letrado].

5.3 Ana

Ana, por sua vez, em sua entrevista, relata fatos atinentes à vinda para a cidade de Maringá, à família e sobretudo ao trabalho beneficente realizado em prol de pessoas carentes.

Em seu discurso, revela que mudou-se de Londrina para Maringá em 1960, acompanhando o esposo, então funcionário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, dada a sua transferência para a nova cidade, em virtude da finalização dos trabalhos naquela localidade. Em Maringá, atuou como professora de culinária, proprietária de buffet e doceira, chegando a ser reconhecida como a primeira doceira da cidade.

Embora recebesse tal título, seu discurso demonstra que não é exclusivamente a partir dele que ela busca constituir-se. Já no início de sua entrevista, Ana destaca seu trabalho em benefício das pessoas carentes que chegavam à cidade de Maringá em busca de emprego. Desde então, passa a constituir-se como atuante na beneficência:

(82) bom...o asfalto ia até só na...na...na...Avenida São Paulo...então era...muito barro muita...né... e também...éh...muitos pobres por causa que o trem que chegava...descarregava aqueles pobres todos...né...à noitinha...sete horas da noite...e...e a gente atendia também aqueles pobres né?...e davam/levavam sopa pra eles...às nove horas...pra eles...e dormiam ali também...então era uma... muito triste...muita gente que vinha à procura de serviço em Maringá...né?

A prática beneficente para a qual a informante dedicava-se pode estar diretamente relacionada à sua participação ativa na Igreja Católica, e sua prática discursiva, de modo geral, busca revelar pertencimento a essa comunidade. Assim, ao falar sobre como conduzia seu trabalho social, a informante afirma que:

(83) primeiro...é uma unidade...é a oração...reza com eles orienta prega... (...) então eles sabem ali no sopão também eles sabem tudo que vai passar na igreja...por exemplo olha DOMINGO... agora é dia do Espírito Santo...então ele já falou... (...) o:...né....quinta-feira ontem já foi falado sobre o Espírito Santo...”olha vocês não faltam que a luz do Espírito Santo é impo/...é mui/ importante na nossa vida”...então quer dizer eles levam uma

pequena mensagem...no mesmo tempo sustenta tem gente doente em casa leva o sopão pra/...pessoa né... (...) pode tanto...comer no local onde é servido quanto levar pra casa. (...) ali quem qué tomar...depois então leva cada uma leva no seu calderãozinho pra casa...para um doente...para as crianças que tão na creche que não vai buscar né...então é uma:... maneira da gente:...colaborar com eles...e eles ter as vitaminas necessárias também...e...também...é um...uma maneira da gente saber o que eles tão precisando na realidade...né...

Ao tratar estritamente sobre o trabalho exercido dentro da Igreja, Ana fala sobre as funções que exercia na instituição e assim descreve sua atuação:

(84) nosso trabalho mais é...Eucaristia lá né...ali no altar...né ajudar e levar comunhão pros doentes e:...ver se precisa de um padre pra levar uma benção... até hoje...hoje eu tenho vinte e três doentes...né...na minha área... (...) é uma vez por semana a gente vai visita-los né...sempre com alegria...não tem doenças...só alegria...né...e a gente faz uma preparação né...depois dá comunhão faz animação...conta o evangelho do dia NÃO LÊ...a gente só fala né (...) dá umas explicações assim e...e...faz bem alegre porque o doente ele precisa de alegria...ele não pode ter tristeza...ele já tem a doença dele né...e não falamos de doença...sabe? não se toca na doença (...) só falamos de coisas boas e que Deus está pra ajuda-lo e que...a comunhão é uma fortaleza para o espírito né...pra ele se animar pra ele saber que Deus está presente junto com ele né...e não desanimar né...isso é muito importante né...

De acordo com Eckert & McConnell-Ginet (2010), a linguagem está a serviço do engajamento social dentro de uma comunidade. Com base nessa premissa, nota-se que a informante apoia-se em um discurso eclesial para reforçar o que vem construindo sobre si mesma e, lançando mão de recursos linguísticos, busca dar indícios desse pertencimento à vista de diferentes tópicos, a exemplo de quando procura justificar por que continuava, à época, seu trabalho como doceira:

(85) ...quem para...logo fica ((gesto com as mãos)) com mal de Alzheimer...((risos)) a primeira coisa...né...então essas doencinhas de jovem né...de jovem de sessenta pra cima né...então mas quem continua é:... se

doando...se...sabe? é:: servindo alegre nunca também...ficar... pensamento triste porque acontece isso nada disso...vamos viver na alegria...a gente está com o Senhor e ó toca pra frente...um dia chega lá falar “opa sempre te servi” não é verdade? ((risos))

Nesse caso, vê-se que a informante novamente integra a um novo tópico o discurso que constrói e que evidencia uma das identidades sobre as quais se constitui, nesse caso, aquela que diz respeito à sua atuação prática como pessoa religiosa. Nessa perspectiva adotada, o trabalho é ressignificado e a ele são atribuídas diferentes funções: uma maneira de prevenir doenças e uma forma de agradar a Deus.

Outras características concernentes à sua filiação à comunidade de prática religiosa são notadas no decorrer de seu discurso, como se vê em (86), ocasião em que discorria sobre o recebimento do título de Cidadã Benemérita da Cidade.

(86) pra mim foi uma emoção eu falei “eu não mereço né”...mas Valter disse...falou que tinha pedido pro padre Júlio já e padre Júlio me incentivou “()...não é pra você” ele falou né...”lembra que essa coisa é de Deus...vem alguém pra continuar pra você” né... então a gente se animou e então eu aceitei porque...eu achava assim que eu não merecia né...aquilo...não a gente não merece...mas...ele fez questão e ele veio aqui também né...e tudo então me incentivou e eu aceitei...não sabia nem o que que era direito né...((risos)) porque homenagem eu não sei...então mas graças a Deus...éh:... as pessoas ficaram conhecidas também né

O título supracitado foi concedido à informante em virtude do trabalho social desenvolvido por ela, e, ainda que defendesse a importância dessa ação como forma de contribuição para a cidade, Ana nega merecer reconhecimento, na busca de renunciar um protagonismo e projetar-se como uma mulher a serviço da Igreja e de Deus. Assim, a partir de sua prática, busca mostrar o pertencimento à comunidade católica que, por vezes, prega a modéstia e a humildade.

A constituição da identidade de Ana como mulher pode ser manifestada em seu discurso à medida que a informante relata suas experiências no trabalho e na família. O fato de revelar sua vinda para a cidade de Maringá em função do trabalho do marido pode já dar indícios dessa construção.

Aparentemente, embora fosse proprietária de um buffet, Ana definia-se em torno de sua relação matrimonial. É o que se pode inferir quando a informante relata sobre a falta de água, problema comum nos anos iniciais da cidade:

(87) eles eram muito atenciosos na época...pra nós não sei se meu marido também trabalhava lá né ((risos)) então...né eles eram muito atenciosos pra gente...porque quem tem filho quem trabalha...era difícil faltar água pra nós...né...era muito difícil...foi um pouco de sofrimento mais que a gente sentiu foi na falta de água...

Nesse caso, Ana sugere que a companhia responsável pelas vendas de terras em Maringá era sempre solícita ao ajudá-la com rapidez, em virtude do trabalho do marido, uma vez que, nessas ocasiões, era um caminhão da empresa que reabastecia a água nas casas. Com base nesse discurso, vê-se que a informante constitui-se com base no poder do marido, o que seria uma circunstância comum de acordo com Eckert (1989):

Embora o valor pessoal de um homem seja baseado no acúmulo de bens, status e poder no mercado, o valor de uma mulher é baseado em sua capacidade de manter a ordem e controlar seu domínio doméstico. Privadas de poder, as mulheres só podem obter obediência através do uso indireto do poder de um homem ou através do desenvolvimento de influência pessoal. (ECKERT, 1989, p. 255-256, tradução nossa)⁹

Nota-se que Ana reforça seu compromisso com as obrigações domésticas, além de atribuir ao emprego do esposo, a solução para um problema, pois é a partir dele que ela tem valor. Nesse caso, Ana demonstra que só obtém obediência em função do poder indireto do marido, corroborando o que Eckert (1989) afirma.

Ainda, quando questionada sobre os maiores problemas enfrentados pelas mulheres nos anos iniciais da cidade de Maringá, Ana cita a falta de água. Nesse discurso adotado, a informante associa a figura feminina ao ambiente doméstico, uma vez que o problema afetaria diretamente as tarefas no local.

Outra identidade da qual Ana buscava constituir-se era a da educadora familiar. Nesse caso, tendo exercido curso para cumprir a função, são suas práticas dentro da

⁹ Although a man's personal worth is based on the accumulation of goods, status, and power in the marketplace, a woman's worth is based on her ability to maintain order in, and control over, her domestic realm. Deprived of power, women can only gain compliance through the indirect use of a man's power or through the development of personal influence. (ECKERT, 1989, p. 255-256)

comunidade da Igreja que lhe davam condições para que se revestisse dessa identidade, como se vê:

(88) eu fazia um tambor de sopa ia lá distribuía um pãozinho pra cada um e um prato de sopa...pra pra eles se manterem pelo menos ter alguma coisa porque o albergue era muito pequeno não...não...num dava pra né? [...] pra eles irem para o albergue todo todo aquele povo...e a gente era toda noite nós íamos lá...então eu formei uma equipe...né...de voluntários...de casais...né...doze casais então a gente cada dia era um gru/uma equipe que ia [...] pra distribuir

(89) Entrevistadora: e depois vocês ajudavam essas pessoas a se estabelecer?

Ana: ah sim...orientava () muitos para Sarandi...as periferias né...até hoje¹⁰ [...] como eu tinha feito a...an...o como fala...os cursos em Curitiba...então pelo Sesc né...então eu fiz educadora familiar que eu sou educadora familiar...então eu...atendia...as famílias né...e:...então a gente colaborava com eles pra...ir num lugar...quer dizer...se instalar em algum lugar que...eles tinham capacidade de levar as crianças na escola também né?

Nesse caso, Ana procura explicar que seu trabalho social não se restringia ao auxílio na alimentação. Segundo a informante, muitas vezes a equipe de colaboradores formada por ela fazia com que aquelas pessoas carentes se estabelecessem em determinados locais. Essa prática contribuiria para sua constituição como educadora familiar e para validar seu pertencimento à comunidade de prática religiosa a qual se filiava.

Já no tocante ao meio ao qual Ana vinculava-se, a partir de seu discurso é possível depreender que esta ligava-se à cultura urbana, haja vista as comunidades às quais se filiava a partir de suas práticas, como a Igreja, o buffet e o SESC, empresa onde atuou como professora de culinária por determinado período. Em seus relatos, todavia,

¹⁰ Nessa circunstância, Ana fala sobre um tópico importante no que diz respeito à formação da cidade de Maringá. O fato de alegar que as pessoas pobres que chegavam à localidade eram dirigidas às periferias reforça a ideia de que Maringá nasceu sob o desígnio de ser “planejada para ser bela e sem problemas”, como atesta Campos (2001) em: CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.) **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 2001, p. 315-331.

cita alguns inconvenientes que o convívio social no centro urbano promovia, como o barulho.

Isso posto, a partir do discurso construído por Ana, nota-se que ela se filiava a diferentes comunidades de prática e, dessa forma, criava, também, diferentes *personae*. Como esposa, dava indícios de certa submissão e aceitação da influência do poder do esposo; como mãe, portava-se como uma mulher responsável e preocupada com o bem-estar dos filhos; como empreendedora e educadora familiar, constituía-se como uma mulher proativa e racional; por fim, como católica, portava-se como mulher fiel aos preceitos de sua religião.

Em toda a sua narrativa, esta última ganha destaque. Filiando-se à comunidade de prática dos católicos leigos atuantes, busca criar um discurso que valide essa filiação. Com esse intuito, a informante busca projetar-se como uma mulher temente a Deus, humilde e caridosa, imagem que fez com que, em homenagem póstuma, recebesse do escritor maringense A. A. de Assis a alcunha de Santa.

Os usos linguísticos que Ana realiza em seu discurso demonstram que ela é, juntamente com Aurélio, uma falante que não utiliza a forma “este”. Essa completa adesão à substituição pode estar relacionada às comunidades às quais a falante vinculava-se.

Ana realiza práticas que podem enquadrá-la como uma mulher conservadora, quando diz respeito à família e ao posicionamento frente ao poder indireto do esposo, por exemplo. Nesse caso, poderíamos esperar uma postura também conservadora no que concerne ao uso da língua. No entanto, ela também se coloca à frente de alguns empreendimentos, como o buffet, o trabalho social e a Igreja, cuja participação condiciona o trabalho beneficente e, aparentemente, requer muito tempo da informante.

O estilo que Ana cria, como uma consequência do vínculo a esta última comunidade, pode ser apontado pelo discurso da informante, no qual, repetidas vezes, buscava inserir termos ou noções condizentes à Igreja.

A completa adesão à substituição apresentada pela falante pode estar relacionada ao tempo excessivo que se dedicava à comunidade de práticas do trabalho beneficente, visto que, ali, mantinha contato com pessoas de seu convívio comum, para quem, provavelmente, a substituição já se constituísse como um uso frequente.

5.4 Bianca

Sendo também considerada pioneira da cidade de Maringá, em virtude do ano de sua chegada, Bianca, da mesma forma, possui documentação no acervo da gerência de Patrimônio Histórico da cidade. Nesse caso, sua ficha encontra-se junto à documentação do esposo, que exerceu carreira na política do país, tendo atuado como vereador de Maringá entre os anos de 1964 a 1967; deputado estadual, entre 1967 e 1973; deputado federal, entre 1971 e 1973; e prefeito de Maringá, entre 1973 e 1977.

Bianca é filha de um brasileiro e de uma mulher britânica. De acordo com sua documentação, Bianca veio para Maringá em companhia da família no ano de 1947, quando estava com 11 anos. Ela vinha da Ilha de Santa Helena, uma possessão britânica que tem como principal idioma o inglês, localizada a cerca de 2000 quilômetros a oeste do continente africano.

Já na cidade de Maringá, Bianca atuou de diferentes formas nos negócios da família, e, em razão de seu casamento, passou a envolver-se em ações sociais. Em sua entrevista, a informante relata fatos concernentes à sua chegada à cidade, à sua perspectiva sobre os anos iniciais da cidade de Maringá, à família, bem como à sua atuação profissional.

Em princípio, dada a leitura do discurso de Bianca, é possível entrever a constituição de diferentes *personae* que se tornam, de certo modo, aparentemente contraditórias. Por um lado, a informante busca projetar-se como uma mulher à frente de seu tempo, por outro, demonstra influência de uma figura masculina, seja ela a do pai ou do esposo.

Constituindo-se como uma mulher à frente de seu tempo, Bianca constrói um discurso em que exerce um papel de responsabilidade frente aos negócios da família, ao relatar as funções exercidas por ela e pelos irmãos nessas atividades comerciais:

(90) nós trabalhávamos na na loja com a mamãe né... (...) principalmente eu...porque eu sendo a quinta da família quatro pra baixo quatro pra cima...então...a mamãe sempre contou comigo pra hora do...sabe... (...) do aperto...aperto era comigo...se eu ta/aí papai nos mandou internos em Londrina... (...) então eu estudava lá em Londrina...no Mãe de Deus... (...) mais quando papai precisava...chamava de volta

Segundo a informante, ainda que ela estudasse em um colégio interno em outra localidade, retornava sempre que necessário à casa dos pais para ajudá-los em questões comerciais. Em determinado momento, Bianca relata que isso interferiu em seus estudos:

(91) a mamãe ia ganhar nenê...a última filho/filha dela...então voltava (...) pra ajudar...então eu tive muito pouco...pouca oportunidade...de estudar...sabe?...depois fomos pro/pra/...eu fui estudar lá em Campinas...minha tia era freira...também tive que voltar...pra ajudar ahn:...liquidar os negócios alguma parte dos negócios que eles tavam com o cinema e cuidar do cinema... (...) e aí...quando estava inaugurando o Cine Maringá e os outros cinemas...os outros quatro () eram quatro cinemas grandes de mil e poucas pessoas cada um né?... (...) então nessa ocasião a gente...éh...éh...eu voltei de novo pra poder ajudar a cuidar...então eu não tive oportunidade de estudar...e tô muito feliz pela oportunidade agora de...estar na faculdade...éh...inscrita na faculdade vou começar o curso de nutrição

Assim, ainda que o trabalho contribuísse para a formação de sua identidade como a jovem líder e responsável, ele também prejudicava sua formação acadêmica, atributo importante para a construção da identidade que a mulher buscava projetar à época da entrevista: a da mulher influente, engajada em questões sociais. É em virtude disso, ao que parece, que a mulher relata a felicidade por estar inscrita em um curso superior.

Para constituir-se como a jovem à frente de seu tempo, Bianca procura colocar a família na mesma posição e, nesse caso, constrói um discurso em que os familiares, vindo de um outro país, trazem novidades para a cidade, chamando a atenção dos moradores:

(92) na mudança da minha mãe tinha...an:...fogão a gás...tinha...não a gás não naquele tempo não...tinha o...máquina de lavar roupa...ferro elétrico...todas essas coisas que as pessoas invi/...“que que isso?...né?” (...) ninguém conhecia máquina de lavar roupa (...) nem ferro elétrico era ferro à brasa (...) então...foi assim...nós chegamos com novidade...ATÉ hoje as pessoas

que não vejo “puxa mais vocês eram uma família rica ein?” ((risos)) “nossa como vocês eram ricos”...o povo/...o...as pessoas que nos conheceram...porque a gente...o banheiro era dentro de casa... o normal era um...um/ aquele...aquele banheirinho de...de fossa e ti bum mesmo né... (...) então...o nosso banheiro era dentro de casa com chuveiro...meu pai já trouxe um motor pra poder pôr luz elétrica... (...) então a nossa...a nossa residência era realmente uma residência diferenciada...e justifica o pessoal achar que a gente era rico né

Nesse caso, os bens materiais citados pela informante constituem-se como indícios da riqueza da família, o que legitimaria sua condição de pessoas fora do padrão esperado para aquela localidade.

Por fim, ainda em relação à sua constituição como mulher à frente de seu tempo, a informante constitui-se como uma das primeiras mulheres brasileiras a tirar brevê de piloto, o que dava a ela concessão para realizar voos turísticos.

Todavia, como dito, embora Bianca lançasse a projeção de uma mulher à frente de seu tempo, em seu discurso, demonstra práticas que poderiam defini-la em relação a uma figura masculina, qual seja a do pai ou do esposo. Isso acontece, por exemplo, quando, ao narrar os fatos atinentes à formação de sua família, Bianca dá destaque especial ao pai.

(93) a minha família veio da Ilha de Santa Helena...aliás...meu pai brasileiro...e minha mãe...inglesa...o meu pai...pegou uma schooner...tinham/estavam procu/procurando taxidermista para empalhar os animais...e...ele... foi...ele se candidatou e foi com essa schooner para Ilha de Santa Helena...lá...num dos...bailes...no primeiro baile que teve para homenagem a essa expedição...ele...bateu os olhos na minha mãe...e minha mãe nele amor à primeira vista...e:...se apaixonaram um mês depois já estavam casados...só que a expedição tinha que embora...três dias depois era uma schooner gente à vela ainda naquele tempo né...mil novecentos e vinte e cinco...e:...ele foi embora e ela ficou... (...) (...) eles ficaram um pouco lá nos Estados Unidos...e depois o papai resolveu vir não...o patrão dele...o mandou para o Brasil para abrir uma...uma filial aqui no Brasil...mas...com a...a...a quebra

de mil novecentos e vinte e nove¹¹...houve um/...ele não pôde dar continuidade ao projeto dele...de implantar aqui uma filial...e o papai saiu de lá num navio...empregado e chegou no Brasil desempregado (...) com uma mulher e uma criança...então ele foi para Catanduva...e lá o fi/...o irmão dele era prefeito...Adalberto Bueno Neto era o prefeito lá em Catanduva...na época...e lá...então...ele...a mamãe acabou perdendo outra criança com tifo¹²...naquele tempo se morria com tifo né...e::...aí ele voltou:: pra pra pra Santa Helena...resolveu voltar pra Ilha de Santa Helena...() e o papai então...voltou pra Santa Helena e os novo/...e os filhos...os filhos mais velhos...então o Carlos...que foi o...o...Peter que foi um dos primeiros aviadores aqui em Maringá...Adélia e eu...o (Valdo)...o Renato...nós sete nascemos lá (...) oito né...() nós nascemos na Ilha de Santa Helena...e saímos de lá papai...eu tinha oito anos...aliás...eu tinha sete anos mas nós ficamos um ano inteiro era ano de guerra...papai leu um livro...”a vida começa aos quarenta”...aí ele largou tudo (disse) “ai eu tô perdendo tempo...deixa eu embora”... juntou a família...e a ilha...ficou muito sentida porque não puderam fazer uma...despedida...

Dessa forma, ao narrar as dificuldades pelas quais a família passara, à medida que descreve o pai como uma figura heroica, a informante busca também construir sua identidade e a identidade da família tendo como base o discurso do pioneirismo, em que é comum expor as intempéries da vida, para, em seguida, acentuar seu triunfo. Em razão disso é que a informante narra também sua chegada à cidade de Maringá, frisando as condições em que acontecera: na companhia dos irmãos, sobre a carroceria de um caminhão, protegida por armações improvisadas.

A construção da identidade do pai como pioneiro que sofre em princípio, mas triunfa mais tarde é também reforçada a partir do trecho em que Bianca relata o meio pelo qual o homem conseguiu comprar as terras na cidade de Maringá:

¹¹ Por “quebra de 1929” deve-se entender a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque naquele ano, fato que gerou uma crise com duração de aproximadamente quatro anos nos Estados Unidos, culminando na falência de empresas, aumento do desemprego e redução da produção industrial. Os efeitos dessa crise foram sentidos por diversos países, inclusive o Brasil.

¹² Nome dado a doenças causadas pela bactéria do gênero *Rickettsia*, associada a artrópodes como pulgas, ácaros, carrapatos e piolhos. De acordo com Galvão M.A.M *et al* (2005), dentre as doenças causadas por bactéria desse gênero, destaca-se como a mais comum, a febre maculosa brasileira, conhecida desde 1929 no Estado de São Paulo.

(94) papai ele emprestou dinheiro pra comprar terreno aqui em Maringá...o papai sempre soube que ele ia dar...conta de pagar as contas...então...ele se aventurou a fazer isso...chegando aqui...ele estava com essa casa e um espaço na frente a loja hoje a loja Riachuelo...tá...

Nesse caso, a informante novamente enaltece as características do pai, construindo a identidade de um homem corajoso e determinado. Ainda com o intuito de acentuar habilidades e características positivas, Bianca lança mão de adjetivos como “excelente”, “criativo” e “grande”, que tomam por escopo o próprio pai ou as habilidades realizadas por ele, como se vê nos excertos:

(95) então meu pai se candidatou porque ele era um EXCELENTE atirador...e atirava...papai dizia “filha pega aquela manga lá pra mim dá pra visita” ele ia lá piu:....((imitando barulho do estilingue)) com o estilingue e já tirava a manga que caía na mão do pai...então ele era um bom atirador...

(96) porque ele era um homem muito criativo...ele botou muito/ corpo de bombeiro...punh/...ele fez muita coisa inclusive fez dois...()mandou dos Estados Unidos vir pra Ilha de Santa Helena...dois carros...(a sobre se)dois carros...especiais...pra fazer/que não era nem ônibus nem carro...levantava a ca/a capota...num dia de sol né...e levantava num dia de chuva e baixava no dia de sol

(97) meu pai era um grande empreendedor...e...quando ele veio pra Maringá e...viu no dia dez de maio...de quarenta e sete...a planta da cidade e o que estava acontecendo...ele comprou imediatamente o::...o...o lote

Dessa forma, ao passo que acentua características positivas paternas, com base no discurso do pioneirismo, Bianca demonstra que, ainda que construísse a identidade da jovem à frente de seu tempo, era sob a influência do poder do pai que era reconhecida.

O mesmo acontece em relação ao seu casamento. Aos dezoito anos, Bianca casou-se com o, até então, instrutor de voo. Em seguida, o esposo ingressou na carreira política, foi a partir de então que Bianca passou a envolver-se nessa área. Segundo ela,

(98) e...então eu acabei me envolvendo com a comunidade eu sempre gostei...do...do...da área social...() fiquei...ahn:...eu acabei sendo presidente do...da...do Clube da Amizade que era o clube de senhoras que...cuidava do lar Escola da Criança primeira instituição...da fundação da primeira instituição de Maringá...depois...também...na quando meus filhos entraram pra escola...nós fizemos a primeira...() primeiro () associação de pais e mestres a primeira associação de pais e mestres...e nessa associação...envolvíamos a escola inteira construímos três salas de aula...ERA UMA ESCOLA PÚBLICA...()mas nós construímos três salas de aula...porque...as escrivatinhas eram de tábuas...três turmas por...na na escola...então...esse momento foi muito especial...nós plantamos trigo foram então as primeiras máquinas ahn...de colher/colhedeiros né? (...) nós fazíamos tinha uma quadra inteira...então a gente plantava o trigo pedia pro (Pismel) plantar o trigo...colher o trigo pras crianças trazerem os pais e poderem aprender a área de mecanização da lavoura (...) e depois disso...ah...eu subi na campanha de...prefeito não...acho que foi do...de deputado alguma coisa assim...o...o Tenório Cavalcanti¹³ veio para Maringá...eu fazia discurso no palanque com ele...((risos)) então eu sabe eu topava tudo...

Assim, novamente nota-se como a informante definia-se em relação a uma figura masculina, nesse caso, o esposo. Embora procurasse constituir-se da identidade da mulher engajada na política, divergente das mulheres de sua época, indiretamente, sua posição se legitimava em função do poder do marido. Seu ingresso na vida política podia ser, também, uma forma de manter a posição social do cônjuge. Todavia, ainda assim, sua prática revela uma mulher que avança sobre os limites tradicionais do feminino para as mulheres de elite de seu tempo.

Já no que concerne ao meio cultural ao qual a informante vinculava-se, a partir das comunidades às quais filiava-se, é possível entrever que Bianca associava-se ao meio urbano, haja vista também o fato de frequentar locais típicos da elite da época, como o aeroclube. Além disso, embora admitisse os danos na vida acadêmica em razão do trabalho, teve oportunidade de associar-se à cultura letrada.

¹³ Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque. Deputado Federal pelo Rio de Janeiro entre os anos de 1951 a 1964, conhecido por seu discurso agressivo. Recebeu a alcunha de “Homem da Capa Preta”, em virtude do traje que usava para esconder a arma de fogo com a qual circulava.

Isso posto, nota-se que a informante filiava-se a diferentes comunidades de prática, seja a do trabalho, do lar, da prática de voos, do casamento ou do engajamento político. Demonstrando filiação a essas comunidades, cria uma identidade baseada no discurso do pioneirismo e coloca-se como uma mulher à frente de seu tempo, todavia, isso se torna um tanto contraditório à medida que se considera a influência do poder masculino, seja do pai ou do esposo, sobre suas práticas.

No que concerne ao uso que realiza das formas variantes “esse” e “este”, a falante exhibe uso massivo de “esse” e, em determinadas circunstâncias deixa de empregar a segunda forma, quais sejam: em referência exofórica (99); em referência ao que se mantinha no campo do interlocutor (100); nas situações em que o demonstrativo era adjacente ao seu antecedente (101), e, por fim, quando a forma demonstrativa exercia a função de núcleo do sintagma (102).

(99) VAI COM **ESSA** CRIANÇADA LÁ PRA MARINGÁ...NÃO FAÇA ISSO”... ((risos)) a minha mãe...falando em inglês né porque ela ainda não fala/não tava falan/

(100) Entrevistadora: então a senhora...a senhora era... a filinha?

B: **essa** é minha irmã...minha irmã mais velha...nós somos nove irmãos....mamãe teve treze gravidez perdeu vários...os outros... e...ela...essa minha irmã mais velha Ana Letícia...é a:...a...protagonista desse pedaço

(101) é hoje é muito raro...mas () na mudança da minha mãe tinha...an:...fogão a gás...tinha...não a gás não naquele tempo não...tinha o...máquina de lavar roupa...ferro elétrico...todas **essas** coisas que as pessoas invi/...”que que isso?”...né?

(102) mas a gente era...não...papai ele emprestou dinheiro pra comprar terreno aqui em Maringá...o papai sempre soube que ele ia dar...conta de pagar as contas...então...ele se aventurou a fazer **isso**...chegando aqui...ele estava com **essa** casa e um espaço na frente a loja hoje a loja Riachuelo...tá...

Sua adesão à mudança pode estar relacionada à sua posição de mulher que conserva valores da sociedade patriarcal, mas age de maneira mais livre do que as mulheres de seu tempo, conforme suas práticas sugeriam.

5.5 Beto

Beto, por outro lado, mudou-se para Maringá no ano de 1964, quando a cidade já apresentava maior desenvolvimento urbano. Sua vinda cumpriu-se em razão do desejo de lecionar na localidade, haja vista que, à época, o informante já teria se formado no magistério e logrado aprovação em concurso público para professor, o que lhe autorizava a lecionar aulas de, àquele tempo, História Natural.

Na cidade, Beto atuou como professor e diretor de um colégio público, e professor na Universidade Estadual de Maringá, local em que se aposentou. Embora tenha exercido funções em outras comunidades, como as que cita: o laboratório de análises clínicas e a Petrobrás, através de sua narrativa, Beto busca constituir-se como homem engajado e influente nas questões relativas à educação na cidade, bem como um sujeito vinculado às culturas letrada e urbana.

Assim, a partir de um estilo autoritário ao se portar, cria a *persona* do professor competente e respeitado e do diretor rígido, identidades a partir das quais ele busca constituir-se, no decorrer de seus relatos.

O vínculo à cultura urbana pode ser apontado à medida que o falante dá indícios de sua insatisfação com as características rurais que a cidade de Maringá apresentava quando este passara por ela, anos antes de sua mudança. Segundo ele:

(103) (...) eu passei por Maringá em mil novecentos e cinquenta e pouco... passei na avenida Brasil tinha lá: a avenida Brasil um corredor... bastante toco de árvore no meio da avenida um calor infernal um poeirão infernal então eu tive a pior impressão possível de Maringá eu JAMAIS viria pra Maringá em hipótese alguma

Em uma passagem com destino à Apucarana, anos depois, no entanto, ao ver que a cidade ganhara ares mais urbanos, o falante relata a mudança de opinião:

(104) como meu pai morava aqui em Apucarana... eu vim de Cascavel passando por Maringá... e cheguei em Maringá era a tarde era umas quatro cinco horas... e notei a (CIDADE) era TOTALMENTE diferente [era outro Maringá] (...)Absolutamente diferente não era a Maringá que eu tinha conhecido eu cheguei era cinco horas falei () mais isso aqui é Maringá?

num é a Maringá que eu detestava (...) Que eu disse que eu JAMAIS viria aqui esse Maringá mai num tive dúvida... botei a (malinha) no hotel

Seu discurso revela também a narrativa que constrói para o desenvolvimento da cidade. Segundo ele, Maringá teve rápida evolução e sua paisagem foi uma constatação disso.

Todavia, para além da preferência pelo aspecto urbano da cidade, pode-se inferir o vínculo que o falante estabelece com o ambiente urbano em virtude das comunidades das quais participava, todas elas ligadas a esse meio: o colégio, a universidade, o laboratório de análises clínicas e as reuniões com grupos de professores. São essas comunidades também que permitem atribuírmos a ele o vínculo com a cultura letrada. Em seu discurso, o falante busca constituir-se como estudioso e pesquisador determinado:

(105) Eu fiz o curso de História Natural... na época o Histó ()...se fazia História não existia o curso de Ciências Biológicas era o curso histo/ o curso de História Natural que formava TAMBÉM pesquisador para a Petrobrás (...)E aí... mais como eu gostava de pesquisa eu falei então vô fazê mais um curso... eu tinha feito curso de História Natural estudei/estudei muito mineralogia geologia Paleonto/paleontologia pra pesquisa petróleo e por se leciona eu gosTEI de PESQUISA e falei vô pesquisa também aí vi o curso de Farmácia Bioquímica prá fazê Análises Clínicas pesquisá análises clínicas (...)Fiz o curso e aí vim prá Maringá com o concurso do magistério

Como dito, é sobretudo no âmbito do magistério que Beto busca construir sua identidade. Para tanto, ao relatar suas experiências na área, busca constituir-se do homem que negava prazeres pessoais em vista do trabalho:

(106) Vivia dentro do colégio eu era eu era solteiro... num tinha o que fazê mais... eu ficava no COLÉ/ eu gostava sabe eu via os ALUNOS CRESCEREM evoluírem então eu me apaixonava por aquilo lá... então eu dava a vida por aquilo lá

Além disso, ainda tendo seu trabalho como referência, em seu discurso, procura constituir-se como um professor e diretor determinado, influente, respeitado e temido. É

o que mostram seus relatos quando discorre sobre sua indignação com a falta de professores licenciados e sobre a iniciativa da criação da APL, Associação dos Professores Licenciados de Maringá, em confronto à Associação dos Professores em Maringá:

(107)nóis tínhamos a associação dos professores em Maringá... e nós criamos a APL... a Associação dos Professores LICENCIADOS de Maringá então CLA:RO houve um um pequeno atrito ali entre a Associação dos Professores e a Associação dos Professores Licenciados porque nós defendíamos a profissionalização nós defendíamos que o professor tinha que ser profissional formado para lecionar tinha feito curso de Pedagogia toda a parte didática psicologia administração escolar para lecionar no ensino médio e não existia isso

Se para relatar a criação da APL, Beto buscava admitir sua coparticipação, quando fala sobre a realização do Congresso dos Professores em Maringá, o que, para ele, foi “um marco decisivo na educação do Paraná”, ele procurava destacar seu papel de liderança:

(108)Foi um marco DE-CI-SI-VO na educação no Paraná... nós temos uma educação ANTES e após esse marco que foi o congresso dos professores... nós fizemos um congresso dos professor em PLENA ditadura sessenta e oito () então foi em plena ditadura que tinha se fechado TUDO

(109)Entrevistador: Foi organizado pela APL? / Beto: Pela APL... por nós aí eu liderei o trabalho

O mesmo acontece quando o falante fala sobre a fundação da Universidade Estadual de Maringá. Nesse caso, Beto, novamente, projeta-se como o homem influente que muda os rumos da educação no Paraná, uma vez que, segundo ele,

(110)pra cria universidades tinha que tê faculdade de filosofia... que é a (faculdade) que forma professores(...)então que que nós fizemos? Em sessenta e seis? eu era diretor do Gastão Vidigal reunimo os professores do Gastão Vidigal já tínhamos professores licenciados ali dentro reunimos e CRIAMOS a faculdade de Filosofia... municipal através do Luiz do

Adriano Valente () criou-se a faculdade de Filosofia dentro do Gastão Vidigal (...)eu tive um privilégio grande de fazê essa parte... eu fui um verdadeiro: é sei lá um operário...eu... acho () num sei é:: ajudei (sim) coloca os tijolos básicos na universidade

A imagem do homem professor/diretor rígido e respeitado é também projetada quando o falante relata sua conduta no trabalho. Em ambos os casos que relata, ele procura realçar sua rigidez e autoridade no intuito de manter a ordem e a disciplina em ambiente escolar, tanto em relação aos alunos, quanto em relação aos professores.

(111)eu cheguei comecei a dá aula no duro disciplina e ordem eu chegava na sala de aula (...)eu dava aula pra quarta série... CHEGAVA na sala de aula... entrava lá.. primeiro... os corredor tá cheio de papel no chão... eu encostava no quadro negro e indicava nem falava de indicava no corredor que era todo mundo levantava e ia catá o papel no chão e jogava no lixo e jogava no lixo (hora) que tudo em ordem eu ia dá aula ei ia dá aula

(112)No meu gabine::te professor olha é o seguinte aquilo que o senhor falou NÃO psor ó o senhor falou isto isto isto o senhor teve este este e este comportamento psor aí quando ele via que eu saBIA eu dizia olha eu tô bem informado em professor... então olha eu eu não vou fazê mais isto eu vô lá sacrifiquei os aluno pelo senhor agora se o senhor não corresponde num dá né eu num vô fazê mais isto comé que nós vamo fazê? Ah botava na linha (...)Aí eu propunha o seguinte... prova coletiva então prova de física... todas as turmas juntas todas as turmas prova matemática uma prova só pra todo mundo... com isto pegava os professores mais fracos e relapso eles tinham que se esforçar porque se não ia passa vergonha na prova que com os professores bons... os alunos iam tê nota boa... e com os professores ruins os alunos iam ter nota ruim então eu... eu num fala isso pros professores falava isso pros alunos

Para além de ilustrar como o falante cria a *persona* do professor e diretor autoritário e temido, o fragmento acima pode, ainda, exemplificar como ele utiliza as formas demonstrativas em questão. Vê-se, em (112), como a forma “este” é utilizada, repetidas vezes, em entoações enfáticas, em que o falante exhibe certo autoritarismo.

Jungbuth (2004) já assumia o caráter enfático que a forma “este” adquire na fala. Contudo, a autora justifica esse caráter em razão da repetição de um discurso prejudicado pelo ambiente acústico. Nesse caso, na repetição, haveria a troca de “esse” por “este”, de forma enfática, como se vê:

Realmente, em todas as regiões brasileiras, o termo este é pouco usado na fala, mas não é verdade que tenha desaparecido totalmente. (...) Há ainda um nicho para ele: muitas vezes o contexto dá a entender um uso enfático, por exemplo, quando o ambiente acústico dificulta o entendimento por parte do ouvinte e por isso o discurso é repetido, usando-se, no segundo caso, este em lugar do esse. (JUNGBLUTH, 2004, p.91)

No discurso de Beto, “este” não é enfatizada pelas mesmas razões. Aparentemente, o falante dá ênfase à forma em razão do estilo autoritário que vem construindo. A situação, no entanto, pode contribuir para a ideia de valor enfático que “este” recebe na fala, ainda que por circunstâncias diferentes. Além disso, o uso de “este”, nesses casos, pode permitir que atribuamos a essa forma o significado social do autoritarismo.

No que concerne, ainda, ao estilo de Beto durante sua narrativa, é notável, também, uma postura conservadora do falante quando este fala sobre temas relacionados ao comportamento juvenil e à educação atual. Para o informante, embora atualmente existam maiores recursos para os alunos, estes estão acomodados a um sistema de ensino indiferente ao aprendizado e que desvaloriza o professor.

(113)olha tenho hora que eu olho pra trás Miguel eu fico a-bismado que hora que eu olho pra trás eu falo escuta mas o que que nós fizemos trabalhamos tanto fizemos tanto e a educação está dessa maneira.. eu acompanhei a educação Miguel... desde... quarenta e quatro anos... eu NUNCA vi a educação no Brasil tão ruim quanto tá hoje.. a educação hoje tá sé/seríssima... aumento sim o número de vagas o número de professor na escola (...)Tem oportunidades tudo quem quisé estuda tem com tem até() ens/ensino à distância mais o nível é::: catastrófico... hoje nós estamos formando analfabetos nas escolas superiores... nas universidades formando analfabetos...

Nesse caso, à medida que expõe sua perspectiva sobre o assunto, o informante reitera o discurso que vem criando sobre si mesmo, colocando-se como pessoa atuante e importante para os rumos da educação.

Além disso, o falante projeta seu conservadorismo à medida que fala sobre o comportamento juvenil. No caso, ele se demonstra inconformado com a postura dos jovens atuais diante de assuntos políticos (114) e faz uma comparação entre o comportamento dos alunos à época em que lecionava e os alunos atuais, demonstrando saudosismo (115).

(114)hoje é uma tristeza é uma CALAMIDADE nível de ensino baixo politização ZERO então i são analfabeto politicamente... ali-e-nados totalmente alie/então me preocupa.. me desculpe fala com tanta ênfase assim mais com os meus setenta e seis ano com os meus trinta e três ano de magistério vivi a minha vida na educação e vê a situação que está hoje tem hora que eu fico escuta... o que que nós fizemo?

(115)existia um respeito absoluto... SEMPRE EXISTIU os indisciplinados claro isso sempre existiu né... mais tinha um respeito absoluto o professor é:: manDA::va o professor orienTA::va e o professor era respeitado inclusive: chegava um professor ou alguém chegava na sala os alunos todos levantavam-se ficavam de pé até que o professor mandasse sentar é um respeito absoluto nos corredores

Isso posto, é notável que, embora Beto tenha desempenhado funções em diferentes comunidades no decorrer de sua vida, em seu discurso, busca revelar as práticas que o constituíam como o diretor influente e engajado nas questões educacionais da cidade. Para tanto, constrói a identidade do homem respeitado, letrado, urbano e rígido, em um discurso que comumente revela comparações entre o antigo e o atual no que diz respeito à política e à educação.

Suas práticas de linguagem, no que tange aos usos que faz das formas demonstrativas, revelam sua adesão à variação desse sistema, contudo apontam, ainda, conservadorismo em determinados contextos, sobretudo em relação às referências catafóricas, para as quais o falante emprega a forma “este”, bem como em relação ao acesso da forma demonstrativa ao seu antecedente, situação em que, embora Beto prefira a forma “esse”, faz, ainda, uso expressivo de “este”.

A manutenção da forma “este” em seus usos pode corresponder à identidade do homem conservador em relação à língua, que busca projetar, ou mesmo ao vínculo que o falante estabelece por longa duração com a comunidade de práticas do professor/diretor, para quem o acesso à cultura letrada é, também, uma prática.

Nesse caso, a prática do uso da forma “este” pode revelar a sua constituição como professor, diretor, homem público e engajado na educação. Assim, tal forma recebe, mais uma vez, valores [+ urbano], [+ letrado] e predominantemente, [+ monitorado].

5.6 Heloísa

Heloísa, por sua vez, em sua entrevista, revela que chegou à Maringá em 1948, vindo de Malê, também no estado do Paraná. Em Maringá, atuou como comerciante, sendo uma das primeiras pensionistas da cidade. O comércio era mantido com o esposo, com quem teve três filhos. Seu cônjuge chegou à Maringá em 1944 e, antes de tornar-se comerciante, foi agricultor, trabalhando na formação de lavouras de cereais.

Em sua narrativa, Heloísa constrói um discurso que a aproxima do ambiente rural, seja ao relatar a sua infância em tal ambiente ou ao comparar o estado atual da cidade, com características urbanas mais desenvolvidas, ao estado da cidade em vias de formação, mais próximo ao aspecto rural.

(116)nasci em / município de de Porto União... é as fazenda... de Paula Freitas era a fazenda do meu pai onde eu nasci... aonde eu nasci e fui criada lá até uma certa idade mais ou menos assim... num lembro quanto porque eu era criança né...

(117)NAQUELE A MINHA INFÂNCIA ERA ASSIM a gente era... a a gente é::... aproveitava a infância num é igual agora que eles tudo né... muito rígido né então a gente estudava e nas férias a gente ia lá pra fazenda porque lá na fazenda era uma fazenda de erva mate... tinha criação também fazia plantação mas era muito poco mais era uma fazenda de erva mate fazia erva mate chimarrão... né? (...) então a gente ia lá porque meu pai tinha muitos empregado né então a gente ia lá pra:: olhá alguma coisa ficava lá mais a

gente brincava muito... andava por lá brincava muito porque a gente era livre num tinha tanta necessidade né... mais era bom

Nos trechos supracitados, Heloísa relata a infância vivida em ambiente rural, oportunizada pela profissão do pai, fazendeiro especialista em curtume. De acordo com o discurso construído pela informante, ela passou parte de sua vida em tal espaço, de onde se afastava em função dos estudos.

(118)a gente estudava e nas férias a gente ia lá pra fazenda porque lá na fazenda era uma fazenda de erva mate... tinha criação também fazia plantação

O vínculo que estabelece com o ambiente rural é também inferido quando a informante compara a cidade em seu estado antigo ao atual. Nesse caso, projeta-se como uma mulher inclinada ao aspecto antigo da cidade:

(119)porque aquele tempo pra mim tava tudo bom... e eu gostei era piquinininho não tinha nada aqui esse trecho daqui essa avenidona ali a avenida Brasil qui tá assim hoje num tinha nada tinha só uma ruazinha assim pra gente i lá pra baxo... (...)ali era o Maringá Velho e era bom num tinha asfalto não tinha água encanada é era tudo tocado a bomba a luz era também tocada a motor mais era bom a gente vivia folgado trabalhava ganhava dinheiro e era era muito bom... então quase toda tarde a gente ia passeá ne/nessa ruazinha ia até ali e ninguém esperava que o centro de Maringá seria ali embaixo (...)muita poeira muita muito barro muita lama muita mui e as casa também não tinha forro... a gente fazia aque e também não faltava empregada era muito bom a gente tinha empregada lavadeira que ficavam anos com a gente (...) né então a gente vivia bem... e todo o dia a tarde a gente passeava a gente que é ia as veiz a pé ia passeá indo por aí nos carreirinho por aí tudo tudo mato (...) era tu-do mato... era gostoso eu criava até galinha ali nas data vazia

Nesse caso, ainda que relate dificuldades ligadas à época do início de formação da cidade de Maringá, à vista de uma comparação entre as condições iniciais e atuais da cidade, demonstra apreço pela cidade em seu princípio, quando possuía traços mais rurais.

Ainda a partir dessa comparação e da identidade que vem construindo a partir de seu discurso, por vezes, Heloísa revela desconforto com as mudanças causadas pelo progresso da cidade, como se vê nos seguintes excertos:

(120)a:: gente tá vendo assim que a gente tá estranhando porque não conhece mais ninguém... eu não conheço rua de Maringá... eu não conheço... só conheço as rua que eu moro por perto por aí mas eu não conheço rua de Maringá eu não conheço as pessoa eu não conheço mais nada agora eu pra mim pra eu tô estranha em Maringá... Maringá tá muito grande... tá demais

(121)a gente conhecia todo mundo a gente antigamente era era bem diferente né... essa zona quatro por aí zona cinco por aí eu me perco minha filha mora na zona cinco no dia que eu pego outra rua eu me perco... fico perdida (...) a gente se perde nessas rua (...) o trânsito daqui tá bem:: violento né

(122)a gente dirigia a vontade por aí sabe agora não agora é cinto de segurança é não sei o que tudo é proibido tudo não pode nem estacioná

(123)eu adorava viu eu gostava muito mais antigamente agora Maringá tá muito movimento né... mu mu Maringá tá pior que São Paulo

Nota-se que a cidade de Maringá em seus anos iniciais, livre da movimentação e agitação comuns a grandes centros urbanos, torna-se um ambiente mais agradável para a informante, uma vez que ela teria condições para manter hábitos recorrentes ao ambiente rural, tal como a criação de animais, além da maior facilidade para locomoção. O discurso produzido por ela pode dar indícios do quanto ela está vinculada a esse ambiente, sobretudo quando reforça o desejo de morar no sítio, haja vista sua visão sobre o crescimento da cidade:

(124)Esses tempo atrais eu falei pro meu genro falei ó “acho que eu vô mora no mato vontade de mora no mato compra uma fazenda vontade de mora no mato”

Contudo, quando questionada sobre suas formas de entretenimento, dona Heloísa revela que tinha a oportunidade de frequentar locais de convívio social comuns

ao ambiente urbano, como cinemas e também locais comuns à elite urbana, como o Clube Olímpico e o Aeroclube. Todavia, dentre todos eles, preferia o Country Club, uma vez que

(125)(...) o Country Clube era o mais assim mais humilde mais / menos né coisa assim era um salão pro povo né

Ademais, quando trata sobre suas ideologias políticas, Heloísa também constrói um discurso em que valoriza o ambiente rural. É o que se nota quando ela justifica o porquê não votara no então presidente Fernando Henrique Cardoso:

(126)eu num votei pra ele não eu num votei pra ele... e eu acho que ele num tá colaborando com as pessoa que tem necessidade principalmente com a agricultura... né eu acho que ele é muito sei lá... ele não pensa nos pobre não... não gosto dele eu num votei pra ele

A partir dos excertos retirados do discurso de Heloísa até então, percebemos que a informante constituía-se como uma mulher vinculada ao ambiente rural, e que, portanto, sentia-se desconfortável diante de mudanças causadas pelo progresso.

No decorrer de seu discurso, Heloísa posiciona-se sobre outros tópicos que contribuem para a formação de sua identidade, é o caso, por exemplo, dos estudos, quando relata que:

(127)ANTIGAMENTE QUEM TINHA O O PRIMÁRIO TINHA TUDO PODIA TRABALHÁ EM QUALQUER LUGAR em banco em em dá aula qualqué coisa era um primário forte né... então depois do primário era o ginásio... né?... depois do ginásio era a faculdade... então aquele tempo num tinha tanta necessidade de estuda... né... então pra pra se formá era os escolhido que nem... meus irmão né os esculido pra se formá

“Necessidade de estudar”, de acordo com o relato, seria a necessidade de formar-se em uma faculdade. De acordo com a informante, o ensino superior seria descartado naquela época em virtude do alcance que tinha o então ensino primário, com o qual, segundo ela, poder-se-ia trabalhar em qualquer local.

De acordo com o que constrói em seu discurso, a ela não foi dada a oportunidade de seguir com os estudos, uma vez que foram os irmãos os escolhidos para se formar. Tal fato, de certa forma, pode indicar certo afastamento da cultura letrada, uma vez, também, que as demais comunidades às quais a mulher demonstra filiação não exigiriam tal vínculo como prática: o clube, a fazenda, a maternidade, o trabalho no comércio com o marido, a religiosidade, todas dispensariam associação a tal cultura.

Além de constituir-se como uma mulher inclinada ao ambiente rural, Heloísa também busca conceber a identidade da mulher pioneira e atribui à classe a responsabilidade pelo progresso da cidade:

(128)eu acho muito bom muito orgulho... eu acho muito bom viu... é:: eu acho que é uma coisa que a gente é:: iniciou e tá terminando... porque Maringá começo do nada... do nada

No caso acima, Heloísa falava sobre a importância do pioneiro para a cidade de Maringá. Na circunstância, ela se define como tal e procura revelar o orgulho em virtude disso. Assim, constata-se que a senhora Heloísa também constrói sua identidade sobre o discurso do pioneirismo.

Por fim, como mulher, dona Heloísa constrói sua identidade a partir de um discurso que dá destaque à independência, ao passo que, ao fazer menção aos negócios da família, afirma mandar em tudo o que era dela, o que pode desvelar, também, a classe social a qual a falante se enquadra.

(129)ó agora eu saio né porque eu que cuido de tudo que é meu... o dia que dá pra mim i a pé eu vô quando saio de carro já saio pensando onde que vo/largar o carro...

Deste modo, conclui-se que, ainda que a informante estabeleça vínculos urbanos, esta cria um discurso que valoriza o ambiente rural, sobretudo em face do que considera crescimento citadino. Nessa perspectiva, busca também, na política, reconhecimento para a classe agricultora, uma vez que já se constituía como tal. Além disso, suas práticas fazem com que se filie a diferentes comunidades. Assim, constituía-se como mãe, esposa, comerciante e pioneira.

Analisando as formas demonstrativas variantes dentre seus usos linguísticos, nota-se que Heloísa é, também, uma das falantes para quem o sistema demonstrativo entra já em um processo de mudança, dado que lança mão apenas da forma “esse” em seu discurso.

O fato pode, aparentemente, ser explicado por duas razões: a primeira delas diz respeito ao seu vínculo com o ambiente rural. Constituindo-se como parte desse universo, desprende-se da necessidade de valorizar a norma padrão, comumente valorizada em meio culto urbano. A segunda razão pela qual se pode explicar tal situação relaciona-se ao afastamento entre a informante e a cultura letrada, uma vez que ela alega não ter dado sequência aos estudos quando jovem.

5.7 João

Em virtude de sua chegada à Maringá no ano de 1953, João é, também, considerado um pioneiro do local e, nesse caso, também possui uma ficha de cadastro na Gerência de Patrimônio Histórico da cidade.

A partir de sua documentação no estabelecimento, descobrimos que o informante chegou à Maringá com quinze anos, em 1953, vindo de Quatá, São Paulo, sua cidade natal. Desde então, iniciou suas atividades no cultivo de café, ao passo que dava continuidade aos estudos principiados na antiga localidade. Assim, aos dezoito anos, já lecionava para turmas do 1º ao 3º ano do que até então se chamava “curso primário”.

Em 1958, João ingressou no Banco Nacional, onde trabalhou durante oito anos. Em 1967, ano em que deixou as atividades no banco, deu início à função de agente comercial pela Folha Norte do Paraná, onde chegou também ao cargo de diretor. Assim, ingressou na carreira de jornalista, fundando, em 1979, a Folha de Maringá e em 1981, a Revista Tradição. Em todos esses veículos, publicava uma coluna em que abordava assuntos econômicos.

Ainda em 1981, ingressou no Jornal O Diário, dando continuidade ao trabalho no departamento comercial. Vinculado à cultura letrada, tem três diferentes formações: é bacharel em direito e contador, ambos pela Universidade Estadual de Maringá, e publicitário, pela Escola Profissional do Rio de Janeiro.

Um dos tópicos discutidos na entrevista de João é a sua vinda para a cidade e a consequente avaliação do local. É a partir do assunto que o informante cria a *persona* do pioneiro, como se vê:

(130)nós morávamos lá em Quatá no estado de São Paulo...uma terra branca...muito fraca não dava nada e fo/() foi então que surgiu a propaganda da Companhia Melhoramento dizendo que nesta região de Maringá... o dinheiro dava no pé de café...então o pessoal de lá alucinado... por um ganho ma:is importante...porque a terra de lá era muito fraca () os meus tios vieram aqui e compraram um lote aqui pertinho do Cesumar aqui questão de mil metros de distância e:... nessa época...após a vinda DUM colono que nós contratamo...o meu pai contrato...ele veio derrubar a mata uma PARte da mata né...derrubou mais ou menos uns cinco alqueires e ali mesmo começou a plantar café... em cinquenta e três nós viemos com a família...eu meu pai meus irmãos o::... meu tio e outro tio é::...eram três sócios num lote de trinta e seis alqueire aqui... nós viemos inicialmente pra::... derrubar a mata... e foi o que fizemos ao mesmo tempo plantávamos café...e no meio dele... nós plantávamos arroz feijão para o sustento da família...já tínhamos ali um pouco de gado porcos né...então a gente ia vivendo ali mesmo (...) o que a gente via era só mato...mata virgem perobas de três quatro metros de largura no seu tronco...pecisava quatro pessoas pra derrubá-la...e::...o que tinha mais ou menos pra gente ir pra cidade era um trilho...era uma estradinha que só passava carroça porque aquele tempo...carro tinha muito poco então a gente andava-se muito de bicicleta e::... a cavalo tinha que fazer muito trecho a cavalo...ERA uma vida dura

Nesse caso, a constituição como pioneiro se dá ao passo que o informante procura demonstrar como a área a que chegara era primitiva e como teve que empenhar-se, em companhia da família, para trabalhar a terra e viver a partir dela. A expressão “era uma vida dura”, utilizada pelo falante, muito caracteriza o discurso do pioneirismo, em que as narrativas comumente relatam o sofrimento do pioneiro para, no fim, relatar sua glória.

Além de construir a identidade do pioneiro, a partir de seu discurso, João busca, também, construir a *persona* do jornalista conhecedor e experiente no que diz respeito à imprensa na região. Para tanto, procura demonstrar conhecimento acerca dos jornalistas

e de dois dos veículos de comunicação de sua época, a revista Maringá Ilustrada e a Isto é Maringá:

(131) Pacheco foi um...gigante no:: na imprensa de maringá...ele:: ele praticamente lançou o jornal de Maringá e por muito tempo ele...ele...ele progrediu muito...até ele era locutor também da rádio cultura...e toda tarde as seis horas ele ia falar na rádio da/dos principais tópicos do DIA SEGUINTE...que sairia no jornal de Maringá... então o:: (Eid) foi um baluarte da imprensa...não se lembro mais também o:: Manoel Tavares... e outros grandes da imprensa...Antônio Gomes de Assis também...foi...muito bom...nosso poeta... nós tivemos é::... uma plêiade de profissionais muito bons

(132) e::ssas revistas fizeram história...por exemplo...esta Maringá Ilustrada era uma revista:: de mais ou menos oitenta cem páginas...era impressa em São Paulo...papel couche naquela época...era o que era um show naquela época...e::...fotografias muito boas...ali nós tínhamos artigos de:: Antônio Augusto de Assis ARI DE LIMA o grande poeta...um dos maiores da::...do Paraná...é:: o Aristeu Brandespim...nós tínhamos...grandes escritores...e eles detalhavam ali a vida deles...PRAQUELE TEMPO ler um artigo importante era um GLÓRIA porque a gente não sabia nada...e quem escrevia...dava um show... por exemplo Ari de Lima era um..vernáculo interessante ele dominava o português como o...o Pelé dominava a bola...ele tinha um conhecimento () o Antônio Augusto de Assis... que pertence a Academia de Letras de Maringá...ele tinha uma facilidade pra escrever importante e: ele...ele seria hoje por exemplo um... autor de novela porque cada minuto ele escrevia um capítulo ((risos)) (dada) a sua inteligência... A OUTRA REVISTA TAMBÉM...era::...era diferente mas eles atacavam muito a sociedade...divulgavam muito e::...realmente eles travam o fruto da revista ali da sociedade...pocas empresas patrocinavam

É interessante, nesse caso, como o informante prenuncia sua valorização à cultura letrada à medida que descreve as duas revistas. O discurso criado por João deixa entrever que “dominar o português como Pelé dominava a bola” era, para ele, uma questão importante.

Tal hipótese pode ser sustentada quando se considera o discurso do falante em relação à atuação de Américo Dias Ferraz, prefeito de Maringá entre os anos de 1956 a 1960, quando declara que:

(133) bom o Américo...Dias...ele era...desculpe falar ele era analfabeto...então não sei como um prefeito pode ser analfabeto comandar uma cidade...ele ganhou a eleição pilotando uma moto niveladora e arrumando estrada porque a maioria dos votantes ERA DO SÍTIO... da área rural...então ele pilotava a máquina...uma pá capa/(carregadeira)e ele ele ia limpar estradas ali por isso ele ganhou a eleição...

Vê-se que, para o informante, a cultura letrada era fundamental para o exercício de algumas funções, como a de prefeito, por exemplo. De acordo com seu relato, o letramento escolarizado seria requisito essencial para o comando de uma cidade e, na falta dele, devia-se recorrer a outros atributos. Américo Dias Ferraz, segundo ele, recorria à aproximação que tinha com os moradores da área rural, maioria votante.

Como editor e proprietário de uma revista, além de membro da Academia Maringaense de Letras, João constrói um discurso em que atribui valor à cultura letrada escolarizada, em vista, provavelmente, da posição social que exercia.

Como jornalista também, o informante busca construir a *persona* de um homem determinado frente aos seus interesses pessoais. É o que se vê quando narra seu ingresso na imprensa maringaense e ironiza o fato de, em princípio, ter cobiçado o cargo como jornalista esportivo, bem como, quando jovem, não ter conhecimento algum sobre a área de departamento comercial. A partir dessas circunstâncias, o informante cria um discurso em que acentua seu esforço e sucesso na atuação nesse espaço:

(134) eu fu/queria trabalhar na Folha do Norte pra escrever sobre esporte...veja bem...cada cabeça né? (...)entretanto ao chegar lá eu encontrei o Seu João Dutra...que era irmão do Joaquim Dutra aí...ele falou “não...você vai trabalhar comigo no departamento comercial porque cê vai ganhar mais dinheiro...você trabalha a hora que você quer dia e noite...você vai ver que daqui a pouco tempo você tá ganhando um dinheirão”... e lá fui eu no departamento comercial sem saber sequer o que era propaganda o que era espaço... o que era edição ((risos)) pra que que servia o jornal...EU TENHO VERGONHA DE CONTAR ISSO PORQUE EU ERA REALMENTE UM

CHUCRO NÉ...um garotão de/tinha quanto? Vinte/dezoito anos mais ou menos dezessete ano...então eu...eu era... praticamente um aventureiro na imprensa...MAS AÍ COM A DEDICAÇÃO QUE EU TINHA com a vontade de vencer eu fui APRENDENDO logo e logo logo me:: destaquei como vendedor né?

Nesse sentido, João busca constituir-se como um homem dedicado que triunfa a partir de seu empenho na área em que escolheu para atuar.

Todavia, como se sabe, João, além de jornalista, exerceu outras profissões, dentre elas, a de professor. Em sua entrevista, ele narra também sua prática docente e, como tal, cria um discurso em que valoriza a figura do professor de anos iniciais.

(135)a escola onde eu lecionei por exemplo aqui no jardim da Gávea chamava escola municipal conselheiro Jesuíno Marcondes...e eu lecionei lá em cinquenta e seis cinquenta e sete cinquenta e oito...o::...interessante o detalhe...que eu tinha que lecionar pra três turmas...PRIMEIRO SEGUNDO E TERCEIRO ANO...DENTRO de uma sala de aula...em quatro horas...fazer o pessoal escrever...alinhar a mãozinha dele tal pegar no lápis...por isso que eu:: acho hoje o professor primário tem um valor imenso...professor primário devia ser chamado de mestre...porque é ele que inicia a educação (...) é a base de tudo...é a base da vida do futuro profissional

Nesse caso, a valorização à cultura letrada escolar, vista anteriormente, pode efetivar-se também em virtude dessa comunidade de prática a qual o informante filiava-se, haja vista que se tornava fundamental para o exercício de sua profissão.

Assim, nota-se que João, a partir de suas práticas, filiava-se a diferentes comunidades. Como jornalista, suas práticas discursivas dão conta de um homem determinado, preocupado com os direitos da classe e com a “correta” aplicação da língua portuguesa; como pioneiro, busca reforçar o discurso comum do pioneirismo; e como professor, procura enaltecer e valorizar o trabalho do professor de anos iniciais.

Quanto a seus usos linguísticos relativos às formas demonstrativas variantes, nota-se que, embora faça adesão ao processo de mudança do quadro demonstrativo, João faz, ainda, uso expressivo de ambas as formas, o que muito se deve, provavelmente, ao que o falante busca construir sobre si no momento da entrevista,

sobretudo no que diz respeito à sua posição como professor e defensor do “bom” uso da língua.

Assim, mais uma vez, pode-se associar a forma “este” aos contextos letrados escolarizados e, levando em consideração a posição social em que João se enquadrava, a contextos de maior prestígio social.

5.8 Luana

Luana chegou à cidade de Maringá em 1948, com procedência de Marília, São Paulo. Na cidade, além de exercer a profissão de professora, fundou o primeiro jornal ao lado do esposo, ficando conhecida como “primeira dama da imprensa”.

A partir da narrativa construída por Luana, nota-se que ela busca constituir-se também como uma pioneira e, nesse caso, busca embasamento no discurso do pioneiro quando fala sobre o que, para ela, seria a verdadeira história de Maringá:

(136)nós te::mos que relembra-la né pra que é essa juventude saiba... da nossa história porque Maringá tem uma história maravilhosa (...) sem dúvida nós::... progredimos... nós:: somos uma cidade aliás nós somos uma metrópole já

(137)esses meninos que não conhece a história de Maringá procurem:: se:: ...se:: ilustrar sabe onde é que tem a história de Maringá... porque é uma história linda Maringá nasceu do nada gente de uma floresta...e hoje é a metrópole que vocês VIVEM

Assim, debruçando-se sobre o discurso do pioneirismo, a informante acentua aspectos referentes à história e ao crescimento da cidade, elementos que, nessa prática discursiva, aparecem valorizados. Ainda, busca chamar a atenção da juventude da época que, segundo ela, demonstraria desinteresse em relação a essa história.

Além disso, sua busca pela constituição como sujeito pioneiro torna-se evidente à medida que dá indícios do orgulho que sente do status recebido por ela e pelo pai, quando relata que este também contribuiu para a fundação da cidade de Paranavaí.

Nesse caso, sua entoação enfática também pode contribuir para a ideia de ênfase que a mulher dá esse status:

(138)eu falava pro meu pai ele veio pra cá também atrás de mim logo depois ele veio eu falava pra ele “fica aqui papai olha que coisa linda que vai ser isso aqui aí eles vão derruba um pouquinho dessa mata e forma uma cidade” ele falo “não... eu num gosto dessa terra” ele tava acostumado com areia branca e foi para Paranavaí... FUNDO Paranavaí também... nós aqui temos a honra de sê fundadores e DESBRAVADORES

Dessa forma, é notório como a mulher busca acentuar o atributo concedido a ela e, com base na narrativa do pioneirismo, não se considera apenas uma pioneira, mas também uma desbravadora, haja vista as intempéries comuns da condição.

Todavia, a identidade da pioneira não é só construída à medida que Luana fala sobre a formação da cidade de Maringá. Na maior parte de seus relatos, Luana fala sobre a experiência de auxiliar o marido na fundação do Jornal de Maringá, primeiro jornal da cidade, destacando as dificuldades enfrentadas por eles à época. Assim, a mulher busca constituir-se como uma pioneira também nessa área.

À medida que a informante discorre sobre as dificuldades vividas à época, quando, segundo ela, tampouco contava-se com energia elétrica, Luana constrói um discurso que valoriza esse sofrimento e acentua o orgulho que esse trabalho proporcionava, a exemplo de quando relata os elogios recebidos por pessoas de renome na cidade, bem como quando relata a entrevista realizada por ela com os pais da atriz Sônia Braga:

(139)meu cumpadre... e também... outro colaborador... / de renome que ainda está vivo Antenor Sanches (...) ele escreveu uma carta aberta meu pro meu marido... você deve ter por aí... guardada é mu::ito bonita muito elogiosa... e:: nos:: nos:: nos deixou muito orgulhosos com o que ele disse né (...) e aí o meu marido... imprimiu pôs no jornal né... ficou aquela carta aberta em primeira página assim ficou muito bonita e também o nascimento da Sônia Braga que eu consegui entrevistar os pais dela

Assim, muito embora a fundação do jornal tenha sido um projeto do esposo, Luana emprega as práticas dessa comunidade para constituir-se também como a pioneira, nesse caso, na imprensa da cidade.

Contudo, além de auxiliar o esposo no projeto do Jornal de Maringá, Luana também atuou como professora de anos iniciais e, moldando essa *persona*, constrói um discurso que valoriza a sua atuação diante das contrariedades da época:

(140) ele falava “ajude uma criança estuda” porque ele via o meu esforço como professora... eu lecionava para cem alunos aquela época... não é essa porcaria de de de vinte e cinco agora não eram cem alunos pra pegar na MÃO pra ensiná os coitadinhos a lerem... e eles aprendiam

Nesse caso, a informante relata como o esposo inspirava-se em seu trabalho como professora e, consciente das dificuldades enfrentadas por ela, buscava orientar os leitores acerca da educação das crianças.

Assim, como se vê, embora Luana tenha exercido a profissão de professora e demonstrasse orgulho dela, em seu discurso, a informante dá destaque à sua atuação no jornal, ao lado do esposo, muito provavelmente por esta ter lhe conferido o título de primeira dama da imprensa em Maringá.

Nessa comunidade e na comunidade de moradores da cidade, Luana busca constituir-se da mulher pioneira e, para tanto, ampara-se no discurso do pioneirismo para construir essa identidade.

Sobre suas práticas de linguagem, principalmente as relacionadas às formas demonstrativas de que faz uso, constata-se que, em seu discurso, juntamente com Ana, Heloísa e Aurélio, a falante adere ao processo de mudança e abandona o uso da forma “este”.

Uma questão interessante que desponta ao analisar o caso da falante é que, em seu discurso, ela busca também constituir-se como uma professora. Nesse caso, esperava-se que, por comparação aos demais professores que compunham o rol de informantes da pesquisa, Luana também lançasse mão das duas formas variantes.

Nesse caso, pode-se levar em consideração a sua constituição como mulher. Citando Labov (2001), Scherre e Yacovenço (2011) asseveram que:

‘Em mudanças *from below* [sem consciência social e internas à variedade em uso], as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens’, apresentando assim comportamento inovador, mas em dissonância (*nonconforming*) com as normas explícitas estabelecidas (SCHERRE e YACOVENÇO, 2011, p. 123).

Levando em consideração essa perspectiva de conformidade e não conformidade, conclui-se que “é o comportamento não conformista das mulheres que faz delas as líderes de mudança, não seu gênero” (LABOV, 2001, p. 516 *apud* SCHERRE e YACOVENCO, 2011, p. 140).

Dessa forma, no caso de Luana, pode-se pensar que, embora participasse de uma comunidade de práticas em que preocupações de ordem normativa fossem compartilhadas, a falante tende à inovação em razão de sua construção como mulher.

Associada a isso, uma outra explicação plausível provém do fato de que, embora se constituísse como professora, em seu discurso, à época da entrevista, a falante já não engajassem tanto dentro dessa comunidade, afastando-se de suas práticas, sobretudo, as de linguagem.

5.9 Márcia

Márcia chegou à cidade de Maringá em 1952. A data impede que ela seja considerada uma pioneira no que diz respeito à constituição como moradora da cidade. Todavia, a informante recebe esse status em relação à sua profissão, visto que foi considerada a primeira cirurgiã-dentista da cidade.

Tendo posse desse status, Márcia também possui uma ficha cadastral na Gerência de Patrimônio Histórico da cidade. A partir de sua documentação no estabelecimento, descobrimos que ela nasceu em Curitiba, no ano de 1925. Formou-se professora normalista pelo Instituto de Educação de Curitiba, em 1945 e dentista pela Universidade Federal do Paraná, em 1951.

Dada a sua formação, Márcia transferiu-se para Maringá em 1952 para lecionar e abrir seu consultório dentário. Assim, à época, exerceu paralelamente as profissões de dentista e professora. Na primeira, colaborou para a fundação da Associação Maringaense de Odontologia; na segunda, ministrou aulas de Física, Química e Biologia.

Ao tratar de sua atuação como professora, Márcia constitui-se como docente capacitada, visto que, à sua época, de acordo com ela, eram poucos os profissionais formados que atuavam na área:

(141)quando então eu já era há 9 anos professora normalista e..eu pedi pro:... secretário de educação que era o Nilton Carneiro ...que eu queria minha transferência de Curitiba pra Maringá...eu pedi ao meio dia e às 4 da tarde eu tava transferida...porque Maringá não tinha quase professoras normalistas... (...) e...eu que trouxe comigo a () a nomeação da (Tumires) de Carvalho da Lucia Lopes da dona Laíde Pasquinel e eu não me lembro mais...mais uma outra pessoa que na hora eu não me lembro...mas eu trouxe junto com o meu memorando o nome dessas quatro professoras novas normalistas porque aqui era uma escola onde existia a maioria professoras leigas...e não tinham capacidade profissional em escola né

Nesse caso, a falante constrói um discurso em que se responsabiliza também pela nomeação de pessoal capacitado para atuar na cidade, responsabilizando-se, de certa forma, pelas melhorias na educação na cidade.

Todavia, o discurso construído pela falante deixa notar que, embora tenha exercido as duas profissões concomitantemente, a informante dá maior mérito à carreira como dentista, como se vê:

(142)eu trabalhava no esco/na...como professora normalista porque ela me dava subsídio pra poder comprar material odontológico...pra poder comprar meus livros porque... uma coisa interessante é que hoje ninguém quer...os alunos não quer pagar nem refeição ...mas no nosso tempo...a gente pra fazer os trabalhos..a gente cobrava do cliente um cruzeiro

De acordo com a narrativa, constata-se que a informante atuava como professora em razão do curso de Odontologia que frequentava, de modo que, com seu salário, pudesse pagar suas despesas.

Assim, a informante passa a construir a identidade da cirurgiã-dentista e, para tanto, ampara-se também no discurso do pioneirismo, ao passo que busca relatar as privações pelas quais passara em sua época de universitária, bem como seu êxito ao final:

(143)minha vida lá era... difícil porque como eu sou filha de pobre pe/ de pessoas com... de pode/poder econômico é: baixo...eu tinha que estudar e trabalhar...então a minha vida era assim do grupo escolar professor Cleto

onde eu lecionava... para a faculdade em horários diversos...então por exemplo eu ia numa aula das sete as nove e meia e depois as dez eu entrava trabalhando na escola... a tarde era a mesma coisa...das uma às três eu tinha aula depois eu vinha completar o meu horário de trabalho a:até as cinco horas e depois a gente tinha aula na faculdade ate nove meia dez horas da noite...então foi uma vida de luta...preu estudar eu estudava de madrugada porque não havia condição de tempo de estudar sem ser... fora da madrugada mesmo e felizmente graças a Deus eu tive a felicidade de terminar meu curso sem um...precisar fazer uma segunda época um ou uma/uma pode-se dizer até uma ... prova final que eu como era estudiosa e me interessava muito pelo curso...eu passava sempre por média

Os atributos com os quais a mulher se caracteriza são parte da construção de identidade que ela vem fazendo através de seu discurso. “Estudiosa” e “interessada” são adjetivos que contribuem para constituição da imagem da dentista determinada que a informante procura projetar.

Ainda no intuito de construir essa identidade, a informante busca relatar as influências que recebera em seio familiar:

(144)eu fiz odontologia mais por influência desde criança porque... eu convivi com dois tios dentistas...cujo ...doutor Guido Strobi é o patrono da odontologia no Paraná...onde o centro acadêmico de odontologia da Universidade do Paraná leva o seu nome...e a minha tia Mirian () Strobi falecida agora em outubro...com 95 anos...foi a primeira cirurgiã dentista estadual da escola pública...influenciada...por essa vida deles...d dentista...eu fui ser dentista

Aqui, a informante busca dar destaque à atuação da família na área da odontologia. Tal fato poderia funcionar como uma estratégia para reforçar a identidade que vem construindo para si mesma.

A narrativa sobre sua formação acadêmica e profissional pode, ainda, contribuir para a constituição de outro traço da identidade da informante, nesse caso, no que diz respeito à cultura letrada. A formação de Márcia como professora e como dentista pode já ser um indicador do vínculo que a mulher assume com essa cultura. Em seu discurso, à medida que se descreve como uma mulher determinada e estudiosa, ela narra suas

experiências e, além disso, enaltece o modelo de ensino universitário antigo, que, segundo ela, preparava para qualquer situação.

Para além da formação acadêmica, que proporcionou o contato da falante com a cultura letrada, suas perspectivas ideológicas também poderiam ser um indicador desse vínculo. Tal hipótese é sustentada com base no discurso que Márcia cria ao falar sobre a política na cidade de Maringá, nos primeiros anos de sua chegada.

Assim, ao falar sobre o ex-prefeito Américo Dias Ferraz, a falante critica seu desempenho sob as justificativas de que:

(145) Ele...completa que ele não tinha cultura pra ser prefeito... (...) Ele não tinha gabarito (...)

Para a informante, nesse caso, “não ter cultura” significaria, provavelmente dentre outros comportamentos, não demonstrar vínculo à cultura letrada escolarizada. Portanto, assim como Agnaldo, nessa ocasião, ela critica o fato de a prefeitura ser comandada por um homem não escolarizado e, dessa forma, dá indícios também de que se constitui com base em um discurso em que essa prática é valorizada.

No que diz respeito à sua constituição como mulher, há determinados pontos em seu discurso em que se pode notar a projeção de uma mulher ideologicamente conservadora. Isso fica evidente quando fala sobre o modelo de educação antigo, sobretudo quando exalta a disciplina OSPB, Organização Social e Política Brasileira, obrigatória no currículo escolar brasileiro durante o período militar.

(146)a educação perdeu...uma retirada...de...do currículo escolar do primeiro grau...das matérias que se chamavam educação moral e cívica que era onde ...não só dava o valor aos símbolos da pátria a pátria como ensinava as coisas de etiqueta social de...de...da valorização do velho da pessoa grávida da criança infelizmente deixaram de cantar hinos que nós eramos obrigados a chegar antes todos os dias se cantava um hino mudava-se diariamente de hino hasteava-se a bandeira a tarde ela era arriada então ensinava-se a criança a cultivar o hino e a bandeira do seu país o que nós hoje não fazemos ... infelizmente eu acho que essa sim que é o retrocesso e deveria voltar (...) OSPB porque eu acho que há a necessidade de que haja uma uma canalização da criança para aquilo que é o dever dele não só para com

a pátria como para com os cidadãos você pode ver você entra no ônibus... tem velha lá quase caindo tem criança sentada a mãe não é capaz de dizer meu filho levanta e vê...o jovem debocha do velho...então isto era aprendido na escola... na minha escola... no meu tipo de escola normal hoje infelizmente também saiu nós aprendíamos puericultura porque nós não eramos... nós não seríamos só professoras nós seríamos futuras mães...nós aprendíamos economia doméstica nós aprendíamos a economia da casa e aprendíamos a cozinhar.... não era...não era vergonha...mesmo na minha turma tinha vários homens não era vergonha ele aprender...nós aprendíamos agricultura nós éramos professoras mas nós podíamos ir para uma zona rural e nós tínhamos obrigação de saber alguma coisa da agricultura infelizmente foi feita umas modificação que hoje qualquer escola não ensina nada disso...isso já é especialização...

Márcia ampara-se em um discurso que pregava a ordem e o civismo e demonstra indignação pelo fato do abandono das disciplinas supracitadas, visto que, segundo ela, o conteúdo dessas matérias seria fundamental para a formação do cidadão. É dessa forma que Márcia, pouco favorável a mudanças, constitui-se também como uma mulher conservadora.

Em síntese, com base no discurso construído por Márcia, nota-se que ela se constitui como professora, dentista e agente de saúde pública. Nas duas profissões, procura projetar o status de pioneirismo em relação à cidade de Maringá. Além disso, agrega à sua identidade a *persona* de uma mulher culta, determinada, conservadora e influente.

No tocante às formas demonstrativas que utiliza, Márcia emprega ambas as formas, dentre as quais “esse” apresenta evidência. Nota-se, contudo, resistência de “este” em contexto anafórico, quando ela teria a opção de escolher entre uma e outra. Além disso, “este” aparece de forma expressiva nos usos da falante quando adjacente com o antecedente dentro de uma sentença.

O que se pode constatar, então, é que seu conservadorismo político, sua construção como professora e dentista conferem a ela um engajamento pela linguagem, de acordo com o qual valoriza, ainda, a manutenção da língua, resultando em reservas às inovações linguísticas.

5.10 Tadeu

Por fim, Tadeu chegou à cidade de Maringá em 1951. Da mesma forma, também possui ficha cadastral na Gerência de Patrimônio Histórico, legitimando seu status de pioneiro. Sua documentação informa-nos que ele saiu de Itápolis, no estado de São Paulo, e chegou à Maringá quando tinha dezesseis anos, acompanhado pela família.

Dada a sua chegada, trabalhou no sítio da família, propriedade que ficava na Estrada Centenário, em região próxima à cidade de Iguatemi. Em seguida, transferindo-se para a área urbana, exerceu diferentes funções: foi músico, atuou em programas radiofônicos, na promoção de bailes e festas, em lojas de tecidos e escritórios. Foi, também, vereador e bancário, função que o levou à atuação no Sindicato dos Bancários e que permitiu que ele morasse em diferentes cidades como Curitiba e Cambé. À época em que concedia a entrevista, era proprietário do Carinhoso Clube Dançante.

Ainda que tenha exercido essas diferentes funções, no discurso construído por ele, em sua entrevista, nota-se que o falante constrói uma *persona* específica: o artista autodidata e reconhecido. É possível chegar a essa conclusão a partir de trechos de sua narrativa em que fala sobre estudo, por exemplo:

(147) o meu forte memo era a música... não estudei... nem... escolas:: naturais que todo mundo tem que estudar... e também não estudei a música... eu só aprendi por minha/ com a minha vontade... meu desejo e:: TOco até hoje por ouvido... né... eu ouço uma música ali que eu gosto então eu já aprendo... de acordo com o ouvido... (...) eu ouço uma música ali que eu gosto então eu já aprendo... de acordo com o ouvido...

(148) sempre levei a sério aquilo que eu sabia fazer... nunca estudei (?) eu faço aquilo que eu faço porque aprendi... por gosto... de minha livre e espontânea vontade... não devo a ninguém ((risos)) (...) só a Deus né? só a ele que me deu o dom

Assim, Tadeu cria um discurso em que, dada a sua inclinação para a música, demonstra afastamento da vida acadêmica e, talvez, por conseguinte, da cultura escolarizada. O autodidatismo que o falante busca projetar torna-se evidente à medida que fala também que não estudara para ser músico, na verdade, aprendera “com o ouvido” e assim, logra sucesso na área.

Amparado nesse discurso que enaltece a música, Tadeu procura justificar o porquê não se adaptou à carreira como vereador:

(149) falar bem a verdade... eu não gostei da vida política... eu achei que:... não/não era pra mim... sabe a gente tem uma formação... tem uma criação da casa da gente diferenciada né? então eu chegava lá... eu respondia à altura aquilo que me competia de votar sim ou votar não... mas não gostei ((risos))(...) o que eu gostava mesmo era de tocar sanfona ((risos))

Além disso, de acordo com o discurso criado pelo informante, o fato de haver grande diferença entre o ambiente político e o ambiente ao qual estava acostumado foi uma motivação para ele não se adaptar à carreira política.

Como se vê, até então, a música é um elemento basilar para a construção do discurso de Tadeu e, por consequência, de sua identidade. Sendo assim, no decorrer de sua narrativa, ele busca valorizar essa arte, concedendo a ela algumas propriedades, como se vê:

(150) às vezes a pessoa iDOsa começa... imaginar assim que ele já tá sendo afastado da sociedade... mas é em termos né que graças a Deus eu com meu acordeão... estou sempre brincando aqui brincando ali e é sempre um prazer...

Nesse caso, além de constituir-se como um homem idoso, Tadeu atribui à música a capacidade de resgatar o convívio social da pessoa idosa, permitindo novamente a interação entre o idoso e a sociedade.

Outra propriedade atribuída à música no discurso de Tadeu é o reconhecimento que ela lhe permitiria como artista:

(151) Entrevistador: o senhor integrou:: vários tri::os... entre eles... éh::: o senhor atuou ao lado dos cantores... Caxeirinho... e... Cacheado (...) e tem até um fato interessante sobre eles... que me parece que vocês compuseram a música Disco Voador [

T: então essa LEtra do Disco Voador... é exatamente do CAxeirinho... E JUNTO com ele EU ajudei a Música(...) fizemos a música... peguei a sanfona... e a introdução que tá até hoje rodando o Brasil por aí o Disco

Voador... aquela introdução é de minha autoria foi eu que coloquei aquela introdução...

Nessa circunstância, Tadeu busca ser reconhecido como o artista responsável por uma composição que ganhou grande destaque no cenário musical, o que permitiria sua consolidação como músico, de fato.

O mesmo acontece quando o informante fala sobre o tratamento recebido nas rádios e demais atrações em que se apresentava. Segundo ele,

(152)era maravilhoso... aquele povo sempre recebia a gente com muita cortesia... porque na naquela ÉPOca a gente/nós aqui éramos artista... era local sim mas éramos considerado...

(153)então o cirquinho montava por ali e já avisava pelo alto-falante né?... então o povão ia por ali... e:: nós íamos lá nós éramos os artistas da região... repetindo aquilo que já lhe disse antes

Em ambos os casos, Tadeu constrói a identidade do músico regional que logra fama e respeito a partir de sua prática. Ainda em relação a essa constituição, o falante procura projetar o orgulho que sente à vista do que já conquistou em função da música:

(154)Entrevistador – e tocou ao lado do ídolo então? [

Tadeu – toquei na frente dele ele sentou lá no auditório com o pessoal... não dei o gosto pra ele não toquei nem UMA música dele... toquei SÓ... DU::AS MINHA ((risos))... E UMA DO:: SAUDOSO RIELINHO

(155)(...) gravei aqui com o Campanha e Cuiabano... né:: gravei/gravamos duas ou três músicas E:: como disse já também tive nesse show com Mario Zan... o:: Palmeira e Biá né... e::: LÁ em Mandaguari eu participei de um show maravilhoso toquei eu fui o chamado enche linguiça porque eu comecei o espetáculo no parque éh::: Cascatinha e Inhana sabe? foi um show espetacular... e na mesma noite estava lá também Palmeira Luizinho e Zezinha

Nesse caso, os relatos de orgulho diante das eventuais parcerias famosas desvelam sua busca pela consolidação como artista. Há trechos em seu discurso, inclusive, em que Tadeu procura construir a identidade do artista experiente na área, a exemplo de quando agradece o convite recebido para conceder a entrevista:

(156) eu fico eternamente agradecido porque... essas oportunidades raramente aparece... e:: aparecendo eu pego com as duas mão... porque é um orgulho pra gente... não só por saber mas sim por participar porque nós temos esse currículo antigo... e que nós temos/devemos levar sempre...

Assim, constituindo-se como o músico experiente, de “currículo antigo”, Tadeu sente-se à vontade para expor sua opinião acerca do cenário musical sertanejo atual. De acordo com ele:

(157) tenho dez conjuntos musicais por aí que vem lá tocar no meu clube... o baile no meu clube... mas o repertório é o mesmo de todos... muda um pouquinho o estilo porque um canta mais grosso mais fino mais ligeiro mais... lento... né? mas as MESmas músicas sempre... o mesmo repertório... É Disso Que o Velho Gosta... ou então aí já vem aquelas músicas de hoje né da/da daquelas... falando das mulheres... né? ((risos)) eu::... sou suspeito pra falar isso mas é uma verdade... quer dizer então hoje não se tem mais respeito para com... as letras...

Assim, Tadeu critica as letras atuais do gênero sertanejo e, em outros momentos, com saudosismo, afirma que as letras desse gênero deixaram de explorar temáticas como o sertão e passaram a apostar apenas em temas como mulheres e traição.

Dessa forma, diante do exposto, nota-se que Tadeu busca, em seu discurso, constituir-se como o artista experiente e reconhecido. Para tanto, o informante cria um discurso em que valoriza a música, visto que é a partir dessa prática que se constitui.

Seu discurso também permite inferir que, embora, em princípio, tenha mantido vínculo com o ambiente rural, é no ambiente urbano que realiza a maior parte de suas práticas, em virtude das suas diferentes atuações profissionais.

Suas práticas de linguagem, por sua vez, sobretudo quando concernente aos usos dos demonstrativos em análise, demonstram, também, adesão ao processo de mudança e realização da forma “esse” em evidência sobre “este”. Esta última variante resiste ainda

para o falante em contexto exofórico, local que seria, em tese, ambiente específico para sua utilização.

Se buscássemos analisar o uso linguístico de Tadeu de acordo com a perspectiva de contínuos da qual lançamos mão em situações anteriores, poderíamos encontrá-lo entre o [+ urbano] e [+ rural], em posição intermediária, constituindo um uso “rurbano”. Além disso, atribuiríamos à forma “esse”, o valor [+ oral].

5. 11 Considerações Finais acerca da análise discursivo-sociocultural

Tendo apresentado a análise linguística multissistêmica, que visava à explanação da norma vigente de uso dos demonstrativos entre os diferentes grupos de falantes que estavam presentes nos anos iniciais da cidade de Maringá, constatou-se que os falantes, em sua maioria, aderiam à variação. Para tanto, foram investigados todos os subsistemas em que as variantes “este” e “esse” entravam em disputa: lexical, gramatical, semântico e discursivo.

Na busca por associar esse fenômeno variável a um significado social, à medida que se procurava reconstituir a identidade dos informantes, apresentou-se a análise discursivo-sociocultural, ocasião em que os discursos apresentados pelos falantes, em suas entrevistas, foram analisados.

Partindo dessa investigação, identificaram-se as diferentes comunidades de práticas às quais os falantes filiavam-se, no intuito de analisar como as formas demonstrativas em estudo eram utilizadas por eles na formação de diferentes estilos que construiriam *personae* diversas e, conseqüentemente, constituiriam diferentes identidades.

A forma como os falantes constituíam suas identidades pôde apontar para resultados interessantes acerca do fenômeno variável representado pelo uso das formas “este” e “esse”. De modo geral, constatou-se que “esse” esteve majoritariamente associada aos discursos de falantes com menor grau de letramento, podendo receber, portanto, o valor [+ oral]. “Este”, por outro lado, demonstrou-se presente em contextos letrados e de maior prestígio social, o que lhe conferiria, nesse caso, os valores [+letrado] e [+ monitorado].

No que concerne aos contextos rural ou urbano, notou-se que “este” evidenciou-se no contexto urbano, sendo assim, [+urbano], à medida que “esse” esteve presente em ambos os contextos, o que lhe pode conferir valor “rurbano”.

Outras constatações podem ser feitas ao passo que se analisam as questões estilísticas dos falantes como forma de filiação às diferentes comunidades de práticas, o que pode apontar para os significados sociais que as formas supracitadas indecializaram neste estudo.

Nesse sentido, tendo observado tais questões, notou-se que a forma “esse” esteve atrelada a significados sociais associados à impassibilidade, inovação e progressismo. “Este”, por sua vez, associou-se à ênfase, autoridade/poder, conservadorismo e liderança.

É forçoso reiterar que tais significados foram interpretados dentro do *corpus* em análise e que, portanto, não devem ser vistos como uma normatização acerca das formas “este” e “esse”, visto que os próprios significados sociais são passíveis de variação, a depender das diferentes comunidades de práticas às quais se demonstra filiação.

O empreendimento da reconstituição das identidades dos informantes a partir da análise de seus discursos demonstrou, ainda, como a maioria dos informantes amparavam-se em narrativas comuns sobre a formação da cidade de Maringá para se constituírem. Em seus relatos, Agnaldo, Bianca, Heloísa, João, Luana e Márcia, de alguma forma, procuraram destacar seu status de “pioneiro”, evidenciando que, de fato, essa classe desfruta de prestígio e valorização social. Em suas narrações, todavia, os falantes procuravam ressaltar os sofrimentos pelos quais passaram para que pudessem ser assim qualificados.

Outros temas, importantes para a construção da imagem ideal da cidade de Maringá, foram levantados: a família, a religiosidade, a educação eficaz, o desenvolvimento urbano acelerado – ainda que, em alguns pontos, fossem citados inconvenientes deste último. Aparentemente, os informantes, revestidos da identidade do(a) maringaense pioneiro(a), procuraram legitimar os discursos oficiais sobre a formação da cidade a partir da forma como narravam suas experiências.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a variação no quadro do sistema pronominal demonstrativo brasileiro, representada pelo uso variante entre as formas “este” e “esse”, e a concomitante formação da cidade de Maringá/PR, buscamos responder a dois questionamentos, os quais são reiterados aqui: i) quais normas de usos dos demonstrativos estavam presentes na fala desses primeiros habitantes?; (ii) como inter-relacionar esses usos linguísticos com os aspectos socioculturais referentes a esses falantes?

Para responder aos dois questionamentos, analisamos dez entrevistas orais de falantes considerados primeiros habitantes da cidade e construímos duas análises distintas. A primeira, de cunho estritamente linguístico, amparou-se em Castilho (2010) e demonstrou o caráter multissistêmico dessa variação, considerando seus contornos gramatical, semântico e discursivo.

Nessa circunstância, constatou-se que a forma “esse” era utilizada com proeminência sobre “este”, nos usos dos falantes, corroborando o que já diziam os vários estudos que se debruçaram sobre essa variação.

Notou-se, ainda, que essa variação, constituída já como um processo de mudança, atingia todas as propriedades das formas em estudo, fossem gramaticais, semânticas ou discursivas.

Despertou o interesse, contudo, alguns usos isolados de determinados falantes, para quem a forma “este” resistia, ainda, em algumas situações. Assim, a segunda análise, além de responder ao segundo questionamento proposto, forneceu suporte para solucionar essa inquietação.

Esta segunda análise foi intitulada análise discursivo-sociocultural e realizou-se com base nos preceitos da chamada Terceira Onda da Sociolinguística. Tendo analisado os discursos de cada falante, na busca por reconstituir suas identidades, procuramos interligar os usos linguísticos aos seus elementos identitários, de forma que se pudesse compreender como “esse/este” eram mobilizados nas modulações de estilos e, consequentemente, na construção de diferentes identidades manifestadas na filiação a diferentes comunidades de práticas.

De modo geral, constatou-se que a forma “este” esteve, em maior parte, relacionada ao contexto urbano, letrado e monitorado, desvelando as práticas sociais

que se assentam em certo prestígio. A forma “esse”, por outro lado, mostrou proeminência em contextos de menor monitoração estilística e de maior oralidade, afastando-se de preocupações de ordem normativa. Já no concerne ao espaço ao qual as formas poderiam vincular-se, notou-se que “esse” associava-se tanto ao ambiente rural quanto urbano, recebendo, dessa forma, o atributo “rurbano”.

No que diz respeito aos significados sociais que as formas em estudo apresentaram nesta pesquisa, mediante a análise dos usos de cada informante, constatou-se, de forma geral, que “este” relacionou-se à ênfase, autoridade/poder, conservadorismo e liderança, ao passo que “esse” desvelou impassibilidade, inovação e progressismo.

Tais significados, contudo, não devem ser entendidos como uma padronização dos usos de “este” e “esse”, visto que, eles mesmos são fluidos e podem sofrer alteração mesmo na consideração de comunidades de práticas específicas.

No que diz respeito, por fim, à reconstituição das identidades dos informantes, notou-se, ainda, de modo geral, como os informantes legitimavam-se como pioneiros a partir dos discursos oficiais sobre a formação da cidade, deixando entrever, em seus relatos, valores importantes para a história da localidade, como a família, a religiosidade e a educação, por exemplo.

Dessa forma, esperamos que este trabalho possa contribuir para a história do português brasileiro, uma vez que descreveu seu uso em uma localidade sobre a qual não se apresentam muitos estudos, bem como para a história da cidade, haja vista que pode demonstrar como, procurando filiar-se a determinadas comunidades, os falantes desvelavam valores importantes para os discursos oficiais sobre a construção de Maringá.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. Demonstrativos e (ana)fóricos em Latim. **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, (1999) 155-171.

ARAÚJO, Silvana; LUCCHESI, Dante. **Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia: A Teoria da Variação Linguística**. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a.teoria.da.variacao.linguistica>. Acesso em: 8 de junho de 2022.

BATTISTI, Elisa. "Redes sociais, identidade e variação linguística", p.79-98. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

BORTONI-RICARDO S.M. . Um Modelo para Análise Sociolingüística do Português do Brasil. In: Marcos Bagno. (Org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 333-346.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola e agora?: Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO S.M. ; CAXANGA, M. R. R. . O ensino de Português e a variação linguística em sala de aula. In: Marco Antonio Martins; Sílvia Rodrigues Vieira; Maria Alice Tavares. (Org.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. 1ed.São Paulo: Editora Contexto, 2014, v. 1, p. 137-155.

CASTILHO, Ataliba T. & PRETI, Dino (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP. Vol. 2, 1987.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (org.). **Gramática do português Falado: as abordagens**. Vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Demonstrativos. In: ILARI, R. (Org.) **Gramática do português culto falado: palavras fechadas**. Vol. IV. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Reginaldo Benedito. A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica. **Hist. Ensino, Londrina**. Vol. 6, p. 103-120, out. 2000.

DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.) **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 2001.

ECKERT, P. The Whole Woman: Sex and gender differences in variation. **Language Variation and Change**, Cambridge, v.1, p.245-268, 1989.

ECKERT, Penelope. **Variation, Convention, and Social Meaning**. Artigo apresentado ao Annual Meeting of the Linguistic Society of America, 2005. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdfLUZ>.

ECKERT, Penelope.; MCCONNELL GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010. P. 93-107.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradutor(es): GUTIERRES, Althany; OLIVEIRA, Samuel Gomes de; ROCKENBACH, Livia Majolo. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa, rev. linguíst.** (São José Rio Preto) 56 (3), 2012.

GOMES DE OLIVEIRA, Samuel; MAJOLO ROCKENBACH, Livia.; GUTIERRES, Athany. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268–291, 2022. DOI: 10.22456/2238-8915.122962. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962>. Acesso em: 25 jul. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNGBLUTH, Konstanze. Os pronomes demonstrativos do Português Brasileiro na fala e na escrita. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 7, 2004/05, p. 83-105.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. **Word**. n.18, p. 1-42.1963.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Cambridge University Press, 1966, 498 pp.

LEAL, João Laércio Lopes. (Des)Conhecida História de Maringá: Novas Possibilidades Temáticas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 121, p. 40-44, jun/2011.

Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13651/7058>.

Acesso em 06 de setembro de 2022.

LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, vol. 9, University of York, 1980.

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Carlos César Borges Nunes. Comunidade de Prática, Indexicalidade e Estilo: subsídios teórico-metodológicos para uma pesquisa sociolinguística de terceira onda. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 76. Rio de Janeiro: CiFEFIL, ja./abr. 2020.

LUCCHESI, Dante; CALLOU, Dinah. Panoramas sociolinguístico no Brasil do Século XIX. In: LOBO, T.; CALLOU, Dinah. **História social do português brasileiro: da História social à História Linguística**. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 258 – 279.

LUZ, France. A migração através dos dados dos registros de casamentos dos cartórios da Microrregião Norte Novo de Maringá. In: DIAS, José Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999, p. 141 – 143.

MARINE, T. de C. **O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele**. Dissertação de Mestrado. Araraquara: FCL/UNESP, 2004.

MARINGÁ. **Lei nº3380, de 27 de maio de 1993**. Institui Títulos de Pioneiro e Pioneiro na Profissão. Maringá: Câmara Municipal, [1993]. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/maringa/lei-ordinaria/1993/338/3380/lei-ordinaria-n-3380-1993-institui-titulos-de-pioneiro-e-pioneiro-na-profissao>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

MATTOSO CAMARA JR, J. **Estrutura da língua portuguesa**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAVANI, S. **Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo**. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

PEREIRA, H. B. **‘Esse’ versus ‘este’ no Português Brasileiro e Europeu**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 109. 2005.

RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C; DUARTE, M. E. L. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YAVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146. 1ª parte 2011.

SILVA, Carlos Alberto Mororó. **Considerações sobre o espaço urbano de Maringá – PR: do espaço de floresta à cidade-jardim, representação da “cidade ecológica”, “cidade verde”**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SILVA, Edila Vianna da. A pesquisa Sociolinguística: a Teoria da Variação. **ABRAFIL**, n. IX, 2011, p. 49-57.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TOMAZ, Paulo César. A Região Norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, v.8, n. 2, 2010.

TOMAZI, Nelson Dácio. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, José Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999, p. 51-86.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice: a few frequently asked questions**. 2009. Disponível em: <<http://www.ewenger.com/theory>>. Acesso em: 12 jul. 2022.